



Regina Cohen

Maria Inácia D'Ávila Neto

Cidade, Corpo e Deficiência:

Percursos e Discursos Possíveis na Experiência Urbana

UFRJ Eicos

Instituto de Psicologia da UFRJ
Doutorado em Psicossociologia de
Comunidades e Ecologia Social

Regina Cohen

**CIDADE, CORPO E DEFICIÊNCIA:
Percurso e Discursos Possíveis na Experiência Urbana**

Tese de Doutorado apresentada como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social no Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Maria Inácia D'Ávila Neto

Co-Orientadora: Cecília de Mello e Souza

RIO DE JANEIRO

Maio de 2006

C678 Cohen, Regina,
Cidade, corpo e deficiência: percursos e discursos possíveis na
experiência urbana/ Regina Cohen. - Rio de Janeiro: EICOS/IP/UFRJ,
2006.
xiv+207 il.; 30cm.

Orientadora: Dra Maria Inácia D'Ávila Neto.
Tese (doutorado) - UFRJ/EICOS/ Programa de Estudos Interdisciplinares
de Comunidades e Ecologia Social, 2006.
Referências bibliografias: f.247-60.

1. Cidade, 2.Espaço Urbano, 3. Deficiente físico. 4. Corpo 5.Percepção.
6. Percurso, 7. Experiência Urbana. I. D'Ávila Neto, Maria Inácia. II.
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia,
Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia
Social. III. Título.

CDD 300

Regina Cohen

CIDADE, CORPO E DEFICIÊNCIA:
CIDADE, CORPO E DEFICIÊNCIA:
Percurso e Discursos Possíveis na Experiência Urbana
Percurso e Discursos Possíveis na Experiência Urbana

Tese de Doutorado submetida como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social no Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Inácia D'Ávila Neto
Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social – Eicos/UFRJ

Co-Orientadora: Profa. Dra. Cecília de Mello e Souza
Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social – Eicos/UFRJ

Profa. Dra. Rosa Maria Ribeiro Pedro
Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social – Eicos/UFRJ

Profa. Dra. Cristiane Rose de Siqueira Duarte
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – Proarq/UFRJ

Prof. Dr. Paulo Afonso Rheingantz
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – Proarq/UFRJ

Profa. Dra. Gleice Virginia Medeiros de Azambuja Elali
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RIO DE JANEIRO

Maio de 2006

MARIA INÁCIA,

O que dizer para minha orientadora?

Você esteve presente o tempo todo mostrando as incoerências, ajudando e apontando caminhos e percursos possíveis. Sei que não foi fácil e, mesmo não tendo demonstrado, me lembro do seu entusiasmo quando consegui definir minha metodologia e novas perspectivas para a pesquisa.

Você é batalhadora e te admiro muito como pessoa, intelectual e pesquisadora. Como orientadora me guiou nas leituras, me emprestou muitos livros e referências e acompanhou mais de perto na reta final a grande dificuldade de concluir o trabalho. Suas contribuições foram muito importantes e espero que consigamos escrever alguns artigos juntas, comemorar à vida como você fez um dia e planejar novas empreitadas.

Tenho um grande carinho por você e mais do que profissional quero tê-la como uma grande amiga.

BON COURAGE!

CIDADE, CORPO E DEFICIÊNCIA:

PERCURSOS E DISCURSOS POSSÍVEIS
NA EXPERIÊNCIA URBANA

CIDADE, CORPO E DEFICIÊNCIA: PERCURSOS E DISCURSOS POSSÍVEIS NA EXPERIÊNCIA URBANA

Que cidade é esta, em que tantos vivem, mas que só você vive,
que só você vê?
É sua a cidade dos que olham para cima? É sua a cidade dos que olham
para o chão, para as calçadas, para os degraus? Ou a cidade dos que
não olham, dos que não vêem?
A sua é a cidade em que a barriga pesa até libertar uma nova vida, ou
aquela em que não se pode falar em barriga?
Conte como é a cidade dos que se doem de amor e a das para quem o
ato de amar dói.
Vamos ler a cidade dos que ouvem outros sons e a dos que não ouvem
som algum. A dos que tocam sons que não se ouve e a dos que não
emitem sons.
Como é a sua cidade, se sua cidade é sua cor?
Como é sua cidade, encoberta pelo olhar viciado do cotidiano,
escondida pela indiferença ou apenas tímida, recôndita:
cidade invisível.

www.orkut.com - Comunidade As Cidades Invisíveis.

DEDICATÓRIA

Uma dedicatória especial para minha irmã querida que se estivesse aqui estaria muito feliz torcendo por mais este passo.

Sinto saudades!

A você mana eu dedico esta tese.

Na minha cidade eu consigo caminhar, mesmo sobre as rodas da minha cadeira. Não encontro buracos, degraus ou pedras. As calçadas são lisas e macias. Existem rampas em todas as esquinas. Na minha cidade as ruas não morreram, são alegres e cheias de árvores com pássaros. Tem informações para quem não ouve e consegue orientar quem não vê. A minha cidade fica no Brasil, mas existe apenas nos meus sonhos.

Regina Cohen. A Cidade do meu Movimento.
www.orkut.com - Comunidade As Cidades Invisíveis.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

PARA CRISTIANE

Alguém muito especial me ajudou durante todo este processo dando força e fazendo valer a pena chegar até aqui. Iniciei minhas pesquisas e a vida acadêmica sempre estimulada por ela. Esta pessoa se chama Cristiane Rose de Siqueira Duarte e a ela devo algumas palavras de gratidão.

Cristiane foi colega de turma na Faculdade de Arquitetura, orientadora de mestrado, cúmplice e sempre amiga. Depois de formadas nos afastamos e algum tempo depois nos reencontramos para trabalhar juntas no Núcleo Pró-Acesso da UFRJ.

Amiga,

É difícil te agradecer por tudo que tem representado na minha vida. Admiro você pela competência, inteligência e pelo carinho que tem pelas suas orientandas e alunas. Como senti sua falta nos momentos mais difíceis deste caminho quando queria te consultar, te mostrar o andamento do meu trabalho, dirimir as muitas dúvidas, angústias e inseguranças quando você partilhou um pouco das minhas ansiedades.

Estou emocionada e triste ao mesmo tempo porque agora sinto aquele vazio de concluir uma tarefa muito importante para a qual você foi a grande motivadora e por ter a honra de te encontrar sempre por perto como uma grande amizade que não quero que se acabe nunca.

Vamos comemorar muito e sempre porque são estas manifestações de afeto que nos fazem crescer e sentir o prazer de ir sempre mais adiante.

Muito Obrigado!

AGRADECIMENTOS

Não tenho muitas pessoas mais para agradecer, mas algumas foram bastante especiais. Durante as crises e a vontade de quase desistir pude contar com meu grande amigo e terapeuta **Jorge**, aconselhando, animando e fazendo ir em frente. Teve paciência e foi quem mais verdadeiramente acreditou que eu conseguiria chegar até aqui e vencer.

À minha querida bolsista e estagiária **Monique** do Núcleo Pró-Acesso da UFRJ devo desculpas pelas exigências e ausências e agradeço pela grande tarefa de fazer os quadros e tabelas desta tese. Gosto muito de você!

Ethel, minha amiga querida. Obrigado pela linda capa, pelo apoio moral e pela torcida. Tenho um grande carinho por você, sou sua fã incondicional, te admiro muito e quando crescer quero ter toda esta competência e ser como você.

Não posso deixar de mencionar a **Cecília**, para quem não sei o que dizer porque ela se sentia bastante acanhada na tentativa de ajudar, não sabendo como poderia desempenhar este árduo papel de ser co-orientadora. Obrigado por suas mensagens de apoio e pelos comentários importantes que fez sobre o copião.

Rosa Pedro, com você tudo começou quando fez minha entrevista para admissão no doutorado. Dali em diante, sempre te encontrava sorrindo em meio à qualquer crise, inclusive na minha qualificação, o que servia para acalmar a todos em volta.

Na vida acadêmica agradeço a **Paulo Afonso** com quem tenho a honra de trabalhar na mesma sala e pedir alguns conselhos acadêmicos e pessoais. **Gleice** que também faz parte da banca examinadora é uma nova amizade que tenho certeza irá crescer e render muitos frutos.

A **Mariana**, também bolsista, espero que não fique dando tantas desculpas. Agora vou te cobrar porque confio no seu potencial como estagiária e pessoa, desde que haja empenho.

Ficou faltando o importante agradecimento a todos os participantes da pesquisa e dos percursos comentados: **Ednilson**, **Evangel**, **Zenira**, **Vander**, **Chiquinho**, **Valmir**, **Lobão**, **Rita**, **Elane**, **Maruf**, **Tânia**, **Cláudio**, **Estela**, **Heloisa**, **Mariângela**, **Welington**, **Wesley** e **Valéria**. Sem cada um de vocês não haveria a pesquisa.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

Introdução – Apresentação do Tema 1

PARTE I – ESTRUTURA DA TESE:

1. Objeto de Estudo	7
2. A Problemática e as Questões Centrais	11
3. Hipóteses de Trabalho	13
4. Objetivos	14

PARTE II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL:

5. Jean-Paul Thibaud	15
6. Percursos e Itinerários pela Cidade – O Método como Fundamentação.	18
7. Outros autores	21
8. O Corpo Deficiente	24
9. O Corpo Deficiente no Ambiente Urbano	26

PARTE III – CATEGORIAS DE ANÁLISE E OUTROS CONCEITOS IMPORTANTES:

10. As Categorias de Análise	30
11. Outros Conceitos Importantes	35

PARTE IV – AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA:

12. As Pessoas com Deficiência	40
13. O Corpo Deficiente através da História	45
14. As Pessoas com Deficiência e o Desenvolvimento Sustentável	59
15. Pessoas com Deficiência, Sustentabilidade e Acessibilidade no Brasil.	63

PARTE V – AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E AS AMBIÊNCIAS URBANAS:

16. Sobre os Ambientes Urbanos	73
17. Corpo, Ambiente e Movimento – Motricidade e Mobilidade	74
17.1 – Percepção, Cognição e Experiência Urbana	80
18. Ambientes, Espaços e Lugar	85
18.1 – Corpo Deficiente situado no Espaço – Identificação com os Lugares	89
19. Ambientes Sensíveis, Percepção Situada e Acessibilidade	94

PARTE VI – METODOLOGIA – O CORPO DEFICIENTE CAMINHANDO PELAS RUAS DA CIDADE:

20. A Busca de um Caminho Metodológico	103
21. A Perspectiva do Usuário	103
22. Caminhos Metodológicos – Percursos Comentados – O Método de Jean-Paul Thibaud	105

22.1– Análise do Contexto das Pessoas Pesquisadas	108
22.2 – Definição dos Espaços de Pesquisa	111
22.3 – Os Percursos Realizados	112
22.4 – Entrevistas	114
22.5 – Foto e Vídeo	115
23. O Roteiro da Pesquisa	116
23.1 – Primeiro Passo – Percursos Comentados	117
23.2 – Segundo Passo – Entrevista	117
23.2.1 – O Percurso	117
23.2.2 – A Cidade como um todo	117
24. As Limitações da Pesquisa	118

PARTE VII – AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA POR ELAS MESMAS – A DESCRIÇÃO DOS PERCURSOS:

25. A Pesquisa de Campo	121
26. A Cidade Percebida – Os Percursos Comentados	122
26.1 – A Necessidade de uma Contextualização	123
26.2 – A Cidade de Salvador	124
26.2.1 – O Percurso na Estação da Lapa	125
26.3 – A Cidade de Juiz de Fora	130
26.3.1 – O Percurso na Avenida Independência	130
26.4 – A Cidade do Rio de Janeiro	133
26.4.1 – O Percurso no Bairro de Ipanema	135
26.4.2 – O Percurso no Calçadão de Campo Grande	137
26.4.3 – O Percurso no Bairro da Lapa	141
26.4.4 – O Segundo Percurso no Bairro de Ipanema	145
26.4.5 – O Percurso no Largo da Carioca	149
26.4.6 – O Percurso no Bairro da Tijuca – A Praça Saens Peña.	152
26.5 – O Distrito Federal ou a Capital do País – Brasília	156
26.5.1 – O Percurso na Esplanada dos Ministérios	158

PARTE VIII – ANÁLISE E AVALIAÇÃO DOS DADOS: 160

27. A Análise dos Percursos e dos Discursos	161
27.1 – A Cidade Vivida	163
28. Corpo, Ambiente e Movimento nas Cidades Pesquisadas – Deficientes?	171
28.1 – As Categorias de Análise	174
29. Cidades Possíveis	179

CONCLUSÕES 186

BIBLIOGRAFIA 191

LISTA DE SIGLAS 206
LISTA DE GRÁFICOS 206
LISTA DE TABELAS 206
LISTA DE QUADROS 207
LISTA DE FIGURAS 207

RESUMO

Regina Cohen

Orientadora: Maria Inácia D'Ávila Neto
Co-Orientadora: Cecília de Mello e Souza

Resumo de Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social no Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: corpo, deficiência, cidade, espaço urbano, percepção em movimento, percurso, experiência urbana.

CIDADE, CORPO E DEFICIÊNCIA: Percurso e Discursos Possíveis na Experiência Urbana

A presente pesquisa aborda a utilização e apropriação do ambiente segundo o caminhar de pessoas que possuem uma deficiência ou mobilidade reduzida. Trata-se de uma abordagem interdisciplinar da percepção ambiental que leva em conta a dimensão intersensorial da experiência urbana e os sentimentos. Esta investigação adotou o “método dos percursos comentados” de Jean-Paul Thibaud, para quem, as características do local são analisadas, na maior parte do tempo, em termos de situações ou de um determinado contexto espacial e temporal. Se para o autor, perceber envolve um conjunto sensorial que é afetado pelo tipo de mobilização perceptiva ao qual ele dá lugar, para esta tese, será este caminhar que nos mobilizará para o entendimento da relação entre corpo, cidade e deficiência e de percursos e discursos possíveis na experiência urbana. A análise da percepção ambiental de pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida foi realizada no contexto de quatro cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Salvador, Juiz de Fora e Brasília. Os dados obtidos nos permitem apontar para o paradoxo existente entre as cidades percebidas e as vividas pelas pessoas pesquisadas através das sensações. A falta de identificação destas pessoas com os lugares também demonstrou como elas não conseguem se apropriar deles e desenvolver o sentimento de pertencimento à sua cidade ou de sua experiência urbana. Mesmo assim, as cidades despertaram laços afetivos, revelando a expressão de uma ambiência sensível.

ABSTRACT

Regina Cohen

Advisor: Prof. Dr. Maria Inácia D'Ávila Neto

Co-advisor: Cecília de Mello e Souza

Abstract of the Thesis submitted as partial requirement for the obtainance of the degree in Doctor in the Program of Communities Interdisciplinary Studies and Social Ecology of the Psychology Institute at the Federal University of Rio de Janeiro.

Keywords: body, disability, city, urban space, perception in movement, route, urban experience.

CITY, BODY AND DISABILITY: Possible Routes and Speeches in the Urban Experience

This dissertation outlines how people with disability or reduced mobility use and appropriate urban environment. Our aim is to develop an interdisciplinary approach of the environmental perception and to take into consideration the intersensorial dimension of the urban experience and the feelings. For our investigation, we have adopted the “method of annotated routes” by Jean-Paul Thibaud, for whom local characteristics are analyzed, mostly, in terms of situations or on a specific spatial and temporal context. If the author understands ‘perceiving’ as an embodiment of sensorial elements affected by the type of perceptive mobilization, in this thesis it is this movement that allows the understanding of the relation among city, body and disability and of possible routes and speeches in the urban experience. The analysis of the urban perception of people with mobility difficulty is based on data collected in four Brazilian cities: *Rio de Janeiro*, *Salvador*, *Juiz de Fora* and *Brasília*. It reveals a paradox between people with disabilities perceived city and the cities experienced through their sensations. The lack of identity people with disability have towards the analyzed places has also demonstrated that they cannot improve their sense of belonging and appropriation of the city and their urban experience. Even though, cities can give good feelings such as affect, showing the expression of an ambiance.

INTRODUÇÃO – APRESENTAÇÃO DO TEMA CIDADE, CORPO E DEFICIÊNCIA.

“É possível ir mesmo mais longe ainda e indagar se a relação existente entre o narrador e sua matéria, a existência humana, não assume também um caráter artesanal; se sua tarefa não se resume exatamente em trabalhar a matéria-prima das experiências - próprias e estranhas - de forma sólida, útil e única?”.

Walter Benjamin. O Narrador. 1969: 80.

INTRODUÇÃO – APRESENTAÇÃO DO TEMA

Esta tese fará uma reflexão sobre a locomoção e sobre a motricidade, tendo como objetivo principal o entendimento dos percursos e itinerários cotidianos realizados pelo corpo deficiente. Foram analisadas as diversas formas de caminhar, perceber e descrever os ambientes urbanos e demonstraremos estas maneiras de agir, sentir, viver e conhecer esses ambientes que levam a pessoa a apropriar-se das cidades para a elas pertencer.

Mais do que assumir o papel do narrador de Walter Benjamin, foi investigada a realidade vivida por Pessoas com Deficiência nas cidades, suas sensações, sua percepção e seu corpo situado nos ambientes.

Os quatro primeiros capítulos, que formam a primeira parte da tese, apresentam a maneira como foram estruturados o objeto de estudo, objetivos e hipóteses de trabalho, a problemática e as questões centrais.

Para analisar os percursos e discursos, foi feito o levantamento da teoria existente sobre ambientes como lugares de ação e de sensações e de questões relacionadas ao corpo, à motricidade que o une ao seu ambiente sensível, à sua mobilidade urbana e à percepção situada no contexto de algumas cidades.

A parte II apresenta a fundamentação teórica tendo como principal eixo condutor o sociólogo Jean-Paul Thibaud. A aplicação da base conceitual e avaliação dos dados da pesquisa de campo consideraram as seguintes categorias de análise: *affordances* (características do meio ambiente

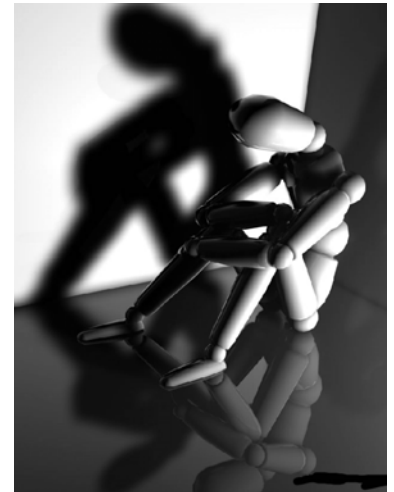


Fig 1: O corpo

Fonte: www.germinaliteratura.com.br/almandrade



Fig 2: O corpo deficiente em movimento

Fonte: Henri-Jacques Stiker

oferecidas ao usuário), orientação, identificação com os lugares e experiência urbana, colocadas na parte III.

Com base na etnometodologia de Thibaud e nestas categorias, apresentamos a hipótese de que as características físicas dos ambientes urbanos, ou suas *affordances* influenciam nas competências motoras e na habilidade de lidar com o meio, condicionando ou reforçando a deficiência ou a mobilidade reduzida e influenciando nos sentimentos que as Pessoas com Deficiência têm ao se locomoverem.

Os capítulos seguintes situam a realidade encontrada, o corpo deficiente através da história, sua relação com os ambientes urbanos e o tratamento dado pelos teóricos sobre corpo, motricidade, mobilidade urbana, percepção situada, ambiente sensível, lugar, experiência urbana e sustentabilidade.

Para compreender os caminhos efetuados pelas Pessoas com Deficiência utilizamos o “Método dos Percursos Comentados” desenvolvido por Jean-Paul Thibaud¹ que privilegia a ação e o envolvimento das pessoas diretamente analisadas. Deste embasamento teórico central sobre as situações urbanas diárias vividas foram estabelecidos os principais conceitos e referências para a investigação.

¹ Jean-Paul Thibaud é sociólogo, doutor em urbanismo e diretor de um centro de pesquisas sobre o espaço sonoro e o meio ambiente urbano UMR CNRS 1563 em Cresson, na Faculdade de Arquitetura de Grenoble. Os caminhos metodológicos que fazem parte de um de seus trabalhos nos conduziram em nossa pesquisa de campo, como será demonstrado na parte 6 desta tese que trata da metodologia adotada. THIBAUD, Jean-Paul. **La méthode des parcours commentés**. In GROSJEAN, Michèle ; THIBAUD, Jean-Paul [Org.]. *L’Espace Urbain em Méthodes*. Marseille: Éditions Parenthèses, 2001 [Collection Eupalinos – série Architecture et Urbanisme].

Foram realizados nove percursos comentados nas cidades de Salvador, Juiz de Fora, Rio de Janeiro e Brasília.

Em Salvador, foi definida uma rota em um local estratégico da cidade, quando a pesquisadora acompanhou duas pessoas cegas e duas pessoas com deficiência física. Na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais só participaram da pesquisa pessoas com deficiência física geradas por causas diversas. No Rio de Janeiro os percursos comentados foram feitos em bairros com características e localizações bastante diversificadas, assim como os perfis sócio-culturais e econômicos das pessoas entrevistadas. O percurso no Distrito Federal foi realizado por uma pessoa que se locomove em cadeira de rodas e, mesmo tendo sido feito em uma só quadra da Esplanada dos Ministérios, contribuiu de maneira significativa para as conclusões desta tese.

Percursos comentados efetuados por corpos deficientes foi uma novidade para todas as pessoas envolvidas na pesquisa, além de suas ações e sensações no espaço e no tempo. Significaram a programação de uma rota a partir de um ponto fixo e o encontro em um local predeterminado para o relato desta experiência urbana. O objetivo do método utilizado foi unir caminhos físicos e sentimentos, percepção e cognição, percurso e discurso, espaço e lugar, corpo deficiente e movimento. Implicou uma sucessão de atos: caminhar, ver, desviar-se, lembrar-se, perceber, comparar e descrever.

Os itinerários representaram o próprio movimento do corpo deficiente, seu deslocamento pelo espaço e sua relação com a

cidade, tendo sido registrados oito horas de gravações transcritas e analisadas pela autora e documentados através de recursos visuais como fotografias (cerca de 400) e vídeos (4 horas). Estes recursos metodológicos envolveram pesquisadora e pesquisados em uma interação que buscou o sentido de apropriação do lugar percorrido pelo corpo e uma identificação com a cidade.

Para Ítalo Calvino (1990), a cidade ideal é feita de exceções, impedimentos e contradições. Para as Pessoas com Deficiência surgem complexidades adicionais ao lidar com ambientes inadequados, o que afeta sua experiência individual do meio. Assim, a desestruturação do universo urbano que gera ambientes de não pertencimento é decorrência de todas as barreiras físicas existentes, como será demonstrado na avaliação dos dados e nas conclusões.

Os problemas colocados podem apontar para possíveis mudanças almejadas por estas pessoas. Repensando as concepções de percepção situada e de sensações vividas no ato de caminhar em um determinado contexto ambiental estarei repensando a acessibilidade, por mim trabalhada, avançando nesta área de conhecimento e subsidiando a construção de novos paradigmas para a expressão de uma afetividade motora pela cidade.

**PARTE I – ESTRUTURA DA TESE
OBJETO, PROBLEMÁTICA, HIPÓTESES E OBJETIVOS.**

“A ambiência não se apresenta como um objeto que podemos facilmente construir e delimitar. Colocando em questão a distinção de objeto e de sujeito, ela questiona a própria possibilidade de sua objetivação”.

Jean-Paul Thibaud. Une Approche Pragmatique des Ambiances Urbaines. 2002, p.156.

1. OBJETO DE ESTUDO

Esta tese adotou como objeto de estudo a relação do corpo deficiente com os ambientes da cidade, o que ela significa e a maneira como acontece. Por acreditarmos que qualquer objeto – o ambiente urbano das cidades – só pode existir com relação a um sujeito – a Pessoa com Deficiência –, esta relação e seu entendimento são fundamentais. As cidades se diferenciam e se qualificam como lugares de ação pelo trajeto desta pessoa deficiente que busca realizar certas atividades e que, neste esforço, considera os elementos do ambiente, seus apoios e seus obstáculos.

A escolha do universo da deficiência justifica-se pela maneira fragmentada dos inúmeros trabalhos acadêmicos que tratam do tema de forma isolada (Amaral, 1987; Gleeson, 1998). O conjunto das dificuldades encontradas diz respeito às muitas esferas da vida cotidiana destas pessoas que envolvem o acesso à saúde, trabalho, educação, cultura, esporte e lazer. Em todas estas atividades, conforme relatos da imprensa, os estudos mencionados e os depoimentos colhidos para este trabalho, percebe-se uma exclusão e uma não aceitação das diferenças corporais e um não reconhecimento de suas necessidades específicas.

Se considerarmos o crescente número de pessoas em todo o mundo com alguma dificuldade de locomoção ou mobilidade reduzida, como veremos adiante, percebemos que este segmento da população não mais constitui uma minoria. Com os avanços tecnológicos e médicos, as expectativas de vida

têm melhorado e vemos aumentar o envelhecimento da população. Pessoas acima de 65 anos apresentam deficiências e dificuldades para enxergar, ouvir e se locomover.

Gráfico 1:
Pessoas com Deficiência no Mundo

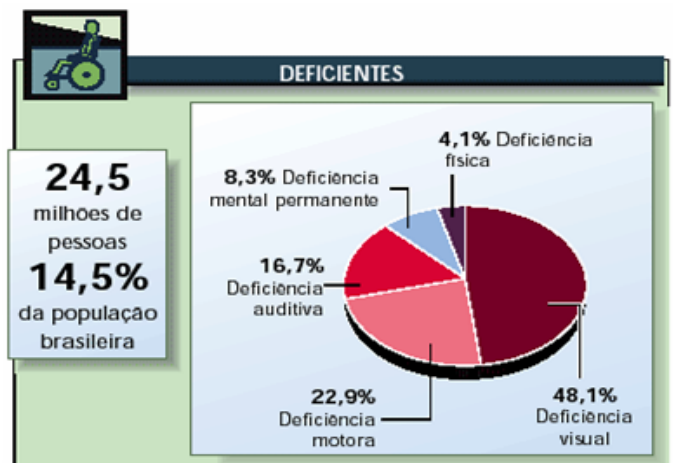
Fonte: Armazém de Dados – Rio em Foco
 Secretaria Municipal de Urbanismo
 Instituto Pereira Passos



Este gráfico mostra que mesmo nos países considerados desenvolvidos, como Canadá e Estados Unidos, o número de pessoas com alguma deficiência é bastante significativo, apesar de diferenças em termos de definição. Alguns países da Europa e também os considerados “em desenvolvimento” da América Latina, incluindo o Brasil, acompanham esta tendência.

O Censo Demográfico realizado em 2000 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou que 14,5% da população brasileira possuem algum tipo de deficiência, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 2:
Pessoas com Deficiência no Brasil
 (IBGE, 2000)
 Fonte: www.assistenciasocial.gov.br



No Brasil, esta incidência é maior na região Nordeste e menor na região Sudeste, como demonstra a tabela do IBGE (2000) abaixo. O Estado de São Paulo apresenta o maior número de cegos (23900), seguido pela Bahia (15400).

Tabela 1

Grandes Regiões	Proporção da população residente com uma das deficiências investigadas por domicílio, segundo as grandes regiões		
	Total	Urbana	Rural
Brasil	14,5	14,3	15,2
Norte	14,7	15,7	12,5
Nordeste	16,8	17,0	16,3
Sudeste	13,1	13,0	13,8
Sul	14,3	13,8	16,5
Centro Oeste	13,9	14,0	13,1

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

Segundo o IBGE (2000), deste total, 19,8 milhões de pessoas com deficiência vivem em áreas urbanas, fazendo com que o acesso aos ambientes para a realização das atividades diárias desempenhe um papel importante para a melhoria da qualidade de vida nas cidades.

Adotar como objeto de estudo esta relação entre a Pessoa com Deficiência e o ambiente urbano permite também avaliar a existência de cidades mais acessíveis que outras ou se barreiras físicas fazem parte apenas da realidade brasileira.

Apesar de a deficiência não ser uma questão recente, a acessibilidade atual que estas pessoas encontram em algumas cidades foi fruto de uma luta pela garantia de seus direitos que teve início em 1962 nos Estados Unidos e revela uma

tendência mundial de respeito à diversidade humana e à liberdade individual. O movimento de vida independente surgiu a partir de 1972 na cidade americana de Berkeley, na Califórnia, que foi pioneira na questão da acessibilidade. No Canadá, cidades como Vancouver ou Montreal são apreciadas pelo nível de acesso que conseguem proporcionar às pessoas com alguma deficiência. Algumas cidades européias como Barcelona, Amsterdã e Londres também têm demonstrado sensibilidade para a questão, pois já se vê em seus planejamentos urbanos a inclusão das necessidades espaciais de todos.

O arquiteto espanhol Francesc Aragall diz que em sua cidade Barcelona, considerada uma referência, a maioria dos projetos já incorporam a questão que lá evoluiu em função de um trabalho conjunto de diversos setores da sociedade, o qual culminou por ocasião de um importante momento político – os Jogos Olímpicos de 1992, quando toda a cidade teve de ser adaptada.

Por outro lado, pode-se observar como um maior número de cidades grandes e pequenas, leva adiante projetos de acessibilidade. Esta evolução teve bastante sucesso nas cidades americanas. Mais de vinte anos depois, a partir de 1982 o movimento internacional chegou ao Brasil influenciando as mudanças.

Algumas cidades da América Latina, como Santiago, no Chile e Buenos Aires, na Argentina, incluindo algumas cidades brasileiras, têm tentado se adequar à nova realidade por meio



Fig 3: Berkeley - CA - Travessia de Rua
www.transitorienteddevelopment.dot.ca.gov



Fig 4: Rampa no Metrô de Buffalo – NY
 Fonte da autora



Fig 5: San Antonio - EUA



Fig 6: Parque em Montreal – Canadá
 Fonte: Márcia Kauffmann



Fig 7: Travessia na Place de L'Opera
 Paris – França

de soluções pontuais, nunca de uma forma mais ampla. Pesquisamos o contexto de quatro delas e sua relação com as Pessoas com Deficiência. Em termos projetuais, a acessibilidade pode condicionar o processo criativo como o fazem a sustentabilidade, a cultura, a sociedade ou a economia.

Pensar o urbano é hoje uma necessidade. O modelo vigente até então, de que as pessoas é que deviam se adaptar aos ambientes ficou ultrapassado e cede lugar a um novo, mais humano que incorpora o direito de qualquer cidadão à sua cidade.

O pressuposto justifica a razão pela qual estamos trabalhando com estas pessoas. A exclusão faz parte de um contexto mais amplo, como colocado na dissertação de mestrado em urbanismo (Cohen, 1999), o que reforça a investigação desta tese sobre a realidade encontrada no Brasil.



Fig 8: Esquina com rampa em Paris - França.



Fig 9: Rua de Pedestres em Santiago Chile

2. A PROBLEMÁTICA E AS QUESTÕES CENTRAIS

Dando continuidade à pesquisa do Mestrado em Urbanismo, foi delimitada uma problemática que trata da percepção situada nos ambientes urbanos segundo pessoas com deficiência. Naquela época, trabalhamos com o recorte social constituído de pessoas que possuem alguma deficiência física e que se locomovem em cadeira de rodas ou por meio de muletas. Devido a uma maneira peculiar de locomoção, discorremos sobre a falta de vista panorâmica da cena urbana para quem possui um ângulo de visão mais baixo por estar sentado ou

devido à preocupação de ter que caminhar olhando para os buracos e irregularidades da calçada.

A importante questão de como estas pessoas percebem os ambientes de uma cidade mereceu uma investigação maior, transformando-se na problemática desta pesquisa para minha tese de doutorado.

O amadurecimento do tema e de algum tempo dedicado às questões de acessibilidade de pessoas com deficiência ao meio físico, também evoluiu para uma abordagem mais universal como tem sido o próprio discurso corrente. Desta forma, além das pessoas com dificuldades de locomoção, foi também incorporada a deficiência sensorial de visão como parte de nosso estudo.

Com relação à problemática do corpo situado no ambiente urbano pode-se mencionar Gauricus²:

“Todo corpo, qualquer que seja sua posição, deve estar necessariamente situado em um lugar. O lugar é antes de tudo um corpo situado”.

Pomponius Gauricus (De Sculptura, 1504), apud Jean Duvignaud. “Lieux et non Lieux”, 1977

O corpo deficiente situado em um lugar sintetiza a relação pesquisada entre corpo e ambiente urbano. Nos trabalhos consultados para embasar esta avaliação, a identidade da pessoa, sua interação com o mundo e a emergência do seu *self* têm sido o foco principal de estudos na psicologia. A identidade é vista como um “*processo de interação*”

² Tradução livre da autora: “Tout corps, quelque soit sa position, doit être nécessairement situé en un lieu quelconque... Le lieu est nécessairement avant tout corps situé. » (Gauricus apud Duvignaud, 1977)

*comunicativa entre consciência e corpo situado no mundo*³ (Souza & Gomes, 2005). Este sentido conferido a um corpo em função de ambientes que o constituem e o situam, faz parte das considerações feitas nesta tese.

Complementarmente à maneira como se dá a relação do corpo deficiente com o ambiente urbano, outra questão diz respeito a este corpo na cidade, do caminhar pelas ruas, perceber os ambientes, se locomover. Como as Pessoas com Deficiência se locomovem pelos ambientes urbanos das cidades? Como elas percebem e vivem esses espaços? Qual é sua experiência da cidade?

Estas são indagações de ordem bastante prática e objetiva e para tratar delas e também do plano mais subjetivo da experiência urbana, nossa problemática também busca entender as sensações e sentimentos que estas pessoas têm da cidade.

3. HIPÓTESES DE TRABALHO

Este trabalho teve como pressuposto principal a hipótese de que as deficiências são situações condicionadas pelo ambiente. Como hipótese complementar assume-se o fato de que a deficiência é condicionada pela situação encontrada no ambiente construído e sua forma sensível.

H.1 – As características físicas dos ambientes urbanos influenciam nas competências motoras e na habilidade de lidar com o meio, condicionando ou reforçando a deficiência.

H.2 – Os sentimentos das Pessoas com Deficiência com relação ao meio são situações condicionadas pelas características dos ambientes.

³ O grifo é da autora.

4. OBJETIVOS

O **objetivo principal** é investigar a locomoção e o comportamento ambiental das Pessoas com Deficiência. Buscou-se avaliar como o corpo de uma pessoa com deficiência física e sua postura corporal, bem como as deficiências sensoriais de visão influenciam na percepção urbana. Deseja-se também saber como os ambientes urbanos estão configurados para atender às necessidades destas pessoas.

Assim, a pesquisa se estruturou da seguinte forma:

Principais Objetivos:

- Examinar a maneira como as Pessoas com Deficiência se locomovem pela cidade;
- Analisar a relação entre a mobilidade urbana da Pessoa com Deficiência e os ambientes da cidade;
- Avaliar a Percepção Urbana de Pessoas com Deficiência.

Objetivos Específicos:

- Investigar a relação entre o corpo da Pessoa com Deficiência e a maneira como se locomove pelos ambientes urbanos;
- Avaliar como o corpo da Pessoa com Deficiência Física afeta a maneira como ela se locomove e percebe a cidade;
- Pesquisar como uma deficiência sensorial de visão influencia na maneira como a pessoa se locomove pela cidade e a percebe;
- Entender como essa deficiência visual influencia nas suas vivência e experiência de cidade.

PARTE II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL: CORPO DEFICIENTE, ESPAÇO E PERCURSOS URBANOS.

“O interesse dos trabalhos atuais sobre a paisagem é oferecer um quadro teórico que permita pensar a relação sensível com o mundo ambiente. Algumas abordagens se interrogam sobre a dimensão estética da experiência urbana contemporânea. Se existem diversas maneiras de conceber a paisagem, a maior parte delas reconhece sua vertente afetiva e emocional”.

Jean-Paul Thibaud. *Une Approche Pragmatique des Ambiances Urbaines*.

In Ambiances en Débats. 2004, p.152.

5. JEAN-PAUL THIBAUD

A adoção das noções de “ambiente sensível” desenvolvidas por Jean-Paul Thibaud (2004) foi um aspecto importante incorporado em nossa abordagem sobre a relação das Pessoas com Deficiência com as cidades. Serviu como ponto de partida e fundamentação teórica para esta tese, exatamente por colocar em evidência todos os sentidos e sensações que são acionados no ato de caminharmos pela urbe.

Esta relação prático-sensível inaugura uma nova maneira de tratar o corpo em uma dinâmica ambiental quando alguns fatores necessariamente devem ser pensados. Para Thibaud (2004:146), “o lugar possui um investimento corporal indissociável de seu poder de orientação e de expressão”, o que também nos faz abandonar as antigas teorias do ambiente sem qualidades por “uma abordagem do espaço encarnado” (Ibid, 147).

Além do envolvimento do corpo no ato fundamental de uma Pessoa com Deficiência se locomover, algumas das situações de percepção ambiental problemática são trabalhadas pela corrente de estudos desenvolvidos por este sociólogo francês⁴. O contexto situado de um corpo com mobilidade reduzida foi construído com base nestas considerações e, acima de tudo,

⁴ Em seu Laboratório de Estudos sobre o Espaço Sonoro em Cresson, onde é diretor, o sociólogo Jean-Paul Thibaud trabalha com as noções de percepção situada e ambiente sensível, por ele desenvolvidas e baseadas na etnometodologia. Estes conceitos fazem parte de alguns de seus trabalhos centrados na ação do cidadão, nos sentimentos e no envolvimento do corpo como base para a ação, como será tratado nesta tese.

nas relações afetivas com os lugares que ele é capaz de desenvolver quando os percorre.

Não podemos subestimar os sentimentos e esta pessoa responderá tanto ao mundo percebido quanto ao mundo real ou vivido através das sensações. Sua percepção será influenciada e situada por uma experiência prévia do seu ambiente sensível.

Estas são algumas das noções trabalhadas por Thibaud que conduziram ao referencial teórico de base etnometodológica, valorizando a ação do sujeito, a percepção situada e às qualidades sensíveis de uma ambiência que tem o corpo como base de expressão de uma afetividade motora e ambiental. Assim, considerando-se que existem diferentes maneiras de estudar e conceber os ambientes buscou-se estabelecer um novo paradigma e avançar nas clássicas teorias sobre o corpo, sobre a acessibilidade à cidade, sobre a percepção ambiental e sobre o sujeito com deficiência se deslocando e experimentando seu objeto de ação urbana: seu universo urbano imediato.

O ambiente, como trabalhado por Thibaud, emerge nesta tese como condicionante do deslocamento do corpo deficiente, condicionando também sua própria deficiência.

Esta concepção pode retirar da Pessoa com Deficiência a responsabilidade pela falta de habilidade de lidar com o meio, fazendo ver que as próprias ambiências são deficientes por não permitirem a motricidade e a mobilidade, que é a hipótese que buscaremos comprovar com as considerações que serão

feitas. O que esta pessoa identifica ou seleciona faz parte da sua experiência urbana que será o resultado da sua percepção ambiental.

Também buscamos uma metodologia inovadora para nossa pesquisa dos trajetos e caminhos que são efetuados pela cidade. Desta forma, os conceitos e procedimentos descritos no método de pesquisa de ambientes urbanos desenvolvidos por Thibaud também servirão como fundamentação.

6. PERCURSOS E ITINERÁRIOS PELA CIDADE: O MÉTODO COMO FUNDAMENTAÇÃO

“Quando nos referimos tanto à fenomenologia quanto à ecologia da percepção, parece ilusório querer dissociar a percepção do movimento. Este princípio de percepção motriz não diz respeito apenas a uma ontologia da carne ou de uma prática do corpo que percebe, ele torna-se operante para escolher a construção sensorial do espaço público”.

Jean-Paul Thibaud. *Méthodes des Parcours Comentés*. 2001, p.83

A reunião dos trabalhos sobre “métodos de pesquisa dos espaços urbanos” feita por Grosjean e Thibaud (2001) mostra uma evolução na maneira como a cidade tem sido analisada metodologicamente. As abordagens vão desde a Ecologia Urbana, Antropologia do Imaginário, Psicologia Ambiental, Avaliação Pós-Ocupação até trabalhos em Sociologia sobre Modos de Vida e Semiologia do Espaço.

Os estudos sobre a cidade aconteceram de acordo com dois movimentos. Em um primeiro momento, o espaço urbano era tratado separadamente segundo uma perspectiva arquitetônica ou uma perspectiva sociológica. Raramente havia articulação destas dimensões e o meio físico era visto como reflexo da estrutura social ou como determinante do comportamento.

A partir dos anos 80, ainda conforme Grosjean e Thibaud, começaram a surgir novos paradigmas de questionamento da cidade moderna e uma nova perspectiva de análise passou a valorizar três níveis:

1. A importância do contexto – a necessidade de avaliar o caráter situado dos fenômenos observados. Esta avaliação só podia ser feita com o pesquisador indo avaliar no local.
2. A valorização do cidadão dotado de competências para atuar sobre o meio – o cidadão como um agente produtor do espaço público.
3. As abordagens da fenomenologia - o espaço dotado de características próprias que afetam o deslocamento, para melhor ou para pior, daqueles que aí se locomovem, aí sonham, aí falam.

Com estas novas concepções de estudo da cidade, fui influenciada a pensar e trabalhar em termos de uma interdisciplinaridade mais ampla, e transcender a minha posição como arquiteta. Tornou-se ainda mais evidente a necessidade de entendimento dos lugares como ambientes para o comportamento das pessoas com deficiência. Estes estão intimamente ligados aos seus ambientes subjetivos e especialmente caracterizados como espaços psicológicos que abrangem aspectos sensoriais visuais, auditivos, olfativos e térmicos, aspectos cinestésicos que são os de movimento e as sensações que estão presentes nos deslocamentos.

A nova postura de dar credibilidade aos agentes que utilizam os ambientes urbanos faz parte da “etnometodologia” e foi escolhida como instrumento de pesquisa para esta tese por ressaltar o valor da experiência e da ação.

Assim, para uma investigação dos ambientes segundo a perspectiva de acompanhamento de certos itinerários urbanos,

a questão central da relação entre corpo e ambiente ganhou evidência ainda maior. As perguntas iniciais foram assumidas como questões fundamentais: Como as Pessoas com Deficiência se locomovem? O que é percebido por elas ao se deslocarem pela cidade? O que o lugar evoca para estas pessoas? O que ele mobiliza em termos de sensações, comportamentos, encontros, sentimentos, que tipos de sociabilidade?

Para responder a estas questões apoiamo-nos em conceitos de diversas disciplinas, em especial da psicologia ambiental, da percepção em movimento, da fenomenologia, da antropologia, da sociologia e do urbanismo. A interdisciplinaridade permeou toda a pesquisa, ajudando a definir um caminho de investigação: o “método dos percursos comentados” de Jean-Paul Thibaud.

Mais do que um método, a linha de pesquisa de Thibaud serviu como fundamentação, por tratar dos ambientes sensíveis, da ação dos habitantes urbanos, de sua percepção situada em um determinado contexto e de sua vida social dentro de uma abordagem interacionista mais complexa que a sustenta. A troca de olhares, os encontros e os contatos humanos exercem uma influência importante tanto na maneira como as pessoas são percebidas, quanto na maneira como percebem o ambiente social e urbano. Que lugar ocupa a percepção na “construção social da realidade” (Berger e Luckmann, 2002)?

Buscou-se a compreensão desta realidade encontrada a partir de uma percepção em movimento e de uma metodologia de

pesquisa que trabalha com contextos, situações, perspectivas, culturas e estratégias. O método não utilizou apenas o discurso do movimento das Pessoas com Deficiência pesquisadas, mas procurou “perceber em contexto”. A proposta do trabalho de Thibaud é compreender as características sensíveis de um lugar (1993), configurando a percepção de uma pessoa que caminha, seus sentimentos e afetividades e levando também em consideração o “inevitável colocar em movimento da percepção”.

7. OUTROS AUTORES

Nossa reformulação conceitual que se apoiou fundamentalmente em Jean-Paul Thibaud também nos conduziu à reflexão das diferentes abordagens sobre o tema da percepção situada do corpo, sua mobilidade e de um contexto que pode ser condicionado pelas características e situações ambientais encontradas ao se percorrer um determinado lugar. Na área da Psicologia Ambiental, James J. Gibson (1986) também foi referência importante para nossa fundamentação teórica. Sua Abordagem Ecológica da Percepção Visual Direta que trata de uma percepção associada a um corpo em movimento contribuiu para o entendimento desta relação. Alguns conceitos de exterocepção e propriocepção aprofundados por Gibson, contribuíram por sua reconsideração da noção de estímulos do meio ambiente que um corpo é capaz de receber. O que interessa mais especificamente com

relação às questões aqui desenvolvidas, é o sentido de cinestesia como a consciência de movimentos corpóreos e musculares e da mobilidade do próprio corpo sendo caracterizadas como fatores importantes da identidade das Pessoas com Deficiência nos ambientes da cidade.

Questionamos a teoria de Gibson por excluir o envolvimento dos vários sentidos e das sensações no ato de as pessoas se locomoverem e perceberem os ambientes. Apesar disto, o autor estabelece em seus estudos uma relação entre as características de locomoção dos indivíduos com as condições do meio, o que vai de encontro com Thibaud ao destacar a associação de uma motricidade com o caráter situado da percepção de acordo com um contexto ambiental.

Com estes suportes conceituais, podemos também fazer uma reflexão mais apurada sobre o conceito das *affordances* ou das características ambientais de Gibson como condições necessárias para a locomoção e a percepção. O processo, no nosso entender, também requer os aspectos cognitivos e afetivos no ato que o nosso sujeito - a Pessoa com Deficiência - desenvolve para se locomover e se identificar com seu ambiente urbano sensível imediato. Vista sob este ponto de vista, a mobilidade também adquire esta dimensão prático-sensível defendida por Thibaud, proporcionando para a orientação e para a percepção situada desta pessoa sentimentos e sensações que animarão estes lugares com sua participação, o que é negado por Gibson.

Na relação das pessoas com os lugares de uma cidade, um grande número de fatores interiores ao sujeito está envolvido na sua percepção situada de seu ambiente sensível. Amos Rapoport acrescenta a influência da cognição e dos aspectos da forma urbana, levando em consideração o envolvimento de três atividades no processo: área cognitiva – perceber, conhecer, pensar, etc.; área afetiva – sensações, sentimentos, emoções, etc. (incorporadas em imagens); área conativa – inclui a ação sobre o meio ambiente como resposta às duas áreas anteriores. (Rapoport, 1978: 42).

Com o acréscimo desta visão, conseguimos reunir em nossa fundamentação, os aspectos práticos da ação e da percepção visual situada em um tempo e em um ambiente presente de James Gibson com a cognição fazendo uso da memória e de sentimentos diversos como medos, desejos, afetos e aspirações (Rapoport) que são as nossas sensações (Thibaud) ao nos deslocarmos no meio.

As considerações feitas pelos teóricos de base etnometodológica colocam em questão a própria noção de recurso fornecida por Gibson e trazem para o centro do debate o próprio cidadão, na medida em que o recurso só existirá em função de um sujeito que percebe, de sua ação e de sua posição no ambiente.

Para a compreensão do universo urbano real e concreto vivido pelas Pessoas com Deficiência nas cidades *versus* as cidades vividas pelos seus sentimentos, a Teoria Ecológica da Percepção Direta de Gibson e o tratamento dado por Thibaud à

percepção situada de seu ambiente sensível não poderiam se sustentar sozinhos.

A busca de uma consciência acerca do caminhar pelos ambientes da cidade ajudou a definir uma outra perspectiva: a de um fenômeno chamado mobilidade urbana como resultante das características corporais destas pessoas ou de seu lugar na cidade. Considerando-se que a prática de um lugar é que constitui uma ambiência e envolve a motricidade de um corpo, também adotaremos a Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty (1996) como referência desta tese. Esta perspectiva nos fornece as importantes distinções entre “espaços geométricos” euclidianos e “espaços antropológicos” transformados em lugares e, principalmente, a síntese tão fundamental para as nossas reflexões sobre as possibilidades de ação ambiental e identificação com a cidade proporcionadas por um corpo situado “em relação com um meio” (Merleau-Ponty, 1996).

“Meu corpo tem poder sobre o mundo quando minha percepção me oferece um espetáculo tão variado e tão claramente articulado quanto possível, e quando minhas intenções motoras, desdobrando-se, recebem do mundo as respostas que precisa”.
Maurice Merleau-Ponty. Fenomenologia da Percepção. 1996: 337.

Pelo seu caráter existencialista e pela valorização da motricidade do corpo situado no ambiente, a fenomenologia faz parte de nossa fundamentação. As análises feitas por Merleau-Ponty sobre a percepção como um fenômeno e de uma experiência do corpo próprio foram de grande importância para o desenvolvimento deste trabalho.

8. O CORPO DEFICIENTE

“Quem disse que os aleijados são infelizes? Só porque eles não podem dançar? Toda música pára, em algum momento. Só porque eles não podem jogar tênis? Muitas vezes o sol está muito quente! Só porque têm que ser ajudados a subir e descer escadas? (...) A poliomielite não é triste - ela é só um grande inconveniente, o que significa que você não pode ter acessos de mau humor e correr para dentro do quarto e bater a porta com um pontapé. Aleijados é uma palavra horrível. Ela especifica! Coloca de lado! É muito íntima! Condescendente!”

Depoimento de Linduska que possui uma deficiência física.

In. Erving Goffman. Estigmas: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 1988, p.126.

Este depoimento de uma pessoa que se locomove em cadeira de rodas sinaliza para uma positividade quanto ao tratamento que pode ser dado a um corpo deficiente. A deficiência pode ser uma situação que faz parte de um contexto cultural, social e ambiental das pessoas que a possuem. Também pode ser vista como um aspecto especial que oferece novas oportunidades para a experiência e o amadurecimento do nosso sujeito no mundo.

Posturas corporais, competências motoras e motricidades específicas podem revelar pontos de vista mais de acordo com uma nova ordem que libere o tratamento do corpo deficiente dos modelos de um padrão idealizado. No lugar de compensar este corpo, a deficiência pode ser deslocada da pessoa para as características mais alegres da vida como seus encontros com o outro, suas sensações e sua afetividade.

Entretanto, serão feitas algumas considerações mais freqüentes sobre o corpo deficiente que fazem parte do discurso da sociedade e do preconceito ainda tão presente. Os próprios ambientes urbanos podem colocar este mesmo corpo em situações de desvantagem, reforçando a deficiência e

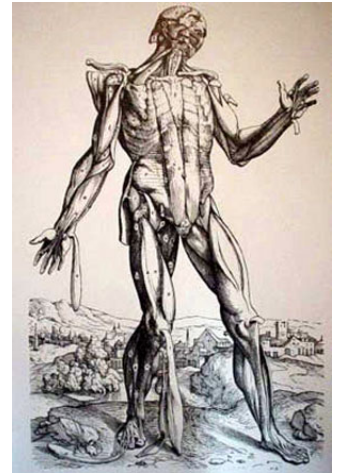


Fig 10: Andrea Vesalius
 De Humani Corporis Fabrica



Fig 11: mulher deficiente em
 cadeira de rodas.
 Fonte: site Corbis set 2005

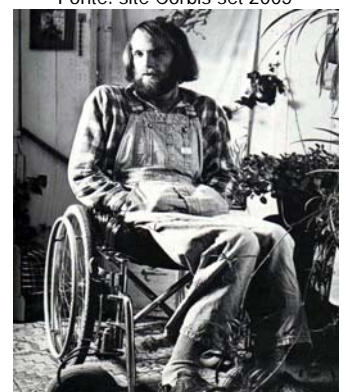


Fig 12: homem deficiente em
 cadeira de rodas.
 Fonte: Raymond Lifchez, 1979.

tornando-se eles próprios deficientes. Já existem alguns teóricos debruçados em análises interessantes nas áreas da antropologia e da sociologia, constituindo-se campos específicos para o estudo do corpo.

Pessoas que possuem corpos com mutilações, segundo Le Breton, são fadadas à suspeita, a elas se designa uma “existência que se desenvolve no palco, diante do ardor dos olhares sem indulgência dos transeuntes ou das testemunhas da dessemelhança” (Le Breton. 2003: 86).

Incluídas nas aparências imediatamente visíveis ao olhar dos outros, Le Breton também considera que estas características costumam gerar um certo desconforto no ambiente:

“Em nossas sociedades, o homem que sofre de alguma deficiência física não é mais sentido como homem inteiro; é visto pelo prisma deformante do distanciamento ou da compaixão. Qualquer alteração notável da aparência do corpo, qualquer transtorno que afete a motricidade, suscita o olhar e até mesmo a perturbação, a estigmatização”.

David Le Breton. Adeus ao Corpo. 2003: 86.

Diante destas colocações, utilizaremos alguns trabalhos desenvolvidos por David Le Breton, na sua antropologia do corpo e constituiremos este quadro teórico referencial com relação ao corpo deficiente.

Existem fatores a serem levados em consideração na constituição de nosso sujeito e que estão relacionados com o tipo de deficiência, com algumas funções orgânicas afetadas e com o comprometimento da própria motricidade diretamente relacionada com este corpo e antecedendo sua mobilidade nos ambientes. Ocorre muitas vezes o prejuízo de determinados sentidos como, por exemplo, o de cinestesia no caso da deficiência física, a visão no caso das pessoas cegas, a

audição para os surdos e a cognição em pessoas com deficiências mentais.

Mas, não pretendemos tratar o assunto em termos do que a pessoa perdeu e sim nas situações oferecidas para a sua experiência corpórea e para o seu viver na cidade contemporânea. Assim, sua locomoção, sua acessibilidade e sua orientação ficarão condicionadas pelas características ambientais e não por suas habilidades. A responsabilidade de inclusão deste corpo é retirada da pessoa, sendo transferida para seu universo de ação ou seu ambiente sensível.

9. O CORPO DEFICIENTE NO AMBIENTE URBANO

“Resulta disso um drama em que o movimento se torna tensão, luta e esforço entre o interior e o exterior dos seres representados e entre esses seres e os espaços que os circunscrevem e emolduram”.

Carlos Antonio Leite Brandão, *O Corpo do Renascimento*,
In Adauto Novaes, *O Homem Máquina*, p.287.

Existem muitas pesquisas sobre o corpo, mas busca-se nesta tese a relação desta corporeidade com a mobilidade urbana. Da tensão entre os nossos sujeitos com deficiência e sua dificuldade de locomoção ou mobilidade reduzida, procuramos pelas abordagens situacionais e fenomenais deste corpo.



Fig 13: Corpo em Metrópolis.



Fig 14: Corpo Deficiente no Espaço.
Fonte: Raymond Lifchez, 1979.

O trabalho de Paul Schilder sobre “A Imagem do Corpo” (1999) foi importante para a análise da locomoção destas pessoas pela cidade. Schilder sofreu influência da psicologia da gestalt e também inspirou-se na fenomenologia. Seus estudos concentraram-se nos mecanismos mentais da percepção e da ação.

A importância das qualidades do meio ambiente para a locomoção e ação são alguns pressupostos da teoria desenvolvida por Schilder. Mais do que isso, a autoconsciência do próprio corpo é fundamental para o movimento:

“O conhecimento de alguém sobre seu próprio corpo é uma necessidade absoluta. Deve sempre haver o conhecimento de que eu estou agindo com o meu corpo, (...), que tenho que usar uma determinada parte do meu corpo. (...) Há sempre um objeto em direção ao qual a ação é dirigida. Este objetivo pode ser o próprio corpo ou pode ser um objeto no mundo externo”.

Paul Schilder. A Imagem do Corpo 1999: 55.

Dentro desta concepção de direcionar a ação com um objetivo específico que é, no nosso caso, a própria mobilidade urbana, a imagem corporal, o movimento do corpo próprio trabalhado por Merleau-Ponty e o ambiente assumem uma interrelação situada. Em outras palavras significa que uma pessoa com características específicas de motricidade e diferentes habilidades motoras necessita de um suporte para a sua ação que pode ser a aceitação de seu próprio corpo ou um lugar que ela deseja alcançar.

O ambiente é dotado assim deste poder na competência de qualquer pessoa e ao mesmo tempo que ele é preenchido pelo corpo, ele também é capaz de influenciar suas reações emocionais, suas sensações e sua identificação com a cidade.



Fig 15: Pessoa Idosa no Espaço.
 Fonte: site Corbis.



Fig 16: Deficiente caminhando.
 Fonte: Raymond Lifchez, 1979.

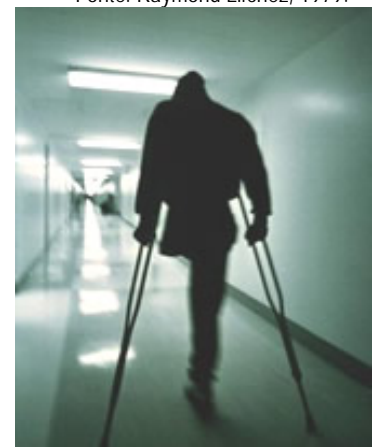


Fig 17: Amputado caminhando.
 Fonte: site Corbis.

Vista sob este ângulo, estas variáveis ambientais comprometerão os próprios sentimentos da pessoa com relação ao seu corpo, à sua deficiência e à sua urbe.

Soma-se a estas referências, o estudo de Rudolf Laban (1978) sobre o “domínio do movimento”. Se considerarmos que o objeto no mundo externo e nesta pesquisa é o ambiente urbano por excelência, a interação entre corpo situado na cidade e mobilidade das Pessoas com Deficiência formam o contexto global desta tese.

Neste sentido, os percursos e itinerários pela cidade como trabalhado no método de Thibaud (2001) se concretizam com esta dinâmica e recebe também a colaboração de muitos que com ele têm trabalhado dentro desta perspectiva, como é o caso de Mariani-Rousset (2001):

“Os percursos – Para certos pesquisadores, o percurso representa o movimento do corpo, o deslocamento no espaço. Para outros, ele é descrito como uma interação entre concepção e visita, o percurso sendo levado em conta em função do contexto. Com o percurso, o simples fato de se deslocar começa a possuir sentido”.

MARIANI-ROUSSET, Sophie. La méthode des parcours dans les lieux d'exposition. In Grosjean e Thibaud. Espaces Urbans en Méthodes. 2001: 31.

Os trabalhos de Thibaud têm recebido um interesse cada vez maior de pesquisadores dos ambientes públicos urbanos e das situações cotidianas dotadas de algum sentido. A locomoção da Pessoa com Deficiência e a relação de seu corpo com estes ambientes sensíveis dotados de algum valor, ajudou a constituir todo este arcabouço teórico que serviu como fundamentação desta tese.

PARTE III – DEFINIÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE E OUTROS CONCEITOS IMPORTANTES.

“A imagem que as pessoas têm de si mesmas, sua auto-imagem, se baseia em um sentido de própria competência e influi na imagem que tem de seu meio ambiente, de sua interação com ele e de sua avaliação. Tudo isto se refere à implicação no meio, ao papel das imagens na interação homem-meio, às atividades e à conduta, e à função simbólica de meio físico ao estabelecer a identidade de grupo e a percepção e cognição ambientais do meio urbano”.

Amos Rapoport. Aspectos Humanos de la Forma Urbana, p. 326.

No processo de relação com a cidade, muitos elementos interagem para que a Pessoa com Deficiência possa se deslocar e ter seu corpo situado nos ambientes. A consciência e o domínio de seu próprio movimento, a imagem corporal de si, os seus espaços físicos e sociais, a percepção da cidade, sua identificação com os lugares e seus sentimentos, são todos aspectos das atividades, da conduta e da vida desta pessoa. Estes fatores serão examinados como categorias de análise. Além destas categorias, tornou-se necessária a colocação de alguns outros conceitos igualmente importantes, como, por exemplo: mobilidade urbana, acessibilidade, barreiras, rota acessível e desenho universal.

10. AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Identidade do Corpo no Espaço - Identificação com a Cidade

O conceito de identidade aos lugares⁵ – “*place identity*” ou “*place attachment*” – foi desenvolvido nos anos 70 pelo pesquisador Harold Proshansky para designar a característica do lugar que proporciona à pessoa uma identificação e ao mesmo tempo reforça a identidade do seu eu pessoal de forma cognitiva e afetiva e também sua identidade social.

“É que a identidade pessoal exprime-se também em termos de identificação com um lugar. Mas pode também acontecer que não nos identifiquemos com o lugar onde estamos; neste caso nascerá um sentimento de não-integração: o espaço é então vivido como um meio no qual nos sentimos estranhos e com o qual recusamos qualquer familiaridade. Estamos assim perante um fenômeno eminentemente conflitual que se exprime como uma resistência a condições de vida insatisfatórias e à exclusão potencial que elas arrastam”.

Gustave N. Fischer. Psicologia Social do Ambiente. 1994:199.

⁵ A tradução literal da expressão “*place identity*” do inglês seria identidade aos lugares o que preferimos designar por uma identificação que é um processo mais amplo que envolve o pertencimento à cidade e a apropriação dos lugares.

A identificação com um lugar é a qualidade do espaço físico que fornece ao homem um sentido de “*place identity*”, ajudando-o a definir seu papel na sociedade. É um conceito muito importante para a Psicologia Ambiental que envolve não só a história da Pessoa com Deficiência, como também sua competência motora, sua motricidade e a história ou contexto do lugar que ela habita, ou seja, sua cidade.

A idéia de “*place identity*” de Proshansky é a mesma desenvolvida por Abraham Moles e Elisabeth Rohmer (1978) sobre o “Point Ici” que antropologicamente se traduz pela idéia de que o homem necessita de espaço e mais ainda de um lugar. Segundo Moles e Rohmer, esta identidade ou *Point Ici* revela-se para a pessoa com sentimentos de pertencimento, apropriação, domínio e até laços com os ambientes que dão um significado aos seus deslocamentos, permitindo o seu movimento e a sua experiência urbana.

Esta experiência constitui-se da mobilidade da pessoa e de sua percepção situada no contexto da sua motricidade. Traduzimos esta identificação como a experiência do aqui e do agora ou de ambientes que se transformam em lugares. É neste sentido que investigaremos a locomoção e a apropriação dos ambientes pelas pessoas com deficiência.

Affordances do Meio Ambiente

“São o que o meio oferece ao animal, o que ele proporciona ou fornece, tanto para o bem como para o mal. O verbo to *afford* é encontrado no dicionário, mas o nome *affordance* não. Eu o construí. Eu quero com isto me reportar a algo que se refere tanto ao meio ambiente quanto ao animal de maneira que não existe nenhum outro termo. Ele implica a complementaridade do animal e do meio ambiente”.

James Gibson. *The Ecological Approach to Visual Perception*. 1986: 127.

A teoria das *affordances* de Gibson foi influenciada pelo trabalho de Kurt Lewin para explicar a idéia de “valência”⁶ que significa as características físicas próprias de um meio ambiente permitindo a locomoção das pessoas. Ambientes, situações ou outras pessoas podem possuir valências positivas ou negativas dependendo da sua habilidade para satisfazer as necessidades ou ações. Mas para Gibson, a *affordance* de uma coisa não muda quando a necessidade do observador muda. O observador pode ou não perceber ou atender a *affordance*, de acordo com as suas necessidades, mas ela está sempre lá para ser percebida.

O conceito e a idéia de *affordance* desenvolvida por James Gibson (1986) coloca em evidência a constituição do próprio ambiente como favorecedor ou não de uma identificação com a sua cidade. As *affordances* dizem respeito à ação e ao movimento de uma pessoa; no sentido prático e objetivo, são as características de um ambiente e as possibilidades que ele fornece. Devem estar intimamente relacionadas com a postura da pessoa que está sendo considerada e possuem um significado pelo que permitem ser efetuado no ambiente, apontando para a dicotomia do mundo subjetivo da pessoa com o ambiente objetivo da cidade.

Mais do que isso, a *affordance* pode transferir a dificuldade de locomoção da pessoa que possui uma deficiência para o próprio ambiente. Um dos exemplos colocados por Gibson

⁶ “Valence” foi um conceito desenvolvido por Kurt Lewin e a tradução oficial mais próxima é de valência, termo utilizado também por Antonio Gomes Penna (1993).

refere-se às propriedades de uma superfície relacionadas ao corpo e ao tipo de locomoção.

Com esta categoria de análise, serão verificadas as características objetivas da cidade – as *affordances* do meio ambiente – como parte do processo da percepção das Pessoas com Deficiência situada nos ambientes. As *affordances*, para Gibson, são os únicos fatores que influenciam a avaliação, excluindo qualquer representação mental e é considerada pelo próprio autor uma hipótese bastante radical por implicar que “os ‘valores’ e ‘significados’ das coisas no meio ambiente podem ser diretamente percebidos” (Gibson, 1986: 127).

Nesta tese também serão examinadas questões mais subjetivas, mentais e fenomênicas que estão contidas nas outras categorias que serão mostradas a seguir.

Orientação Espacial

“O sentimento de orientação é essencial para nosso bem-estar no meio ambiente. Basicamente, ele nos permite saber onde estamos, ter um sentido de onde ir depois e ser capaz de escolher uma rota adequada para chegar lá. Dá um sentido de facilidade e alegria e nos permite apreciar novas e inesperadas características. Envolve um nível de diferenciação no meio ambiente para fornecer alternativas para direção, distâncias e mudanças, assim como um sentido de familiaridade nele”.

Henry Sanoff. *Visual Research Methods in Design*, 1991: 73.

uma maneira compartilhada da cultura, acessível às pessoas e significa a experiência comum de localização que uma pessoa pode encontrar em um ambiente desde que existam condições para tal.

É considerado como um processo cognitivo que geralmente ocorre com respostas afetivas em relação a um lugar, expressando uma sensação de encontro ou de um lugar para o corpo da pessoa se situar no tempo e no espaço. A orientação

espacial é um fator muito importante na caracterização da “boa forma da cidade” (Lynch). Theo van der Voordt (1978) a coloca como um dos nove aspectos embutidos no conceito de qualidade funcional.

As arquitetas Dischinger, Ely et al., sustentam com base em seus estudos sobre a acessibilidade, que a orientação de uma forma mais ampla envolve dois processos distintos e interativos: orientação espacial e orientação dinâmica. O primeiro segue a definição de Sanoff que o traduz com a idéia de mapa mental. A orientação dinâmica⁷ “envolve o deslocamento do indivíduo para chegar a determinado local” (Dischinger, Ely et. al., 2004:31).

Segundo Passini (1984), a orientação envolve três características: informação, decisão e execução da decisão. O processo deve ser visto de forma integrada envolvendo também as informações contidas no ambiente. De acordo com Gibson, a orientação só é possível com as *affordances* que as pessoas encontram nos ambientes que lhes fornecem esta informação, tornando-as capazes de se decidirem para onde querem ir e partirem para a ação.

Experiência Urbana

“Tudo aquilo que o homem é e faz está ligado à experiência do espaço. Nosso sentimento do espaço resulta da síntese de numerosos dados sensoriais, de ordem visual, auditiva, cinestésica, olfativa e térmica”.

Edward Hall, A Dimensão Oculta.

experiências sensoriais. Jean-Paul Thibaud (2001) apontou esta dimensão intersensorial dos ambientes. Para obter esta

⁷ Segundo as autoras, a utilização do termo “orientação dinâmica” foi resultante da tradução de “*wayfinding*”.

experiência urbana, a busca de orientação e informação no espaço faz parte da exploração perceptual situada no meio e utiliza todos os órgãos dos sentidos, através dos quais o ambiente se relaciona com o corpo, contribuindo para sua locomoção, sua ação e sua experiência.

Com relação à percepção visual e à experiência adquirida por este sentido, leva-se em consideração o ângulo de visão da Pessoa com Deficiência que olha, que depende de sua postura corporal, de sua motricidade, de sua posição no espaço (sentada, inclinada, etc.), de sua maneira de locomoção, das características dos ambientes urbanos e da disposição dos elementos e equipamentos na cidade.

Além da visão e da percepção, o caráter da experiência também é parte de um processo de “cognição espacial intra-urbana” (Cauvin, 1999). Assim, a Pessoa com Deficiência pode experimentar um espaço urbano específico (uma rua, uma praça, um transporte, uma estação de ônibus) e neste ato ela desenvolve algumas ações: julgamentos, avaliações e interpretações de seu esquema cognitivo. São os resultados destas operações que propiciarão a ação e a experiência urbanas. Em outras palavras, esta análise envolve mais especificamente, três áreas: área cognitiva, área afetiva e área conativa.

A experiência urbana também depende de muitos outros fatores. Certamente, o ambiente físico é importante, mas não único. Com base nas colocações dos estudiosos da

experiência urbana⁸, pode-se dizer que “a consciência do próprio corpo do observador no mundo é uma parte da experiência” (Gibson: 207). E como o espaço urbano é vivido através da ação, é a experiência deste corpo da pessoa com deficiência em movimento que será examinada.

11. OUTROS CONCEITOS IMPORTANTES

Alguns conceitos desta tese aparecem com alguma frequência tanto no nosso discurso sobre a locomoção do corpo no ambiente urbano quanto no das pessoas com deficiência que fizeram os percursos comentados. Por estas razões merecem alguma menção, mesmo que de forma breve, pois estão relacionados com o próprio deslocamento pelos espaços.

Mobilidade Urbana

Mobilidade Urbana e Motricidade são dois conceitos amplamente trabalhados por Jean-Paul Thibaud (2001, 2004) nos seus estudos sobre ambiências e por Rachel Thomas (2000) em sua tese de doutorado sobre acessibilidade. A motricidade diz respeito às próprias características e movimentos do corpo, mas antecede a mobilidade humana que significa se deslocar de um ponto a outro nos ambientes urbanos. Estes autores debatem sobre estas noções, considerando que além dos aspectos orgânicos das pessoas e das características corporais, estão envolvidas na dinâmica as sensações. Vista sob este ângulo, a mobilidade pode ser

⁸ O conceito de experiência urbana tem sido adotado e aperfeiçoado nas pesquisas de DUARTE, Cristiane Rose & COHEN, Regina. (2002, 2004 e 2005). Pode-se também mencionar os muitos estudos sobre a experiência urbana: COHEN, Regina. & DUARTE, Cristiane (2004). HARVEY, David (1992) e FISCHER, Claude S. (1984).

considerada mais do que uma condição física e envolve afetividades e emoções no ato de se movimentar e perceber uma ambiência, que é a maneira como queremos analisá-la nesta tese.

“A mobilidade é um atributo das cidades e se refere à facilidade de deslocamentos de pessoas e bens no espaço urbano. Tais deslocamentos são feitos através de veículos, vias e toda a infra-estrutura urbana (vias, calçadas, etc.) que possibilitam esse ir e vir cotidiano. (...) É o resultado da interação entre os deslocamentos das pessoas e bens com a cidade”.

Ministério das Cidades, Secretaria de Transporte e da Mobilidade Urbana e Instituto Polis.

O Governo Federal criou uma política de mobilidade urbana que, dentre outras questões, vem trabalhando com a acessibilidade de Pessoas com Deficiência. Dentro deste programa existe um projeto que se chama “Brasil Acessível” que tenta estimular, através de financiamentos ou cursos de capacitação, um melhor deslocamento destas pessoas. Algumas cidades brasileiras já passaram pela experiência e cabe com a introdução do conceito, saber como está a relação do discurso do poder com a perspectiva do usuário. Em outras palavras como ocorre esta mobilidade nas cidades brasileiras e como estas pessoas se locomovem.

Acessibilidade

A acessibilidade não será examinada aqui em toda a sua globalidade tendo em vista os inúmeros trabalhos desenvolvidos sobre o tema, inclusive a dissertação de mestrado da autora desta pesquisa (Cohen, 1999) e as pesquisas de Duarte e Cohen nestes últimos anos. Entretanto, cabe ressaltar o caráter inovador como estas estudiosas vem tratando o assunto, dando aos ambientes a responsabilidade no fornecimento da acessibilidade e que também é a hipótese

sobre as influências das *affordances* nas competências motoras das Pessoas com Deficiência, que se pretende comprovar nesta tese. A definição da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é a seguinte:

“Acessibilidade - É a possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos”.

NBR 9050/2004 – ABNT.

Esta conceituação é importante por associar a acessibilidade com condições de alcance, que se relaciona com a categoria de análise de orientação e com a percepção que é um aspecto da experiência urbana muito importante.

Outra definição é fornecida pelo Decreto Federal Brasileiro 5296, também de 2004:

“Condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida”.

Dentro desta perspectiva em associar a acessibilidade com percepção, inauguramos também uma nova fase inspirada nos trabalhos desenvolvidos por Jean-Paul Thibaud e na tese de doutorado de Rachel Thomas (2000) sobre a acessibilidade, orientada por ele. O caráter situado da percepção defendido por Thibaud e Thomas coloca a questão da deficiência como sendo condicionada e situada pelas características dos ambientes e pela acessibilidade, envolvendo também a expressão motora de uma afetividade.

Barreiras

“Qualquer elemento natural, instalado ou edificado que impeça a aproximação, transferência ou circulação no espaço, mobiliário ou equipamento urbano”.

NBR 9050/2004 – ABNT.

Todas as noções de limites, fronteiras e distâncias sociais ajudam também a definir o conceito de barreiras físicas que assume o caráter concreto de impedimento para a ação no meio ambiente. Barreiras representam dificuldades nos percursos das Pessoas com Deficiência, na sua percepção dos espaços urbanos e no seu campo de visão da panorâmica da cidade. Também é um conceito importante já trabalhado na dissertação de mestrado de Cohen (1999).

Rota Acessível

O conceito de “Rota Acessível” consiste no percurso livre de qualquer obstáculo de um ponto a outro (origem e destino) e compreende uma continuidade e abrangência de medidas de acessibilidade. Para que as Pessoas com Deficiência possam se locomover pelos ambientes urbanos de uma cidade e introduzir seu corpo, não pode haver quaisquer barreiras de acessibilidade que dificultem o seu caminhar. “A ‘Rota Acessível’ tem sido considerada como fator preponderante para a classificação de espaços inclusivos em nossas pesquisas” (Duarte e Cohen, 2002, 2003 e 2004).

Desenho Universal

“Aquele que visa atender à maior gama de variações possíveis das características antropométricas e sensoriais da população”.

NBR 9050/2004 – ABNT.

“Concepção de espaços, artefatos e produtos que visam atender simultaneamente todas as pessoas, com diferentes características antropométricas e sensoriais, de forma autônoma, segura e confortável, constituindo-se nos elementos ou soluções que compõem a acessibilidade”.

Decreto 5296 – 03/12/2004.

O conceito de desenho universal também faz parte da evolução dos estudos que têm sido desenvolvidos sobre a acessibilidade. Esta última esteve por muito tempo associada às pessoas com deficiência física que se locomoviam em cadeira de rodas e depois às outras áreas de deficiência.

Hoje, quando se fala de acesso para todos e de ambientes inclusivos, isto significa que não sejam criados elementos especiais ou adaptações exclusivas para atender um determinado grupo, o que caracteriza uma segregação às avessas. A filosofia de um desenho universal foi inovadora e implementada pelo arquiteto americano Ron Mace na década de 90. Posteriormente um grupo de pesquisadores de diferentes universidades nos Estados Unidos se reuniram para discutir este conceito, tendo criado sete princípios básicos nesta questão do acesso e do desenho universais.

PARTE IV – As PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

“Acho que vocês (...) estão realmente embaralhando tudo ao forçar tanto as pessoas deficientes a ser e a parecer ‘o mais normais possíveis’. Que há de tão maravilhoso em ser normal? Para mim, significa ser chato, banal, e quem precisa disso? Vocês precisam ir para fora educar o público a ser mais aberto e aceitar as diferenças. Então se acontecer alguma coisa com algum deles, eles não vão desmoronar por não mais serem normais”.

Depoimento de Olívia.

In. Carolyn L. Vash Enfrentando a Deficiência: a manifestação, a psicologia, a reabilitação. 1988, p.154.

12. AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

O corpo deficiente pode ser percebido em todos os retratos que dele se fez desde a Grécia antiga até os tempos atuais. Quando existe uma “marca” visível, ela acaba se transformando no “estigma” de muitas pessoas. Segundo Stiker (1982), um olhar sobre este outro corpo deficiente busca diminuir os efeitos do que muitas vezes é visto como uma doença incapacitante ou “má formação”. Outras abordagens sobre a deficiência também significaram, além de olhares, nomenclaturas como “handicap”, “disabilty”, “discapacidad”, “minusvalia”. Busca-se neste capítulo da tese situar o corpo deficiente segundo as categorizações internacionais que parecem ter evoluído na designação deste mesmo corpo.

Pode-se dizer que estas redes conceituais expressam a relação com o que é considerado uma anomalia, na tentativa de assimilar a diferença corporal visível sem anulá-la. Uma revisão tanto do corpo deficiente na sociedade quanto na cidade fornecerá os subsídios teóricos necessários para o entendimento e colocação da questão central que é a maneira como as Pessoas com Deficiência se locomovem pelos ambientes urbanos e suas percepção e experiência urbanas.

Documentos e textos nacionais e internacionais têm refletido sobre este corpo através de terminologias, leis e normas de projeto. A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde⁹ da Organização Mundial de Saúde de

⁹ A versão em português da “Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde – CIF” (<http://hygeia.fsp.usp.br/~ched/>) *apud* Mazzoni,

2003, apresenta algumas definições (CIF/OMS apud Mazzoni, 2003: p. 47)¹⁰ que ajudam na compreensão e avanço da questão.

A importância de um diferente tratamento reflete uma nova postura ao relacionar a deficiência com o meio ambiente e também se traduz na evolução de paradigmas e na passagem de um “modelo médico de deficiência” para um “modelo social de deficiência”.

Segundo Alberto Mazzoni (2003, p.51), os fatores ambientais contidos neste documento incluem as características naturais do meio e as modificações realizadas pelo homem.

O interessante a salientar com esta classificação é como mostra o **Quadro 1** é o seu aspecto positivo e a maneira como a deficiência depende do ambiente ao qual está ligada e de estruturas corporais que configuram a participação na sociedade. Pode-se considerar que a CIF não diz respeito apenas às Pessoas com Deficiência, mas a um conjunto de ações que podem ser desenvolvidas por todos em qualquer local, incluindo o espaço urbano. Para algumas destas pessoas, além das limitações devidas ao corpo, podem também existir conflitos na relação entre suas diferentes práticas corporais e uma falta de adaptação do meio para atender suas necessidades espaciais.

p.45), passou a ser divulgada a partir de 2003, por intermédio do Centro Brasileiro de Classificação de Doenças, Colaborador da OMS para a Família, vinculado à USP.

¹⁰ A tradução das definições contidas na CIF foi feita por Alberto Angel Mazzoni, por ocasião de sua tese de doutorado.

Quadro 1

A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde - CIF OMS 2003 algumas definições (CIF apud Mazzoni, 2003:p. 47):	
B (body) Corpo funções corporais	são as funções fisiológicas dos sistemas corporais incluindo as funções psicológicas. Com "corpo" se faz referência ao organismo humano como um todo e, portanto, inclui a mente.
S (structure) Estruturas Corporais	são as partes anatômicas ou estruturais do corpo tais como os órgãos, os membros e seus componentes. O padrão considerado corresponde à norma estatística para os seres humanos.
D (disability) Deficiência	É a anormalidade ou perda de uma parte do corpo (exemplo: estrutura) ou de uma função corporal (ex.: função fisiológica). As funções fisiológicas incluem as funções mentais. Com "anormalidade" se faz referência estritamente a um desvio significativo com respeito a uma norma estatística e deve ser usado apenas neste sentido.
A (activity) Atividade	É o desempenho /realização de uma tarefa ou ação por uma pessoa. Representa a perspectiva do indivíduo com respeito ao funcionamento.
Limitações na Atividade	São dificuldades que uma pessoa pode ter para o desempenho /realização das atividades
P (participation) Participação	É o ato de envolvimento individual em uma situação de vida. Representa a perspectiva da sociedade em relação ao funcionamento dessa pessoa.
Restrições na Participação	São os problemas que uma pessoa pode experimentar ao envolver-se nas situações da vida. A presença da restrição fica determinada pela comparação com a participação que se espera de outras pessoas da mesma cultura e sociedade, que não possuem a deficiência.
Fatores Ambientais	Referem-se a todos os aspectos do mundo extrínseco ou externo que formam o contexto da vida de uma pessoa, e como o mesmo afeta o funcionamento dessa pessoa. Os fatores ambientais incluem o mundo físico natural com todas suas características, o ambiente transformado pelos homens e o ambiente social e atitudinal.
E (environment) Escala de Fatores Ambientais	É como os elementos que compõem os ambientes inteferem no comportamento dos usuários e na sua capacidade de desenvolver atividades. Um ambiente pode facilitar ou dificultar a realização de atividades. [Dischinger, 2004, p.22]

Uma mudança de postura também se reflete na definição de deficiência contida na Norma Brasileira de Acessibilidade da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

“Redução, limitação ou inexistência das condições de percepção das características do ambiente ou de mobilidade e de utilização das edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos, em caráter temporário ou permanente”

Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. NBR 9050/2004.

ABNT.

Esta conceituação é importante ao incluir na noção de deficiência as condicionantes ambientais para a percepção.

O Decreto 5296 caracteriza as áreas de deficiências, conforme o **Quadro 2**, e ainda define Pessoa com Mobilidade Reduzida como “aquela que, não se enquadrando no conceito de pessoa portadora de deficiência, tenha, por qualquer motivo, dificuldade de movimentar-se, permanente ou temporariamente, gerando redução efetiva da mobilidade, flexibilidade, coordenação motora e percepção” (Decreto Federal 5296 – 3 de dez de 2004).

Leis, Normas e Decretos brasileiros assumiram a preocupação com uma inclusão mais universal quando também devem ser consideradas outras dificuldades como, por exemplo, as encontradas por pessoas idosas, obesas, cardíacas, etc. A legislação já expressa em seu texto que uma dificuldade de locomoção pode afetar a percepção ambiental destas pessoas.

Quadro 2

As caracterizações das deficiências seguem o Decreto Federal 5296 de dezembro de 2004 como a seguir:	
Deficiência Física	Alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções;
Deficiência Auditiva	Perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz;
Deficiência Visual	Cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores;
Deficiência Mental	Funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como: comunicação; cuidado pessoal; habilidades sociais; utilização dos recursos da comunidade; saúde e segurança; habilidades acadêmicas; lazer; e trabalho;
Deficiência Múltipla	Associação de duas ou mais deficiências.

A deficiência ou a mobilidade reduzida pode impor mais dificuldades na interação com o meio físico da cidade, o que Dischinger et al (2004: 23) denominam de restrições à percepção, compreensão e ação e podem ser divididas nas categorias demonstradas no **Quadro 3**:

Quadro 3

Restrições à percepção, compreensão e ação - categorias:	
Restrições físico-motoras	Impedimento ou dificuldades encontradas em relação ao desenvolvimento de atividades que dependam de força física, coordenação motora, precisão ou mobilidade;
Restrições Cognitivas	Dificuldades no tratamento das informações recebidas (atividades mentais);
Restrições Sensoriais	Dificuldades na percepção das informações do meio ambiente devido a limitações nos sistemas sensoriais (auditivo, visual, paladar/olfato, háptico e orientação);
Restrições Múltiplas	Associação de mais de um tipo de restrição de natureza diversa.

Fonte: DISCHINGER, Marta; ELY, Vera Helena Moro Bins & MACHADO, Rosângela. Desenvolvimento Universal nas Escolas: Acessibilidade na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Estas conceituações servem como suporte para a problemática da relação do corpo deficiente ao se locomover nas ruas de uma cidade. Alguns estudiosos, dentre os quais pode-se citar Maurice Merleau-Ponty, trabalharam com a relação entre diferença, corporeidade, tempo e espaço que geram os diferentes modos e estilos de vida urbana.

A necessidade de uma contextualização das pessoas investigadas e suas relações com os espaços urbanos de uma cidade é essencial para nossas análises. As Pessoas com Deficiência, como todos os grupos sociais, possuem uma estrutura corporal própria situada em um tempo e em um espaço. Elas organizarão seu mundo e sua cidade de acordo com sua locomoção, seus percursos, suas maneiras de caminhar e seus acessos configurados por este corpo em movimento dentro de um contexto histórico de construção de suas identidades na urbe.

13. O CORPO DEFICIENTE ATRAVÉS DA HISTÓRIA

“No decorrer da história da humanidade, a forma como os homens e as mulheres trataram e continuam tratando o corpo revestiu-se e reveste-se de uma quase total irracionalidade. – visões da pessoa humana concebida de forma fragmentada, ora negando o corpo, ora supervalorizando-o em aspectos parciais”.

Lucídio Bianchetti. Aspectos Históricos da Apreensão e da Educação dos considerados deficientes. In Bianchetti e Freire. Um Novo Olhar sobre a Diferença: interação, trabalho e cidadania. 1998: 21.

A negação do corpo deficiente através da história faz parte deste contexto descrito por Bianchetti. Uma breve reflexão sobre este corpo e seus tratamentos pode nos ajudar a entender como ele se situa no espaço, como a cidade é

concebida para abrigá-lo, se é planejada levando em consideração suas necessidades e, por fim, sobre a própria deficiência.

Henry Lefebvre fala de um corpo-objeto fragmentado que costumamos representar por meio de imagens e palavras. Este corpo deficiente se transformou no sujeito que se movimenta e realiza itinerários pelas ruas. Será visto em detalhes no que tem de seu, nas suas diferenças e dificuldades, nos seus discursos e nos seus percursos e com todos os limites que nem sempre são só seus mas da própria cidade.

Este tipo de abordagem sobre o corpo deficiente sofreu influência da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty e Paul Schilder, da antropologia do corpo de David Le Breton e do domínio do movimento de Rudolf Laban.

Pelo menos com relação ao corpo deficiente, poucos são os trabalhos que o tratam desta forma, caminhando e buscando seu lugar através dos tempos.

Um número considerável de doenças, enfermidades e deficiências foram retratados na Bíblia como uma realidade sagrada. Segundo Henri-Jacques Stiker (1982: 36), a enciclopédia judaica enumera as marcas que tornavam as pessoas inaptas para rezar, como a amputação de um membro, algumas doenças da vista, a deformação dos músculos e do esqueleto. A lei judaica considerava as pessoas surdas e mudas como subnormais, enquanto o cego possuía plenos direitos. Muitas vezes, a doença era considerada prova e sacrifício pelos hebreus.

O judaísmo do Antigo Testamento, conforme Stiker (1982: 44), parece ter fornecido dois tipos antagônicos de tratamento ao corpo enfermo: o da violência da ordem sagrada e o da ética. O corpo deficiente era visto ou como vítima ou distante de uma ordem divina para poder se situar na sociedade.

Nos tempos atuais, a antropóloga Meira Weiss desenvolveu um trabalho sobre os novos paradigmas culturais e sociais que têm sido articulados através do corpo na contemporaneidade israelense. Sua pesquisa etnográfica que abrange cerca de vinte anos, dá uma panorâmica de como o corpo israelita é escolhido, regulado, cuidado e tornado perfeito.

Apesar da grande quantidade de mutilações e deficiências resultantes das guerras, as “Políticas do Corpo na Sociedade Israelita” (Weiss, 2002) ainda continuam a demarcar fronteiras e limiares para a aceitação. Mesmo assim, os relatos de pessoas que moram em Israel mostraram algumas realizações no planejamento de espaços acessíveis.

Para os muçulmanos da Antiguidade, a deficiência ainda era tratada como enfermidade e as pessoas deficientes eram excluídas do combate devido à sua incapacidade. Em ambas as religiões, a deficiência servia para separar o que pertencia a Deus e o que era dos homens: o sagrado e o profano.

Eugen Bavcar fala de um espelho partido da história devido a uma antiga negação do corpo deficiente. Bavcar acrescenta a perspectiva ocidental de nossos antepassados que criou os mitos bíblicos de Adão e Eva como “deficientes da existência eterna” (Bavcar. In Novaes. 2003: 175).



Fig 18: Adão e Eva
Fonte: wikipedia

A separação entre divino e profano que ocorre nestes sedimentos bíblicos parece ter estado presente em todas as sociedades e cidades, buscando também separar natureza e cultura e, em um nível ético, o que era natural do que era desviante. Portanto, desde estes tempos e das escrituras antigas, corpos considerados sãos, normais e bem formados eram separados da deformidade, do monstruoso e do considerado anormal.

A partir do Evangelho, segundo Stiker, inicia-se uma nova fase de reconhecimento destes corpos, mas sob as bases de um verdadeiro sistema de caridade e de um amor desinteressado e cheio de bondade, pena e assistência. Apesar desta visão assistencialista, qualquer deficiência ou deformidade física era considerada um pecado, como mencionado por Bianchetti:

“E eis que lhe trouxeram um paralítico deitado numa cama. E Jesus, vendo a fé deles, disse ao paralítico: ‘Filho, tem bom ânimo: perdoados te são os teus pecados.’”

Mateus 9:2 – A Cura do paralítico Cafarnaum apud Lucídio Bianchetti. Op. Cit: 32.

Em termos práticos, as imagens ideais do corpo humano fizeram surgir os mitos, os preconceitos, os estereótipos e os estigmas. O termo estigma foi criado pelos gregos para se referir às marcas físicas e morais de uma pessoa. Estas marcas eram ainda mais evidenciadas por outros sinais que avisavam que a pessoa devia ser evitada, principalmente nos locais públicos.

Nas culturas antigas de Esparta, Atenas e Roma a deficiência era considerada o caráter desviante com relação à espécie humana e muitas vezes a pessoa que a possuía era afastada

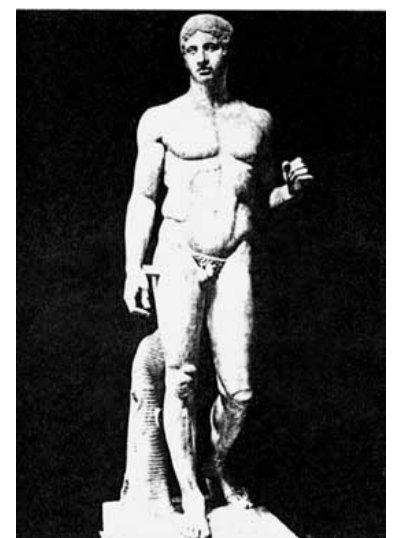


Fig 19: Doriforo de Policleto
Mito da beleza clássica de corpo.

do convívio dos outros seres humanos e levada para bem longe onde devia morrer. A Antiguidade clássica greco-romana efetuou esta separação, criando muitos dos mitos.

Segundo Richard Sennett (2001: 23), havia para os antigos atenienses tanto uma celebração física do corpo esbelto masculino e jovem muito trabalhado nos ginásios quanto um aspecto metafórico que era dado à nudez nos espaços públicos. O corpo trabalhado, a dança, a ginástica, a beleza e a força eram metas perseguidas. Estes ideais significaram uma história de contradições vividas em uma democracia que cultuava e idealizava o corpo de uma forma bastante singular.

Apesar de o paradigma grego pregar ideais de democracia, justiça, direitos iguais e de uma polis aberta e livre para todos, os gregos enalteciam o corpo belo, musculoso e viril do ser humano, como bem retratado nas suas famosas esculturas. O que fugia disso e não encaixava no paradigma era eliminado. Também são bastante conhecidas as tragédias gregas que mostravam o lado irracional da vida, onde qualquer deficiência devia ser evitada.

Na Mesopotâmia, a doença ou malformação física estava relacionada a um pecado, a uma falta como eram considerados os atos de adultério e incesto. Para os egípcios, existia um universo mágico, o que era pecado transformou-se em uma questão metafísica ligada a forças divinas e cósmicas incontrolláveis. Para o povo da Babilônia, a deficiência também era confundida com pecado. (Stiker, 1982)

Estas construções são os estereótipos e imagens culturais do corpo ou “estereótipos da representação do corpo” (Jeudy, 2002: 175) que manifestam-se nas criações artísticas, na vida cotidiana e nas imagens de um corpo ideal. As idealizações que surgem e prosseguem através da história, criaram muitos dos mitos em relação a este mesmo corpo deficiente. Pode-se mencionar apenas os mais importantes, já que não é o objetivo desta tese, como os mitos de Édipo, do Deus Hephaistos, Filotectes e Hermafrodita.

A história de Édipo é a mais famosa e retrata uma tragédia grega bastante ilustrativa. Édipo era descendente de um avô Labdacos que era “coxo” e de um pai Laios “canhoto”. Ele foi levado para uma floresta onde furaram seus pés, amarrando-o de cabeça para baixo para ser devorado pelos animais.

Mas Édipo sobreviveu e quando retornou a sua cidade Tebas, teve de enfrentar o corpo estranho de uma esfinge e desvendar seu enigma: “o que é que tem quatro pés de manhã, dois ao meio dia e três à tarde?”. Édipo desvendou o enigma e estava ali caracterizado o próprio homem que engatinha quando criança, passa a vida andando sobre os dois pés, mas, velho, tem que recorrer a uma bengala.

O mito de Édipo e o enigma da esfinge são dos mais instigantes discursos da Antiguidade, merecendo, por isto, inúmeras interpretações, tendo sido marcado por este extenso simbolismo em que se encontram retratadas muitas das deficiências em uma só tragédia. Uma família de pessoas com o corpo marcado, um enigma onde está envolvido o próprio

ciclo da vida humana com diferentes posturas corporais e dificuldades ao caminhar e o próprio Édipo com os pés furados e depois do suicídio de sua mãe e esposa Jocasta, ainda furou os olhos e também ficou cego.

Este enigma e esta história colocam em questão a alteridade. O corpo deficiente representa um desafio à ordem que é trabalhada pela mais completa desordem. Visto sob este ângulo, parece-nos mais modesto e, mesmo assim, significativo, “nos atermos no caráter insuportável da diferença, a partir do caráter desviante de Édipo” (Stiker. Op. Cir: 68).

A deficiência física é um dos elementos que estruturam o mito e nas oposições encontradas em Édipo existe um grande questionamento da humanidade e um “jogo prodigioso de espelhos” (Lévi-Strauss apud Stiker. Op. Cit. 62).

Passamos dos mitos, tendo só retratado Édipo, a uma clássica figura da Psicanálise que Lacan denomina de “estágio do espelho”, de um corpo fragmentado e separado de si mesmo por todas as negações, mas que busca para si uma imagem que não é mais a sua, mas apenas um reflexo daquilo que ele não gosta mais de ser. O depoimento de uma pessoa com deficiência é bem interessante:

"O grande lance é não mancar... a minha deficiência não é muito visível, às vezes não dá para sentir, você já incorporou, mas às vezes você passa na vitrine se olhando, ou alguma coisa como espelho. Acho que tem um jogo de corpo (...) Eu não gosto muito do meu corpo. Uma, que eu não firmo meu lado direito. Isso eu estou aprendendo a me adaptar". (Jerusa).

Patricia Martins Montanari. Jovens e Deficiência: Comportamento e corpos desviantes. In <http://www.bireme.br/bvs/adolesc>; consultado em 26 de março de 2005



Fig 20: Édipo
www.ffch.usp.br/dh/heros/personas/edipo-ensaios-visaoidades

Misturando o passado com o presente, indo e voltando na história, chegamos à Idade Média e percebemos uma certa mudança ao não mais tratar a deficiência como pecado. Neste período também surge uma aceitação ambivalente na base da caridade e misericórdia. A deficiência ou deformidade física eram coisas normais para as quais não existia revolta, mas a necessidade de lhe fazer o bem.

Uma abordagem do corpo no Renascimento é fornecida por Brandão, através das obras de quatro figuras emblemáticas: Alberti, Leonardo, Miguelangelo e Donatello.

Em quase toda a sua obra, Alberti procura relacionar a experiência vivida com sua dimensão corporal e temporal. As pinturas e trabalhos feitos sob a influência albertiana são bastante interessantes para sustentar os discursos que serão aqui pronunciados, pois não se tratavam apenas de um culto à beleza física dos corpos, mas de aspectos internos e valores do ser que percebe e atua no mundo.

O corpo em Alberti era visto na sua totalidade e em movimento, revelando também uma “polissemia de sentidos”, “tensionados sob as noções de conveniência, dignidade, natureza, beleza e imitação” (Brandão. Op. Cit.: 277). A representação em Alberti une o corpo, o mundo, a ação e o tempo que deviam estar relacionados na obra de arte.

Para Brandão, pode-se acompanhar a evolução do tratamento na obra de Leonardo da Vinci que coloca o corpo representado no instante de um acontecimento espacial e temporal. Os

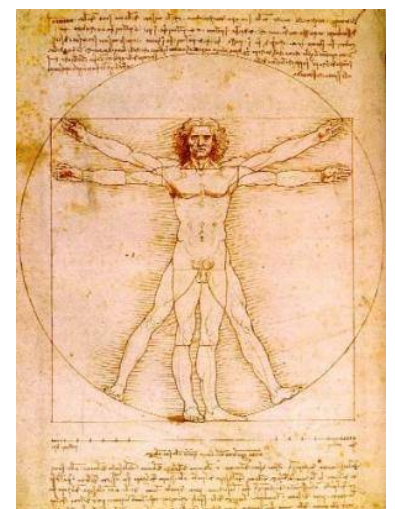


Fig 21: Leonardo da Vinci – corpo inscrito em um espaço.

corpos das figuras de Leonardo são vistos dentro de um espaço que o inscreve.

“Os corpos não se definem em si, mas sempre circunstanciados e em função de um olhar que os percebe dentro de um ambiente e de uma atmosfera espacial e temporal própria: são sempre fenômeno, acontecimento, essência e acidente inseparáveis e irredutíveis à pura extensão, à matemática e à geometria”.

Carlos Antonio Leite Brandão. Op. Cit. 284.

Pode-se falar muito sobre as obras destes grandes mestres que pintaram e mostraram o corpo em todas as suas tensões e relacionados com um contexto que os retratava. Não pode-se deixar de mencionar Michelangelo e seus corpos dotados de um movimento e energia intensos circunscritos em espaços de tensão, luta e esforços como os que são mostrados no teto da Capela Sistina.

Ao contrário do corpo de Leonardo inscrito em uma geometria cartesiana com princípios matemáticos e fora de suas relações históricas e espaciais, Michelangelo pinta o corpo em uma perspectiva tensa que busca situar-se no espaço que o envolve. Gulio Carlo Argan analisa da seguinte maneira:

“Para Michelangelo, não existe um espaço preestabelecido, estável, definido por normas de proporção ou de geometria; suas figuras se contorcem e se debatem, tensionam-se em escorços exasperados para ‘buscar’ um espaço, sem nunca se conectar a uma perspectiva, mas, ao contrário, tentando abrir uma perspectiva com o esforço sobre-humano de seus gestos. O platonismo de Michelangelo não é fé no céu das idéias eternas, mas busca desesperada de qualidade ideal mediante uma áspera e dolorida experiência de vida”.

Argan apud Brandão. Op. Cit 287.

Toda a tensão encontrada na pintura de Michelangelo pode retratar a busca de um espaço para situar o corpo. Desde as escrituras sagradas do Antigo Testamento, dos Evangelhos, das culturas da Antiguidade Clássica da Grécia, Roma, Egito, Mesopotâmia e Babilônia, passando pelos estereótipos e estigmas criados pelos gregos ou pelo atendimento piedoso e

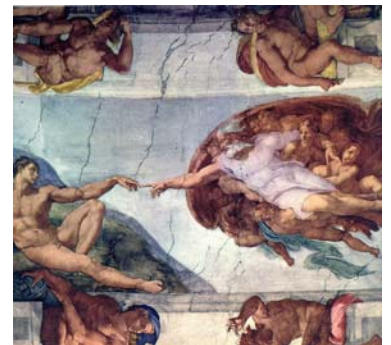


Fig 22: Miguelangelo.
Corpos em tensão.

assistencialista que foi dado à pessoa com o corpo deficiente, foram mostrados alguns tratamentos que se pode dar ao corpo. Vimos alguns dos muitos mitos que são criados com relação a este mesmo corpo.

Das obras artísticas do Renascimento até a contemporaneidade, segundo Jeudy (Op. Cit: 26), “o tratamento estético do corpo humano terá sofrido todas as metamorfoses imagináveis”. Qualquer representação pode estar sempre associada a uma imagem ideal de algo que desejamos melhor, mais bonito, mais perfeito e com um maior desempenho.

O caminho percorrido por Stiker (1982) para mostrar o tratamento que foi dado ao corpo deficiente ao longo da história demonstra como são construídos estes discursos sobre o desvio. As sociedades podem revelar muito sobre elas mesmas pela linguagem e pela maneira como elas expressam um determinado fenômeno.

Nestas linguagens, nestas maneiras e nestes discursos que foram apresentados, a sociedade tem se revelado completamente excludente. Terry Eagleton (1993) mostra os diversos tratamentos dados pela filosofia ao corpo. Quem inaugura uma nova maneira de pensar na sensação indissociável de uma experiência do corpo é a fenomenologia na sua origem com Husserl que restitui o mundo do sensível e posteriormente Maurice Merleau-Ponty (1996) com seu estudo sobre a percepção, tratando de uma experiência do corpo

próprio relacionado com o ambiente. Seu trabalho resgatou as raízes somáticas e perceptuais próprias do mundo vivido.

Tendo reunido alguns dos mais conceituados pensadores e estudiosos brasileiros, Adauto Novaes questiona como pensar o corpo em sua relação com o movimento e a percepção.

“O corpo, sabe-se, percorre a história da ciência e da filosofia. É, por isso, um conceito aberto. De Platão a Bergson, passando por Descartes, Espinosa, Merleau-Ponty, Freud e Marx, a definição de corpo sempre pareceu um problema: para alguns ele é ao mesmo tempo enigma e parte da realidade objetiva, isto é, coisa, substância; para outros, signo, representação, imagem”.

Adauto Novaes. A Ciência no Corpo. In O Homem-Máquina.

A filosofia, ao longo da história, também tenta desvendar estes enigmas, com escritos e estudos que vão da natureza kantiana do sublime até as relações do corpo com o espaço, com o tempo e com o movimento. Uma abordagem interessante foi feita pelo filósofo Baruch Espinosa a partir do seu trabalho onde questiona “O que pode o corpo?”

Um corpo, para Espinosa, se define pelos elementos e condições materiais que são estabelecidas nas suas relações de movimento, repouso, velocidade e lentidão com o espaço e com sua realidade objetiva que é o lugar onde deseja atuar. Para este estudioso, o corpo também se define pelo conjunto de afetos que pode sentir e proporcionar.

O que pode o corpo deficiente? Diversas manifestações artísticas de grupos de dança em cadeira de rodas ou de artistas, pintores com a boca, tecladistas apenas com os pés ou fotógrafos cegos têm mostrado no plano concreto de suas atividades o que estes corpos podem e o que tem produzido nas diferentes áreas. O poder destes corpos de serem

afetados, colocado nos trabalhos desenvolvidos por Espinosa, envolve também o seu afeto, a sua realização e a sua relação com as outras pessoas.

Se partirmos para este discurso, caímos, por outro lado, no erro de cultuar este outro corpo e de criar fetiches, a exemplo do que acontece com algumas mulheres amputadas. Todos estes tipos de tratamento mostram as construções que são feitas com relação ao corpo que, como visto em nossa pesquisa, são históricas, culturais, políticas e sociais.

A partir dos conceitos colocados e das considerações históricas sobre o corpo deficiente, pode-se dizer que o que aparece de mais importante no espaço prático-sensível é a relação das Pessoas com Deficiência com a cidade e sua locomoção. O enaltecimento de um corpo belo e perfeito exclui o corpo deficiente, refletindo-se mesmo em algumas metáforas arquitetônicas e urbanas da cidade como um corpo.

No Renascimento, Alberti já tinha pensado nas relações dos edifícios e da cidade como um corpo humano em seu tratado *De re aedificatoria*. Os edifícios albertianos possuíam uma estrutura igual a de um organismo com seus membros ou partes de um corpo. Esta construção remetia aos princípios de solidez, funcionalidade, economia e decoro que regiam a construção de edifícios e cidades, conforme constam das análises de Carlos Brandão sobre o “corpo do renascimento”. (Brandão, In Novaes, 2003).

Referências do corpo transpostas para a arquitetura e para o urbanismo receberam estas influências e foram retomadas por

Le Corbusier no modernismo. Este arquiteto buscou, durante anos de estudo, um traçado baseado na medida humana com parâmetros de proporção, equilíbrio e harmonia. Seu modulator estabelece uma gama de dimensões harmônicas com a escala humana na busca dos mesmos desejos de ordem típicos do Renascimento e em uma tentativa de recuperar o antropomorfismo nos projetos.

Dentre os valores ou medidas estabelecidos por Le Corbusier, estão as dimensões de uma estatura humana perfeita e em total equilíbrio de suas posturas corporais, ângulos de visão e formas de movimento. O sistema e os princípios mostram uma concepção de corpo essencialmente genérico, machista e perfeito de um homem atlético, viril e musculoso.

A visão de uma metáfora urbana também pode ser transposta para algumas cidades com imagens como as de um corpo humano, com suas artérias que são as vias de deslocamento, o coração que é o centro, seus bairros e suas periferias. Nas palavras de Denise Jodelet, esta visão aparece na forma de uma metáfora urbana vivida pelo corpo nas suas “experiências motoras e sensoriais, visuais, olfativas, auditivas, ligadas à prática urbana, aos deslocamentos nas multidões, aos transtornos dos transportes e aos espetáculos oferecidos pelas diferentes partes da cidade” (Jodelet, *In* Del Rio, Duarte e Rheingantz, 2002: 33).

No que se refere às idéias dos grandes artistas, arquitetos e urbanistas, às analogias que são feitas entre o corpo humano e

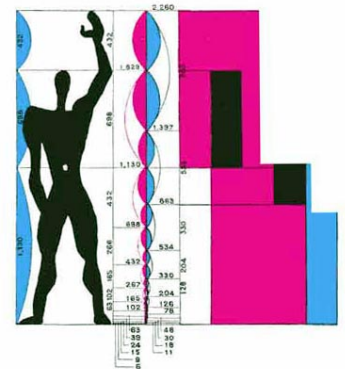


Fig 23: Módulo de Le Corbusier. Proporção, equilíbrio e harmonia do corpo transpostos para a arquitetura.

as formas arquitetônicas ou urbanas, as imagens ideais de um corpo perfeito têm sido buscadas em muitos projetos arquitetônicos e urbanos.

Oscar Niemeyer que costuma enaltecer as belas formas de um corpo de mulher também presentes na natureza das colinas e montanhas de uma cidade para dizer que a arquitetura deve buscar o enaltecimento destas belas formas.

Em termos de Brasil, a pesquisa acadêmica carece de exemplos e perspectivas sobre a relação entre o corpo com deficiência e a maneira como se movimenta e locomove pela cidade e se relaciona com seus espaços. O trabalho desenvolvido por Andréa Osório (Osório, *In Os Urbanitas*, www.osurbanitas.org) sobre a geografia corporal dos espaços abertos faz algumas reflexões em antropologia urbana, as quais se concentram nas visões sobre o espaço urbano carioca e no culto ao corpo no Rio de Janeiro.

Todos os autores aqui mencionados nos servem de apoio para o desenvolvimento do nosso trabalho. Este tratamento dado ao corpo e a idealização de um padrão de beleza a ser alcançado podem ser situações de um contexto cultural e social onde ele se insere.

Qualquer que seja a percepção que se tenha dele deve, conforme Jean-Paul Thibaud (2001), ser analisada em contexto. Por estas razões foi necessário situá-lo através da história. Precisamos também contextualizar este corpo em algumas teorias e conceitos sobre sustentabilidade e ambientes. O ambiente urbano sensível de ação possui

características próprias – *affordances* - e situações que farão da deficiência, do corpo da pessoa que o possui e de suas competências motoras serem o que são e terem sua percepção situada na acessibilidade motora, afetiva e ambiental que conseguem ter.

14. AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Existe uma série de estudos sobre desenvolvimento, meio ambiente e sustentabilidade que podem contribuir para a compreensão dos espaços utilizados pelas Pessoas com Deficiência. Assim, pretende-se acrescentar novas discussões aos debates sobre o desenvolvimento sustentável e sobre a locomoção destas pessoas pela cidade. A questão se coloca desde 1972, quando da Conferência sobre meio ambiente realizada em Estocolmo.

O desenvolvimento sustentável faz emergir a noção de espaço como produção social, com influências econômicas e políticas geradas pela sociedade no processo de sua construção. Na maioria das cidades do mundo, conforme as pesquisas desenvolvidas por Cohen e Duarte (2001, 2002, 2003), ainda se encontram muitas barreiras para a locomoção das Pessoas com Deficiência que, como todas as outras, procuram se locomover pelas ruas, perceber os espaços urbanos e se identificarem com seus “lugares antropológicos” (Augé, 1994). Desta forma, acreditamos que um planejamento urbano que busque um desenvolvimento sustentável deve também levar em conta o caminhar destas pessoas pelas ruas.

Segundo Ignacy Sachs (1998:156), as noções de direitos humanos e desenvolvimento ocupam posição central nas preocupações da Organização das Nações Unidas (ONU). A idéia simplista de que o crescimento econômico bastaria para garantir o desenvolvimento foi abandonada e o conceito ganhou complexidade, com sucessivos acréscimos de epítetos: desenvolvimento econômico, social, cultural, certamente, político, em seguida sustentável (*sustainable*), por fim, como última adição, humano.

Apesar da evidência com que o conceito de desenvolvimento sustentável vem sendo utilizado, cabe fazer uma breve revisão de seu histórico. Em 1972, a ONU realizou a Conferência sobre o meio ambiente em Estocolmo. Ainda neste ano, o canadense Maurice Strong lançou o termo ecodesenvolvimento. Produziram-se vários documentos preparatórios às conferências organizadas pela ONU.

Os debates em torno do ecodesenvolvimento abriram espaço ao conceito de desenvolvimento sustentável. Em 1987 a Comissão Mundial da ONU sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED), presidida por Gro Harlem Brundtland e Mansour Khalid, apresentou um documento chamado *Our Common Future*, mais conhecido por Relatório Brundtland que definiu o desenvolvimento sustentável da seguinte maneira:

“É aquele que harmoniza o imperativo do crescimento econômico com a promoção da equidade social e preservação do patrimônio natural, garantindo assim que as necessidades das atuais gerações sejam atendidas sem comprometer o atendimento das necessidades das gerações futuras”.

Relatório Brundtland (Nosso Futuro Comum, 1988)

A importância deste novo conceito reside no fato de que o desenvolvimento não diz respeito apenas aos aspectos econômicos. Trata-se de englobar na idéia de sustentabilidade os conceitos de equiparação, liberdades básicas, direitos humanos e algumas noções de bem estar mental e espiritual.

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, mostrou um crescimento do interesse mundial pela sustentabilidade. De acordo com Marcondes (1999), o documento resultante desta conferência, a Declaração do Rio sobre meio ambiente e desenvolvimento, manteve as teses de Estocolmo, gerando uma agenda de compromissos por parte dos países signatários, a Agenda 21, e a Declaração conjunta das cidades e autoridades locais.

Além da evolução dos conceitos de desenvolvimento sustentável, pode existir uma poderosa ferramenta nos estudos sobre a percepção em movimento para adicionar qualidade de vida aos excluídos da vida urbana. Para as Pessoas com Deficiência, o que fica em evidência é sua relação com os ambientes urbanos. Elas buscam uma locomoção fácil que lhes garanta acessibilidade e sua identificação com os lugares da urbe, mas levantamos a hipótese de que as características físicas ou *affordances* que encontram em alguns ambientes urbanos influenciam nas suas competências motoras, na sua habilidade de lidar com o meio e, conseqüentemente, na sua percepção urbana situada neste contexto. Precisamos antes analisar os ambientes em termos de sua sustentabilidade.

Desenvolvimento com espaços sustentáveis requer uma compreensão acerca da relação destas pessoas com a sua forma de locomoção e com sua vida na cidade.

Houve um progresso considerável desde a Conferência de Estocolmo em 1972. Contudo, há muito mais a ser feito. Pressões no ambiente estão aumentando. Percursos sem barreiras e locomoção fácil pela cidade são elementos chave no processo de melhoria da qualidade ambiental. Se assumirmos a idéia de que os espaços têm também uma função social, na relação entre desenvolvimento sustentável, locomoção e percepção das Pessoas com Deficiência, a questão ambiental só poderá ser apreendida em sua totalidade dentro do contexto processual da organização de seus ambientes.

É de se supor que o desenvolvimento sustentável que se busca para nossas cidades pressupõe uma nova ordem social, na qual o ato de caminhar destas pessoas possa se constituir na garantia do seu direito de ir e vir, na sua vivência dos espaços, na sua experiência urbana e na sua relação com as outras pessoas. Ao mesmo tempo em que cenário do encontro, a cidade continua a ser para muitos o que sempre foi: o lugar do desejo, sede da dissolução de todas as normalidades e momento do lúdico.

Na Conferência Mundial sobre o Ambiente, realizada em 1992 no Rio de Janeiro, vinte anos após a Conferência de Estocolmo, delegados de todo o mundo e organizações não governamentais discutiram o desenvolvimento sustentável, a

Agenda 21 e a Carta da Terra, no Fórum Global sobre Reforma Urbana foram delineadas algumas metas a alcançar, dentre as quais encontram-se o direito à cidade e a conquista da cidadania. A necessidade de uma reforma urbana nos moldes sugeridos pela Rio-92 se insere nas discussões sobre a locomoção de uma Pessoa com Deficiência pelas ruas da cidade. Estas metas originaram-se de outros movimentos que proclamavam uma reorganização espacial mais justa e igualitária da cidade.

Tentou-se estabelecer a relação de cidade e desenvolvimento sustentável com as Pessoas com Deficiência. As concepções de que os espaços e a questão ambiental compreendem somente as relações pessoa-natureza, de uma forma linear, deixam de lado questões sociais e culturais de grande significado para a compreensão de sua ocorrência. O ambiente, de acordo com a abordagem etnometodológica de Jean-Paul Thibaud adotada nesta tese, é construído com a participação e ação das pessoas e com o envolvimento total da sociedade que representa, ao mesmo tempo, o papel de agente e ator da questão ambiental.

15. PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, SUSTENTABILIDADE E ACESSIBILIDADE NO BRASIL

“E, no entanto, as questões relativas à Cidade e à realidade urbana não são plenamente conhecidas e reconhecidas, ainda não assumiram politicamente a importância e o significado que têm no pensamento (na ideologia) e na prática (mostraremos uma estratégia urbana já em obra e ação)”.

Henry Lefebvre. O Direito à Cidade. 1991: 2.

Diante das muitas insatisfações com relação ao rumo que as cidades têm tomado, o governo federal brasileiro traçou algumas estratégias para reverter o caos urbano. Em 2003, foi criado o Ministério das Cidades no Brasil com a consciência de que as cidades deviam contar com sérias intervenções que as tornassem mais humanas.

“As cidades brasileiras abrigavam, há menos de um século, 10% da população nacional. Atualmente são 82%. Incharam, num processo perverso de exclusão e de desigualdade”.

Ministério das Cidades. <http://www.cidades.gov.br>.

Questões de acessibilidade e mobilidade foram adotadas nas campanhas do Ministério, sendo mais debatidas nas Conferências das Cidades. Também como resultado desta nova visão, o Estatuto da Cidade (Lei 10257/2001) representou outro avanço para a política de ordenamento das funções sociais urbanas, buscando garantir o direito a cidades sustentáveis (Informa 5. setembro 2005. www.planosdiretores.com.br).

A sustentabilidade urbana ganhou destaque nos documentos dos diversos órgãos do governo federal e nas agendas dos muitos encontros que têm sido realizados no Brasil. O tema, bastante antigo em termos mundiais, deve ser pensado como o novo paradigma de desenvolvimento e já começou a fazer parte das discussões brasileiras sobre o direito à cidade, realçando as questões da mobilidade urbana de todas as pessoas.

De acordo com alguns discursos e debates, este direito à cidade deve fazer parte de uma Política Nacional de

Acessibilização Urbana maior que possa resgatar o sentido de lugar como centro de ação das pessoas, inclusive as que têm alguma deficiência. Esta política está inserida em um Plano Nacional de Desenvolvimento Urbano que busca criar as condições de meios urbanos e sociais que sejam acessíveis a todos.

Ciente de seu papel na eliminação das barreiras físicas encontradas por estas pessoas, e como promotor da equiparação de oportunidades segundo princípios do desenho universal que acabem com a exclusão social e espacial, o governo criou o Programa Brasil Acessível que faz parte das atividades desenvolvidas pela Secretaria Nacional de Transporte e da Mobilidade Urbana (SeMob), quando foram incorporados o conceito de sustentabilidade e a consciência de que as cidades e seus elementos precisam mudar.

“Hoje, as condições de mobilidade urbana nas nossas cidades não são boas. (...). Nossas calçadas são estreitas, esburacadas, barulhentas, sem sombra, sem verde. Isso sem falar nos obstáculos para andar: lixeiras mal colocadas, carros estacionados, degraus. Mal cabe quem anda! Há ainda o impacto produzido no meio ambiente. (...). Isto tem acontecido porque, há muito tempo, nossas cidades crescem sem que exista uma política de mobilidade urbana que pense no interesse dos cidadãos e não privilegie o transporte individual, o carro”.

Ministério das Cidades. <http://www.cidades.gov.br>.

Os motivos que justificaram a criação de um programa de acessibilidade e de uma política de mobilidade urbana sustentável parecem os mesmos apontados nos discursos e percursos efetuados nesta tese. O estabelecimento de princípios e diretrizes para as políticas públicas visou melhorar o deslocamento das pessoas na cidade.

Tendo como um dos princípios norteadores a participação das pessoas diretamente envolvidas, o programa pode significar um

salto qualitativo nos itinerários e no seu caminhar pela cidade. Ele também faz parte de outras ações federais como, por exemplo, a regulamentação de duas leis muito importantes que vinham sendo reivindicadas há bastante tempo pelo movimento nacional de Pessoas com Deficiência e que acabaram por transformar-se no Decreto 5296 de acessibilidade de 2004, um dos mais importantes em nosso país.

No Programa Brasil Acessível, segundo Renato Boareto¹¹, estão previstas três etapas:

“Na primeira, o Ministério das Cidades oferece os instrumentos para a capacitação de pessoal e elaboração de um diagnóstico sobre a legislação local e as condições de acessibilidade. (...). Na segunda etapa, os municípios elaboram um plano de mobilidade. (...). Na terceira etapa, serão elaborados os projetos executivos e realizadas as intervenções propostas no plano de mobilidade”.

Renato Boareto. O Programa Brasileiro de Acessibilidade Urbana do Ministério das Cidades. Programa Brasil Acessível. *In* Anais do XV Congresso da ANTP. 2005.

A pesquisa realizada pelo Ministério das Cidades abrangeu 437 municípios e teve resposta de 218 dentre os consultados. Muitas das questões centraram-se nos meios de transporte, um dos mais importantes elementos para a mobilidade. Em dezembro de 2004 foi realizado um primeiro encontro em Brasília que mostrou as experiências de sete cidades brasileiras: Belo Horizonte, Campinas, Guarulhos, Rio de Janeiro, São Paulo, Uberlândia e Vitória.

Não tivemos acesso às melhorias que têm acontecido nestas cidades, apenas notícias veiculadas na imprensa e alguns

¹¹ Renato Boareto é Diretor de Mobilidade Urbana da Secretaria Nacional de Transporte e da Mobilidade Urbana. Ministério das Cidades. Esta menção que faz ao Programa Brasil Acessível fez parte de um artigo que apresentou em Goiânia e que foi enviado pela Internet para a autora desta tese.

depoimentos sobre a experiência Pessoas com Deficiência caminhar nestes contextos. Só mais recentemente o governo tem divulgado seus resultados.

A Cidade do Rio de Janeiro será analisada por intermédio das pessoas que participaram desta pesquisa e por um levantamento geral do quadro da sua acessibilidade.

São Paulo, apesar de sua grandiosidade e das características que a tornam uma megalópole, ainda apresenta muitas dificuldades mesmo com todas as ações e esforços que têm sido empreendidos para melhorar a mobilidade. Suas ruas e calçadas ainda são muito inacessíveis e existe um longo percurso a ser seguido para garantir o direito de ir e vir das Pessoas com Deficiência paulistanas. Para a arquiteta Silvana Cambiaghi (2006)¹² que trabalha na Prefeitura e possui deficiência como seqüela de poliomielite, São Paulo é uma “cidade difícil” pela extensão de seus deslocamentos e por sua topografia irregular. Cambiaghi falou sobre o "Programa de Melhorias na Área Central" que tem executado rampas para a travessia de ruas em alguns municípios do Estado de São Paulo, gerando frutos como o "Programa de Melhoria dos Bairros", que tem trazido alguns bons resultados.

A Cidade de Uberlândia fez parte do programa “Cidade para Todos” do Governo Federal, através da Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência (CORDE). Conforme depoimentos e palestras de pessoas com



Fig 24: Elevador para a Estação do Metrô na Av Paulista em SP

¹² http://www.amputadosvencedores.com.br/acessibilidade_sp.htm acessado em 18/04/2006. Depoimento de arquiteta Silvana Cambiaghi. **Acessibilidade em São Paulo: muito a ser feito.**

deficiência, Uberlândia parece ter avançado bastante e é vista com orgulho por seus habitantes pelas mudanças que lá se fazem sentir. Ana Paula Crosara Resende desenvolveu uma dissertação de mestrado sobre a acessibilidade em Uberlândia, onde fala de todo o processo vivido pela cidade.

Em Goiânia foi criada uma Comissão de Acessibilidade no Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA) de Goiás, cujo principal objetivo conscientizar os profissionais sobre os conceitos de acessibilidade e desenho universal em seus projetos. Um dos membros desta comissão é o engenheiro civil Augusto Cardoso Fernandes que tem uma deficiência física. Augusto desenvolveu um modelo de rebaixamento de meio-fio pré-moldado que foi adotado em Goiânia, que ficou fora do planejado, não atendendo as suas finalidades. A grande mudança encontra-se no próprio CREA, onde estão sendo desenvolvidos um guia e o projeto de uma calçada modelo para ser divulgada para a população.

Na Cidade de Vitória, no Espírito Santo, a Prefeitura lançou a Campanha “Cuide de sua Calçada¹³ Declare seu Amor por Vitória”, que faz parte do Projeto Calçada Cidadã. O objetivo era garantir o acesso seguro para todos os moradores e visitantes, conscientizar e sensibilizar a população sobre a importância de manutenção das calçadas. Houve, com certeza, uma mudança de postura por parte da Prefeitura, que tem se refletido nas obras municipais que já contemplam a

¹³ Informações obtidas de profissionais e no site da Prefeitura Municipal de Vitória.

acessibilidade. Alguns pontos da cidade estão sendo planejados segundo o conceito de “rota acessível” com projetos de calçada cidadã. Com relação ao transporte adaptado também existem dois programas criados para atender às pessoas que se locomovem em cadeira de rodas: o “Mão na Roda” que atende à grande Vitória e o “Porta a Porta”.

Apesar de a palavra acessibilidade poder assumir inúmeras conotações, o tema, sob o ponto de vista do meio físico, esteve por muito tempo associado às Pessoas com Deficiência. Atualmente, adota-se uma terminologia mais abrangente para um maior número de pessoas. Assim, o desenho ou projeto inclusivo cobre uma gama de interpretações que freqüentemente são usadas combinadamente com desenho universal, desenho livre de barreiras, desenho para todos (Cohen & Duarte, 2004).

Uma política de sustentabilidade deve ser produto de uma política social em que a acessibilidade e o desenho universal ou inclusivo podem restaurar a igualdade e conduzir à cidadania. Ficam assim semeados seus princípios de promover a qualidade de vida sem causar danos ao meio ambiente ou à habilidade de as gerações futuras alcançarem suas próprias necessidades. Mas, com relação à ocupação dos ambientes, se partirmos do princípio de que este pressupõe aptidões específicas a ele inerentes, ou requisitos desenvolvidos pelos diferentes grupos sociais, dentre os quais o das Pessoas com Deficiência cabe destacar que estes mesmos ambientes devem ser acessíveis, inclusivos ou universais para estarem aptos a



Fig 25 : Vitória – ES
Calçada Cidadã

dar suporte a esta ocupação. Este parece ser o paradoxo de cidades que queremos sustentáveis quando as Pessoas com Deficiência ainda encontram muitos espaços nos quais não conseguem se locomover. Qualquer barreira ou obstáculo serve como pressuposto para conflito, discriminação e exclusão social. Cabe destacar que a acessibilidade também deve ser vista em contexto e conforme os novos enfoques, dentre os quais pode-se mencionar a tese de doutorado de Rachel Thomas (2000) orientada por Jean-Paul Thibaud. Thomas questiona as relações dos ambientes construídos com o seu aspecto sensível. Sua análise faz emergir o papel do ambiente como configurador ou não da habilidade das pessoas de lidarem com o meio. Serão mostrados a seguir os conceitos que tomamos emprestado destes autores.

PARTE V – AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E AS AMBIÊNCIAS URBANAS

CORPO – ESPAÇO – MOVIMENTO



CIDADE – CORPO – DEFICIÊNCIA

“A ambiência - enquanto expressão e resultante de uma forma de vida, ela acompanha constantemente nossos fatos e gestos na maneira de uma base contínua que não pode ser interrompida. - nossas maneiras de sentir e de perceber, de agir e de interagir com o outro necessariamente se atualizam sobre o ‘fundo da ambiência’. - um operador particularmente poderoso da experiência”.

Jean-Paul Thibaud. Une approche pragmatique des ambiances urbaines. In Jean-Paul Thibaud ; Pascal Amphoux & Grégoire Chelkoff [Org.]. Ambiances en Débats. 2004 : 149.

A noção de ambiência se insere em uma corrente de trabalhos etnometodológicos e em práticas interdisciplinares de pesquisa que estão sendo desenvolvidas na Escola de Arquitetura de Grenoble pelo sociólogo francês Jean-Paul Thibaud e seus companheiros. A introdução deste novo conceito vem alargar a própria idéia de espaço urbano se inscrevendo na perspectiva pretendida nesta tese de associar o corpo com suas atividades sensório-motoras no seu deslocamento pela cidade.

Uma ambiência, da forma como é desenvolvida por Thibaud, também leva a refletir sobre experiência, percepção e ação situadas em um determinado contexto dos locais analisados nesta pesquisa sobre a locomoção de Pessoas com Deficiência. Um exemplo concreto do pedestre no ambiente público e da acessibilidade como passamos a entendê-la, é fornecida por Rachel Thomas (2004)¹⁴ que analisa a percepção em situações de mobilidade problemáticas relacionadas com as dificuldades de movimento de certas pessoas.

Estes trabalhos introduzem uma dimensão pouco trabalhada pelos estudiosos do urbano que é a das sensações que o pedestre tem ao caminhar e lidar com o ambiente sensível. Quando nos locomovemos e nos relacionamos com as outras pessoas nestas ambiências, podemos nos esbarrar ou estabelecer estratégias de afastamento para evitar o encontro. Ao mesmo tempo, estaremos vivendo emoções no ato ordinário de nosso corpo caminhando e se situando no espaço.

Assim, ao nos apoiarmos nesta linha etnometodológica, fenomenológica e pragmática desenvolvida por Thibaud, estaremos retornando ao concreto da experiência ambiental e do lugar do corpo de nossos sujeitos em sua apreensão dos espaços das cidades. Isto requer um entendimento de algumas teorias que têm sido desenvolvidas sobre ambientes sensíveis, sobre uma percepção situada e sobre a ação ambiental que envolve as pessoas que estamos estudando.

¹⁴ Rachel Thomas (2004) desenvolveu sua tese de doutorado “**Ambiances publiques, mobilité, sociabilité. Approche interdisciplinaire de l’accessibilité piétonnière des villes.**” sob a orientação de Jean-Paul Thibaud, tratando da percepção situada, dos ambientes sensíveis e da acessibilidade

16. SOBRE OS AMBIENTES URBANOS

Os ambientes urbanos serão analisados no contexto das situações que podem estimular: encontros, proibições, prazeres, afeto, alegria, angústia e diversos outros sentimentos. A lista seria interminável. No seu estudo sobre a produção social do espaço, Henry Lefebvre (2000: 345) fala de espaços concebidos, vividos e representados. Entretanto, preferimos questionar esta concepção clássica e definir a idéia de “ambiência sensível” como eixo condutor desta tese. Adotamos assim os mesmos princípios de Thibaud (2004: 158) em sua “abordagem dinâmica dos modos sensíveis de estruturação do espaço e do tempo”. Esta temática dá ênfase ao domínio dos sentidos e das sensações no ato de nos locomovermos pela cidade, fazendo emergir o próprio ambiente como base de ação do corpo.

A realidade de algumas ambiências pode revelar situações problemáticas de percepção para quem possui uma deficiência ou mobilidade reduzida quando existirem as inúmeras barreiras de acessibilidade descritas pelos estudiosos do assunto¹⁵. Abandonamos a preocupação comum com o planejamento das cidades para “corpos com limites sensoriais e cinestésicos” e centramos nossa análise no contexto e nas situações onde estas pessoas agem e se locomovem e como sentem e vivenciam estes ambientes.

Por muito tempo, de acordo com as fontes consultadas, a idéia de normalidade dos corpos fez com que a deficiência estivesse associada a fatores individuais, ou seja, as pessoas que a possuíam é que tinham que se adaptar ao meio. Hoje, muitos teóricos defendem um modelo social de deficiência, transferindo muitas das dificuldades vividas por estas pessoas para os fatores externos, dentre os quais pode-se mencionar o ambiente sensível.

¹⁵ Dentre estes estudiosos encontra-se a autora desta tese que, juntamente com Cristiane Rose de Siqueira Duarte, coordena o Núcleo Pró-Acesso que é referência na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Assim, para avançar na discussão sob um novo ponto de vista e paradigma, a deficiência está sendo investigada como uma situação ou contexto das ambiências urbanas, ao que Rachel Thomas chama de “situation urbaine handicapante” que desloca as deficiências das pessoas para o seu universo urbano de ação. Em outras palavras, podemos dizer que as ambiências se materializam segundo suas características físicas concretas, mas também segundo as sensações que são capazes de evocar no ato de se deslocar pela cidade. Quando a mobilidade se concretiza de forma positiva, os ambientes são penetrados, utilizados e apropriados, conferindo a expressão de um lugar ou sua ambiência do movimento.

“A ambiência é melhor explicável quando ela possibilita variações e modulações, rupturas e surpresas, ela é **expressão do lugar** no qual se instala – ela convoca **fenômenos** que a tornam mais ou menos atrativos ou repulsivos – ela envolve tonalidades afetivas e qualidades rítmicas que articulam nossa relação com o meio ambiente e com o outro”¹⁶.

Jean-Paul Thibaud. Ibid.:157.

Ao adquirir a expressão de um lugar, uma ambiência sensível também possibilita trajetos ou percursos pela urbe, envolvendo o corpo e o movimento. Para entender a relação do corpo deficiente locomovendo-se nos ambientes e situado em um lugar, serão feitas algumas reflexões sobre a teoria já existente.

17. CORPO, AMBIENTE E MOVIMENTO: MOTRICIDADE E MOBILIDADE

“Esse corpo não é apenas o corpo anatômico, não é apenas máquina que pode realizar funções e satisfazer a ‘todas as condições de funcionamento que asseguram sensação, percepção, consciência e atos’”.

Adauto Novaes. A Ciência no Corpo. *In* O Homem Máquina.

Nos estudos sobre o corpo e suas relações sociais, culturais e ambientais, encontramos os trabalhos de grandes teóricos, filósofos e pensadores. Na antropologia, pode-se mencionar David Le Breton que, além das questões ligadas ao contexto de valorização de um corpo idealizado pela cultura de uma determinada

¹⁶ Grifos e tradução livre da autora.

época, também coloca a deficiência como situação criada pela condição humana que estabelece preconceitos e estereótipos fragmentários da imagem ideal de corpo.

Além das noções de ambiência colocadas anteriormente, também serão introduzidos nesta tese dois importantes conceitos. Em primeiro lugar está a idéia de motricidade relacionada com o próprio corpo que possui um tônus muscular e assume determinadas posturas sem necessariamente se deslocar no espaço. Segundo Rachel Thomas, a motricidade “é uma resposta imediata do corpo a uma solicitação do meio ambiente” (Thomas, 2004: 171).

“O termo ‘motricidade’ intervém no registro expressivo e trabalha claramente com o corpo, os modos de orientação visual, aquilo que é da ordem das ações sonoras, da postura ou da atitude geral do passante”.

Rachel Thomas. Le piéton dans l'espace public. In Jean-Paul Thibaud ; Pascal Amphoux & Grégoire Chelkoff [Org.]. Ambiances en Débats. 2004 : 170.

Com estas considerações e todo o trabalho desenvolvido pela autora sobre a motricidade, a mobilidade, a acessibilidade e a percepção situadas em um determinado contexto, podemos introduzir os elementos essenciais de relação das características e posturas corporais de uma pessoa com as do ambiente no qual ela está inserida. Neste processo também se pode incluir a dimensão intersensorial do meio ambiente, quando sons e odores são acionados proporcionando, além dos fatores cinestésicos da percepção, a orientação espacial para determinadas pessoas e o sentido de mobilidade para seu corpo.

Entendemos assim que a motricidade é anterior ao deslocamento e serve de base para a ação. Com a imagem que temos de nosso próprio corpo, desenvolvemos tônus e posturas que iniciam o movimento. Esta reação corporal significa o ponto de partida para a mobilidade ou ir de um ponto a outro e se orientar espacialmente, fornecendo tanto a identificação da pessoa que caminha com o meio ambiente quanto sua sensação de pertencimento à urbe.

Desta forma, conseguimos unir as duas linhas mestras e conceitos norteadores da parte conceitual desta tese: a motricidade associada ao corpo significando uma dimensão da mobilidade e a mobilidade propriamente dita envolvendo competências de deslocamento, mas também de encontro e interação com o outro. Assim, a mobilidade urbana, como trabalhada pela sociologia da ação e nesta pesquisa, é de natureza do deslocamento físico e da ordem da urbanidade.

Jean-Paul Thibaud também acrescenta a importância da relação entre motricidade e deslocamento, desenvolvendo seu método de pesquisa sobre os “percursos urbanos comentados”, o que nos permite pensar, como arquitetos, nesta representação de onde o corpo parte, onde ele chega, a distância percorrida, o tempo despendido e, acima de tudo, nas sensações que um determinado ambiente é capaz de despertar. Tudo isto faz parte da mobilidade como também a entendemos e significa o que Merleau-Ponty designa por “participação no mundo”:

“Considero meu corpo, que é meu ponto de vista sobre este mundo, como um dos objetos desse mundo”.

Maurice Merleau-Ponty. Fenomenologia da Percepção. 1996: 108.

Esta associação do corpo com o ambiente e o movimento ou percurso nele efetuado, envolvendo reações motoras e emocionais, define a gênese de um sujeito com deficiência e com um corpo com dificuldades de locomoção ou com uma mobilidade reduzida. Podemos assim pensar em um esquema postural próprio na locomoção das pessoas em sua interação com o meio e com o mundo concreto, intersensorial e objetivo que lhe servirá de suporte para a sua percepção.

Neste contexto, os ambientes assumem importância pela sua praticidade ou pelo que podem propiciar em termos da mobilidade e da percepção neles situada. **O movimento livre**, o desejo de estar na rua e outros ambientes e a eliminação dos obstáculos impostos pelo meio fazem parte das necessidades de todas as pessoas, inclusive daquelas que se encontram em situação de percepção problemática.

A percepção, além de fazer parte do ambiente sensível e das emoções, também envolve outros processos com destaque especial para a cognição. Todos nós, quando agimos nos ambientes, temos uma visão do que este nos proporciona e faz parte de nosso universo particular.

“A percepção e representação do espaço – um lugar pode ser percebido, gostado, preferido com relação a outro, ou gerar um comportamento específico. Todos esses processos mentais, que são ambos cognitivos e emocionais, estão ligados à imagem que o sujeito tem do seu ambiente. Esta imagem varia de acordo com cada pessoa, sua história e metas em sua vida”.

Yvone Bernard. Connaitre et se représenter un space. In Jean-Marc Rennes. La Ville.

Podemos ir além e complementar que mais do que simples espaços, estes ambientes sensíveis podem ser amados ou odiados, incluem ou excluem. Ambiências urbanas constituem-se assim em situações físicas para a mobilidade urbana peculiar de cada indivíduo, pertencem ao mundo da pessoa e são aspectos internos da experiência.

Em termos de características concretas de um ambiente urbano, adotamos a categoria e o conceito das “affordances” desenvolvido por James Gibson (1986) e definido como o significado direto dos objetos e do meio. São, para o autor, os únicos atributos a proporcionar a percepção ambiental. Enxergamos a importância de um autor como Gibson pelo questionamento que fez das clássicas teorias cartesianas da percepção, introduzindo a ação em sua Perspectiva Ecológica Direta que trata de um processo de colher informações diretamente do meio. Neste sentido, os atos ordinários do cidadão como levantar, sentar, caminhar, virar ou simplesmente mover-se no espaço assumem um papel fundamental na atividade perceptiva do sujeito se locomovendo nos ambientes, ressaltando de maneira singular esta importante relação entre o movimento e a percepção.

Sob este aspecto e somente neste sentido, podemos aproximá-lo das abordagens de base etnometodológica e, em especial, de todo o estudo desenvolvido por Jean-Paul Thibaud sobre os ambientes urbanos. A metodologia de pesquisa de Thibaud foi adotada nesta tese e consiste em fazer com que os participantes caminhem,

percebam e descrevam o que percebem, valorizando a ação e a mobilidade urbana na percepção ambiental. Cabe ressaltar que a ênfase dada por Gibson apenas à visão exclui a dimensão intersensorial de apreensão do ambiente urbano, defendida por Thibaud, como pretendemos demonstrar com nossos resultados.

Entretanto, pode-se destacar o importante papel desempenhado por Gibson em nossa fundamentação pela sua valorização das características do meio, também transferindo o debate sobre a mobilidade e a acessibilidade para o ambiente e ordenação dos espaços de uma cidade. Por outro lado, questionamos as concepções de Gibson por excluírem outros mecanismos perceptivos do corpo situado no meio, como, por exemplo, a interferência da cognição espacial urbana. Gibson também minimiza a participação do sujeito, o que faz com que as noções de recursos ou *affordances* fornecidas pelo ambiente sejam as únicas responsáveis por sua ação e percepção.

Esta pode ser uma visão bastante simplista do movimento na cidade que se reduz a uma simples relação material e física com o ambiente que para Gibson, pode ser percebido sem o uso de outras influências do mundo mental. Uma das muitas críticas feitas pela etnometodologia à abordagem de Gibson é quanto à sua visão de que as pessoas não caminham ou agem em um meio de imagens, representações ou sentimentos. Esta relação biunívoca exclui de cena o aspecto da experiência urbana vivido pelas pessoas e exatamente por estas razões foi necessário buscar uma teoria que contrapusesse este ambiente objetivo e suas *affordances* com o ambiente subjetivamente experimentado. Com os suportes fornecidos pela sociologia da ação e com os trabalhos iniciados por Thibaud e Chelkoff (1996) sobre o ambiente sensível conseguimos avançar na questão do sujeito com deficiência e de sua mobilidade na cidade que, no nosso entender, também envolve suas sensações.

Cabe acrescentar as contribuições da fenomenologia de Merleau-Ponty para o alargamento desta discussão:

“E, como a gênese do corpo objetivo é apenas um momento na constituição do objeto, o corpo, retirando-se do mundo objetivo, arrastará os fios intencionais que o ligam ao seu ambiente e finalmente nos revelará o sujeito que percebe assim como o mundo percebido”.

Merleau-Ponty. Fenomenologia da Percepção. 1996: 110.

Temos assim uma síntese fundamental para nossa investigação, revelando o corpo de um sujeito que percebe em um mundo concreto e objetivo com *affordances* e características próprias. Abstraindo-se do seu ambiente imediato e utilizando-se de aspectos psíquicos e interiores, o sujeito percebe o verdadeiro ambiente e objeto no qual deseja atuar contextualizado espacial, temporal e emocionalmente.

Ainda segundo esta visão fenomenológica, Abraham Moles e Elisabeth Rohmer, consideram que tanto o espaço como o tempo terão como referência o corpo da pessoa. “Aqui e Agora ela o tomará como centro” (Moles e Rohmer, 1978: 10). Assim, o que os autores chamam de uma “filosofia do espaço centrado” (Moles e Rohmer, 1978: 13), será avaliado nesta tese como um “corpo deficiente situado no ambiente” ou as situações que este ambiente apresenta para sua mobilidade urbana. Muitos estudiosos acompanham esta tendência, falando de um “corpo situado no mundo”. O trabalho de Duarte, Paula e Santana (2005) também faz referência ao corpo situado e à cinestesia como o “movimento do corpo no espaço”. Paula (2001) utiliza a denominação “*relações do corpo (espaço situado) com o espaço (corpo situado)*” e faz referência sobre a maneira como se processam estas relações do corpo com a exploração e percepção ambiental.

Desta maneira, são ressaltadas as relações entre as *affordances* do ambiente urbano com os corpos humanos e sua motricidade, determinando como, Richard Sennett (2001: 17), suas “reações mútuas, como se vêem e se ouvem, como se tocam e se distanciam”. Estas abordagens mencionadas sobre corpo, ambiente sensível e percepção, nos forneceram o adubo essencial que fez germinar o quadro conceitual para nossa própria análise do contexto ou das situações ambientais encontradas pelo corpo das Pessoas com Deficiência e de sua mobilidade.

Cabe ainda acrescentar que “espaço e tempo”, “aqui e agora”, segundo Moles e Rohmer:

“Só existem por aquilo que os preenche. Se o espaço vazio dos físicos é uma noção puramente geométrica que se reduz à uma abstração pura e só vale no mundo dos conceitos, o que caracteriza a moderna Psicologia do Espaço é ao contrário a consideração na razão de uma experiência concreta, imediata ou que não passa pelo jogo da razão no nível do sujeito que reage e que é o objeto do psicólogo”

Abraham Moles e Elisabeth Rohmer. *Psychologie de l'Espace*. 1978: 53.

À abordagem meramente geométrica, material e física do espaço fornecida por Gibson e seus seguidores, foram acrescentadas as noções de uma experiência urbana concreta que foge da razão do sujeito com deficiência e que é o resultado da interação entre as situações encontradas com os sentimentos vividos no ambiente e no seu ato de caminhar, como procuraremos demonstrar na descrição dos percursos que foram realizados.

17.1 - Percepção, Cognição e Experiência Urbana¹⁷

Com as colocações e os diferentes teóricos que foram mencionados, vemos se destacar duas tendências para o tratamento do corpo situado nas ambiências: a Perspectiva Ecológica da Percepção Direta e a Etnometodologia. A primeira foi basicamente desenvolvida por James J. Gibson e seus seguidores e a segunda é uma abordagem particular da percepção que, conforme Jean-Paul Thibaud (2001: 27) inspira-se largamente na fenomenologia.

“A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada, ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles”.

Maurice Merleau-Ponty. *Fenomenologia da Percepção*, 1996: p.6.

Na fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty (1996), a espacialidade do corpo, a motricidade e a percepção são fenômenos intimamente relacionados que se modificam e são afetados pelas características e competências motoras das pessoas.

Também com base fenomenológica, a abordagem de Paul Schilder (1999: 324) vê a percepção como condição para a ação, envolvendo a auto-imagem corporal das

¹⁷ Algumas das considerações acerca da percepção urbana de Pessoas com Deficiência foram feitas embrionariamente na dissertação de mestrado em urbanismo de Regina Cohen, orientada por Cristiane Rose Duarte.

peessoas. O início de um movimento depende do modelo postural do corpo, do conhecimento dos membros e de suas relações mútuas, do sentido de cinestesia ou da imagem que alguém tem de seu próprio corpo. Segundo Schilder, esta consciência permite o direcionamento para um objetivo no espaço urbano e é importante tanto para a identidade pessoal quanto para a identificação das pessoas com os lugares, e para a sensação de seus movimentos corpóreos no mundo.

Nossa experiência depende desta correlação que influencia e é influenciada pela percepção que se tem do próprio corpo denominada propriocepção. A dinâmica, de acordo com Gibson, ocorre com os dois processos que atuam simultaneamente, quando percebemos a nós mesmos e o mundo externo que nos rodeia fornecendo informações diversas para nossas atividades e movimentos.

Além da imagem corporal para a própria percepção ambiental que as Pessoas com Deficiência têm de sua cidade, as características ou *affordances* do meio também são importantes para permitir o movimento e a percepção. Segundo Yi-Fu Tuan, “o espaço é dado pela capacidade de mover-se. Os movimentos freqüentemente são dirigidos para objetos e lugares. Por isso, o espaço pode ser diferenciado de várias maneiras” (Tuan, 1983: 14).

Temos assim a conjunção de diversos fatores que influenciarão a mobilidade que não pode ser tratada apenas na sua dimensão física e na sucessão de mecanismos para se caminhar. Pensar nas condições possíveis para o deslocamento significa também redirecionar nosso foco para estas diferenciações de competências ambientais motoras e perceptivas das pessoas, e para as particularidades do ambiente social.

Para Antonio Gomes Penna, “perceber é conhecer, através dos sentidos, objetos e situações. O ato implica, como condição necessária, a proximidade do objeto no espaço e no tempo, bem como a possibilidade de se lhe ter acesso direto ou imediato” (Penna, 1993: 11). Podemos assim afirmar que a acessibilidade das Pessoas com Deficiência à cidade não se limita apenas às barreiras físicas que elas encontram para

se deslocar, mas é também resultante da inadequação das *affordances* do ambiente para a qualidade das suas percepção, sensação e experiência urbana.

Estes novos enfoques sobre a questão da acessibilidade e da deficiência mostra também como a percepção envolve todos os sentidos, podendo haver a predominância de um sentido sobre o outro, como no caso de algumas deficiências. Marie-Christine Couic (1995) aponta para a dimensão intersensorial dos ambientes. Para ela trata-se de inserir no planejamento urbano e na produção do espaço uma “urbanidade dos sentidos” e repensar este lugar do sensível no planejamento do meio ambiente.

A etnometodologia como eixo conceitual desta tese requer uma atenção maior no que os sentidos proporcionam para a experiência urbana. Isto amplia ainda mais o debate sobre a deficiência física, mostrando outras dificuldades sensoriais de percepção. Também abre nosso campo de ação para a construção de um novo paradigma da ordem do “prático-sensível” (Thibaud, 2001: 23).

“Os objetos sensíveis mais estudados recentemente são os odores no meio construído, a gestualidade, a motricidade e a difícil questão da plurisensorialidade. Qualquer que seja o ponto de vista do habitat, do espaço público, do ambiente ou ainda da comunicação interpessoal, todas as práticas sensíveis foram sempre observadas como **percepções - ações em contexto**”.

Jean-François Augoyard. *Mise en pièces du citadin*. In Jean-Paul Thibaud [Org.]. *Regards en Action : Ethnométhodologie des Espaces Publics*. 2001 : 15.

Desta maneira podemos pensar o corpo, os sentidos, os gestos, as ações, as práticas e as percepções como fatos diretamente ligados ao ambiente material, caracterizando a cidade como configuração prática e a percepção como situada no contexto local de uma determinada ambiência.

Dentro deste quadro em que a etnometodologia inaugura um novo pensar sobre a prática do viver na cidade e da interação entre as pessoas, a ação terá como suporte o substrato da cognição humana e das representações sociais e espaciais.

A representação social foi um conceito amplamente trabalhado por Serge Moscovici e é considerada uma “modalidade especial de conhecimento que tem por finalidade a

elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (Moscovici, 1978). Já as representações de um espaço para a Pessoa com Deficiência serão resultantes da sua vivência, do seu conhecimento e da sua experiência no ato ordinário de ela se locomover e perceber os ambientes.

O conceito de representação urbana foi trabalhado por Lucrecia D’Alessio Ferrara como resultado de uma percepção ambiental que vai além das características encontradas nos ambientes (affordances). São os fatores e situações ambientais que influenciam nos comportamentos, nos valores e nas expectativas das pessoas com relação à sua cidade (Ferrara In Del Rio & Oliveira, 1996: 62). Mas significam também suas emoções situadas no contexto do ambiente sensível no qual se locomovem.

Podemos dizer que a cognição como parte de um processo de representação ambiental é um aspecto importante da experiência urbana e se traduz pela maneira como as pessoas conferem significado ao mundo físico, como o estruturam em sua mente e que efeitos ele produz no seu comportamento e nas suas sensações com relação àquele ambiente.

Alain Renier fala de uma semiótica do corpo no espaço, e da representação de uma cidade que é “‘textualizada’ por nossa apropriação, onde se manifestam todas as significações obtidas pelo jogo de significantes visuais, auditivos, olfativos e táteis, relacionados não apenas ao uso do espaço construído, mas à percepção dos fenômenos do ambiente” (Renier, 1989: 19).

Dentro deste conjunto de significações que se fenomenizam no espaço, a cognição é uma representação mental ou a soma de sensações, percepções, imagens, lembranças, julgamentos e avaliações que são trabalhadas através das informações fornecidas pelos ambientes da cidade nos quais as pessoas atuam e se locomovem.

Às conceituações de cognição acrescentam-se também as referências feitas por Colette Cauvin (1999) ao espaço singular que cada um habita carregado de imagens, de lembranças e de memórias passadas ou de sonhos futuros. Entre este espaço

subjetivo construído pela mente ou pela “cognição espacial intra-urbana” e o espaço objetivo configurado pelas “affordances” de Gibson, estão, segundo Cauvin, os espaços funcionais:

“Espaços derivados do espaço objetivo transformados pelos atributos possíveis retidos pelos lugares e ligações entre os lugares. São espaços onde podem efetuar-se os movimentos, os deslocamentos, em função de um objetivo determinado”.

Colette Cauvin, Propositions pour une Approche de la Cognition Spatiale Intra-Urbaine. Assim, os espaços funcionais ficam caracterizados pelas situações que são capazes de proporcionar para o deslocamento das pessoas e são filtrados pela mente, para se transformarem nos espaços cognitivos. A cognição resultará desta experiência urbana menos imediata. A grandeza da escala urbana da grande maioria das cidades contemporâneas tem demandado uma utilização cada vez maior da memória e de outros esquemas cognitivos.

Podemos também dizer que as pessoas estabelecem relações distintas com o meio ambiente, de acordo com as diferentes culturas e realidades sensoriais distintas. As Pessoas com Deficiência devem ser pensadas dentro deste contexto, seus sentidos de cinestesia ou movimento, sua audição, sua visão, seu tato e sua relação com os espaços fazem parte da cultura ou situação social na qual elas estão inseridas. Este é, segundo Edward Hall, o conceito mais difícil de demonstrar. A cultura representa o homem em um sentido muito vasto, composto de suas relações e dos meios físicos que o constituem.

“O espaço submete-se ao tempo, é produto, carrega traços, incita aos gestos, comportamentos, mas nunca é o verbo de uma ação. Ele autoriza o evento, mas não o contém. São os sujeitos que fazem história”.

Sylvia Ostrowetsky. Dédale n'est pas Cronos et la rue ne marche pas (Conférence), In Alain Renier (op cit), p.310.

Como as Pessoas com Deficiência fazem sua história e caminham pelas ruas? Quais são as situações ambientais que encontram? Quais são suas sensações? A resposta a estas questões será fornecida pelo percurso que foi efetuado com os participantes desta pesquisa, mas tentando estabelecer um diálogo entre os autores mencionados,

notamos que as teorias são contraditórias quando tentamos associar percepção com cognição. Qualquer entendimento envolve necessariamente a conjugação de três fatores explicativos: “o sujeito, o meio ambiente e a ação que une o sujeito ao seu meio” (Cauvin).

Ressaltamos a importância das *affordances* no processo cognitivo das Pessoas com Deficiência, porque são estas características do ambiente físico que condicionarão suas expectativas, desejos e sonhos com relação ao meio no qual procura se locomover. Ressaltamos também o papel do ambiente como criador das situações de pertencimento, de identificação com a cidade, de orientação ao caminhar e de apropriação dos espaços, podendo favorecer suas habilidades, suas competências motoras e seu afeto pelo lugar.

A conjugação destas categorias conduzirá à ação que une a Pessoa com Deficiência à sua cidade ou ao seu meio e faz parte de sua experiência urbana ou do ato de caminhar pelas ruas e pelos espaços como está sendo demonstrada nesta tese.

18. AMBIENTES, ESPAÇOS E LUGAR

“Na extensa literatura sobre a qualidade ambiental, relativamente poucas obras tentam compreender o que as pessoas sentem sobre espaço e lugar, considerar as diferentes maneiras de experienciar (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) e interpretar o espaço e lugar como imagens de sentimentos complexos – muitas vezes ambivalentes”.

Yi-Fu Tuan. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. 1983, p.7.

Quando o geógrafo Yi-Fu Tuan (1983) desenvolveu seu trabalho sobre a perspectiva da experiência que se concretiza em espaços que se transformam em lugares, havia poucas obras que tratavam desta relação. A experiência ambiental, segundo Tuan, muitas vezes envolve sentimentos topofílicos nas pessoas.

Topofilia foi um termo desenvolvido nos anos 70, por Tuan, que significa o amor por um ambiente, envolvendo comportamentos, valores e atitudes. Corresponde ao sentimento de valorização do lugar onde se encontra a pessoa. “Este conceito nos levaria a encontrar um ser humano apaixonado pelo local onde habita”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Topofilia>). Tuan foi um dos primeiros teóricos a trabalhar com as paixões e os afetos que as pessoas desenvolvem por um ambiente.

A perspectiva da geografia humanística de Tuan pode ter influenciado outros teóricos que aprofundaram a investigação sobre a experiência urbana e sobre os espaços que se transformam em lugares de ação vividos com sentimentos diversos.

Dentro da noção de ambiência, está a idéia de espaços que as Pessoas com Deficiência conseguem transformar em lugar de sua mobilidade urbana, fazendo com que adquiram talvez esta capacidade de habitar ou caminhar. A visão de morada também é bastante apreciada na arquitetura e na antropologia. “Quando a rua vira casa” (Santos e Vogel, 1981), quando as pessoas encontram sua rua e sua casa ou um lugar para seus percursos.

Para Yi-Fu Tuan, “o lugar é um objeto no qual se pode morar” (Tuan, 1983: 14). O espaço transformado em lugar faz parte da existência de uma pessoa, da sua experiência e do seu habitar, como em Martin Heidegger. Mais do que esta relação entre o habitar, o espaço e o lugar, está uma filosofia que também faz referência ao percurso:

“Os espaços que percorremos cotidianamente são conduzidos pelos lugares, (...). Se levarmos em consideração, estas relações entre o lugar e os espaços, entre os espaços e um espaço, nós obtemos um ponto de partida para refletir sobre a relação que une o homem e o espaço”.

Martin Heidegger. *Batir, Habiter Penser*. In *Essais et Conférences*. 1980: 186.

As idéias de habitação, de espaço que se transforma em lugar, assumem um conteúdo poético em vários sentidos descritos por Bachelard quando confronta exterior com interior, dentro e fora, a capacidade de acolhimento fornecida pela sua concha e outras figuras da sua *Poética do Espaço*. Também são encontradas nas imagens de fundo simmelianas de ponte e porta ou daquilo que une e separa ao mesmo tempo: a proximidade, a distância e a separação.

Por sua relevância, tratamos aqui da idéia de espaço que se transforma em lugar e do conceito de *lócus*. Para o arquiteto Aldo Rossi, “o ‘lócus’ acaba pondo em relevo, no

interior do espaço indiferenciado, condições, qualidades que nos são necessárias para a compreensão de um fato urbano determinado” (Rossi. 2001: 148).

Igualmente importantes são as contribuições da fenomenologia e de autores como Maurice Merleau-Ponty (1996), Marc Augé (1994) e Pierre Sansot (1994), sem esquecer das pesquisas que estão sendo desenvolvidas por Jean-Paul Thibaud (1993, 1996, 2001, 2004) e outros teóricos da linha etnometodológica, que fundamentou esta pesquisa.

Marc Augé trabalha com este “lugar antropológico” dotado de um sentido de movimento e como animação de lugares, como “espaço existencial” (*Genius Loci*) ou como “lugar de uma experiência de relação com o mundo de um ser essencialmente situado ‘em relação com um meio’” (Augé. 2001: 75). O autor também considera que é preciso que o corpo esteja situado e que esse sentido de cinestesia seja posto em ação, que o lugar se anime e que os percursos possam acontecer. Sua noção de “lugar antropológico” como “possibilidade dos percursos que nele se efetuam, dos discursos que nele se pronunciam e da linguagem que o caracteriza” (Ibid: 77) tem uma estreita relação com a maneira como as Pessoas com Deficiência conseguem estruturar seu ambiente de ação.

Fica claro para nós com estas considerações como o ambiente assume a importância de uma contextualização dos fenômenos de mobilidade que ocorrem a partir do corpo, transformando-se em lugares. Pode-se também acrescentar ao debate outros autores da corrente fenomenológica de análise dos lugares como Christian Norberg-Schulz (1981) e Maurice Merleau-Ponty (1996), para quem os ambientes adquirem este poder de imanência e de abrigo quando conseguem proporcionar uma experiência urbana rica de sentido e satisfazer as necessidades motoras de todas as pessoas.

A perspectiva do “*Genius Loci*” introduzida por Norberg-Schulz pode ser aplicada ao nosso estudo da relação da Pessoa com Deficiência com seu lugar na cidade,

conferindo ao ambiente um sentido de seu pertencimento e de sua identificação e proporcionando esta dimensão existencial e ambiental.

“O lugar representa esta parte da verdade: (...) é a manifestação concreta do ‘habitar’ próprio do homem, e a identidade do homem depende do pertencimento a este lugar”.

Christian Norberg-Schulz. *Genius Loci: Paysage, Ambiance, Architecture*. 1981: 5.

É muito importante entender estas relações entre espaços e lugares ou de lugares onde o corpo habita, e, principalmente, entre o lugar e o ambiente sensível vivido pelas Pessoas com Deficiência. Parafraseando Heidegger, elas habitam, elas vão de um objetivo a outro no espaço pelo fato de circularem entre as coisas e os lugares. E é somente no sentido desta sua existência e de alcançar pontos no ambiente que elas podem, no nosso entender, percorrer a cidade e estabelecer relações positivas de afeto.

Em sua abordagem pragmática das ambiências urbanas, Jean-Paul Thibaud (2004) também trata do lugar que possui esta capacidade de gerar gestos, deslocamentos e movimentos, inserindo o corpo de cada caminhante com suas características particulares e exercendo uma influência decisiva na sua prática ambiental.

“Tomando-se o tipo de corpo do passante, o lugar mostra um poder de impregnação que não deixa intacto quem o atravessa. – habita o corpo, ao mesmo tempo em que se deixa habitar por ele. Segundo sua categoria de intensidade permite valer sua eficácia sensório-motora dando sua justa colocação nos fenômenos rítmicos e energéticos que envolvem nossa relação com o mundo ambiente”.

Jean-Paul Thibaud. *Une approche pragmatique des ambiances urbaines*. 2004: 147.

Todos os autores e conceitos abordados aqui mostram uma relação que deve ser incorporada em qualquer pesquisa sobre a utilização que as pessoas fazem do ambiente. Os percursos ordinários de um cidadão comum ou da Pessoa com Deficiência nos fizeram pensar nestes espaços que se transformam em lugares associados com a expressão de uma corporalidade que se move e se orienta no espaço. Para isto, são colocados no processo diferentes competências motoras, emocionais e sociais que desenvolvem uma ação dentro daquele contexto e também

mobilizam sua percepção situada, transformando nossas abordagens projetuais e os espaços que projetamos em lugares.

18.1 - Corpo Deficiente situado no Espaço - Identificação com os Lugares.

“Mesmo se, a seguir, o pensamento e a percepção do espaço se liberam da motricidade e do ser no espaço, para que possamos representar-nos o espaço, é preciso primeiramente que tenhamos sido introduzidos nele por nosso corpo, e que ele nos tenha dado o primeiro modelo das transposições, das equivalências, das identificações que fazem do espaço um sistema objetivo e permitem à nossa experiência ser uma experiência de objetos, abrir-se a um ‘em si’”.

Maurice Merleau-Ponty. Fenomenologia da Percepção. 1996:197.

O corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty assume este aspecto, só podendo ser pensado na sua relação com os ambientes que o situam. Através de sua motricidade que é o momento que antecede o movimento e a mobilidade, ele se introduz e se situa. A própria noção de ambiência se inscreve nesta perspectiva de “embodiment”¹⁸, como colocado por Thibaud (2004). Assim, quando o corpo se situa no espaço, ele estabelece este modelo de identificação com o lugar, proporcionando a identidade da própria pessoa.

Com esta visão, conseguimos articular este espaço objetivo e concreto das *affordances* com o mundo subjetivo vivido pela Pessoa com Deficiência que possui dificuldades motoras e esquemas corporais próprios. Entendemos que para esta pessoa, a relação da sua mobilidade reduzida com a maneira como percebe devem estar relacionadas e é indissociável da sua atividade e do seu ambiente, o que também constitui sua “percepção situada” (Thibaud, 2004: 153).

Alfred Schutz também se refere ao processo de identificação com os lugares:

“O conceito de habitar vincula-se a noção de identificar-se, que vai ao encontro da noção de que o espaço se torna reconhecível ao homem por meio não de uma relação de igualdade, mas de semelhança, estabelecendo assim uma mão dupla, pois a partir dessa identificação com o lugar, o homem também reconhece a si mesmo”.

Alfred Schutz. *Le chercheur et le quotidien*, 1987, apud Claudia R. Vial Ribeiro. *A Dimensão Simbólica da Arquitetura : parâmetros intangíveis do espaço concreto*. 2003 : 82.

¹⁸ A tradução literal do termo em inglês “embodiment” é encarnação ou corporificação, o que nesta tese significa uma total relação do ambiente com o corpo que nele atua.

Este espaço reconhecível proporciona a identificação com o ambiente, fazendo com que o lugar adquira seu valor e a pessoa possa se relacionar com seu meio. Neste sentido, entendemos que desaparecem as reivindicações por direitos iguais e surge a idéia do reconhecimento da própria diferença. A evolução da noção de deficiência e a construção feita nesta tese fazem com que investiguemos as diferentes situações de mobilidade que são colocadas pelos lugares para proporcionar a identidade de todas as pessoas que neles se introduzem.

Que situações são oferecidas pela cidade para que a Pessoa com Deficiência se situe nos seus ambientes sensíveis e imprima a marca de sua identidade? Como esta relação acontece?

Segundo Proshansky (1974), a identificação com o lugar¹⁹ - “place identity” ou “place attachment” - é um componente importante da personalidade do indivíduo e se caracteriza pelos aspectos cognitivos e afetivos. Estas dimensões também são introduzidas pelos trabalhos na área da etnometodologia e, em especial, o de Jean-Paul Thibaud sobre as ambiências. O caráter situado do corpo deficiente e de sua percepção no ambiente, segundo este novo paradigma, acrescentou a dinâmica das sensações em nossa análise.

Relações afetivas podem se estabelecer a partir da identificação com o lugar, fenômeno que inclui múltiplas variáveis e fez nascer este interesse pelas pesquisas de “*place identity*” ou “*place attachment*”. Pensar no contexto das sensações também introduz no processo de avaliação dos lugares, as oportunidades das situações que são oferecidas para que a pessoa se sinta bem e tenha o controle deles. A identificação com os lugares pode variar de acordo com a identidade social e psicológica dos sujeitos, com a importância dada aos objetivos que se pretende

¹⁹ O pesquisador americano Harold Proshansky desenvolveu o conceito de “place identity” nos anos 70, que nós traduzimos como identidade ou identificação com os lugares.

alcançar nos ambientes, com sua ligação e afeição, com seu pertencimento ou *attachment*.

Sob este ângulo, podemos pensar nos corpos em termos de percursos e práticas ambientais diversificadas e situadas em diferentes contextos. O ambiente se destaca assim como objeto concreto da percepção situada capaz ou não de proporcionar o sentido de pertencimento da pessoa ao lugar, sua identidade pessoal e sua apropriação dos espaços.

Moles e Rohmer (1978: 55) consideram que “uma apropriação do espaço não é necessariamente a apropriação de um lugar, mas a extensão de um controle que permite ao indivíduo dominar seu ambiente, ao invés de ser dominado por ele”. A apropriação de um lugar, seu *Point Ici*, ou sua identidade, segundo estes autores, será condicionada pelo conjunto de experiências e cognições que este lugar permite.

O *Point Ici* ou a identidade aos lugares, além dos aspectos cognitivos da experiência, também é condicionado pela acessibilidade, que é uma ferramenta importante para a análise do ambiente e do grau de identificação encontrado a partir do percurso porque se organiza e se estrutura com a ação e a mobilidade do corpo da pessoa. A acessibilidade da Pessoa com Deficiência também está relacionada ao seu processo de configuração cognitiva dos espaços subordinando sua identificação com o ambiente.

A relação de obstáculos físicos encontrados neste processo é grande e costuma ser mencionada tanto pelos sujeitos que caminham e percebem, quanto por quem têm se dedicado às pesquisas sobre os componentes e efeitos que estas barreiras têm no comportamento destas pessoas²⁰.

“Vemos florescer avisos e signos de interdição, vemos elevar-se muros,..., assistimos o retorno da função de barreiras materiais segundo seu papel funcional: barreiras de acesso”.

Abraham A. Moles & Elisabeth Rohmer. 1978:114.

²⁰ Dentre estes estudiosos e pesquisadores, pode-se mencionar Regina Cohen – autora desta tese, e Cristiane Rose Duarte que têm desenvolvido diversas pesquisas nesta área.

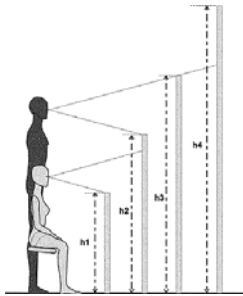


Fig. 26: Diferentes ângulos de visão
Fonte: NBR 13964 de 2003

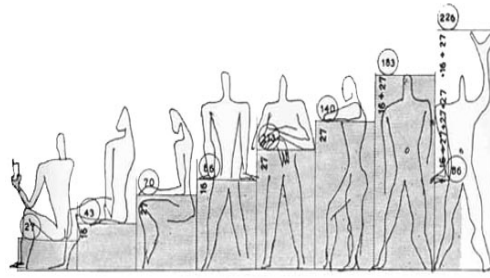
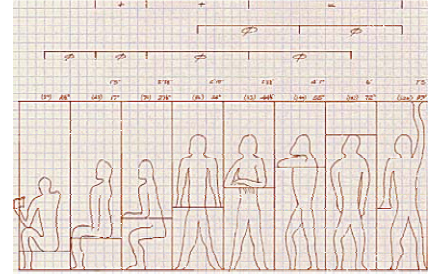


Fig. 27 e 28 - Diferentes posturas corporais.



Barreiras dificultam a apropriação do espaço, a identificação, o sentido de pertencimento ou “ancrage” (Santana, 2003. Frossard, 1998) e funcionam como signos de proibição dos percursos e da locomoção pela cidade. Segundo Isabelle Frossard, a noção de Point Ici obedece um certo número de leis que regem o comportamento do ser no espaço. Pode-se mencionar a bolha antropológica proposta por Edward Hall, o controle imposto por normas sociais sugerido por Erving Goffman, as distâncias de Georg Simmel, os esquemas de controle de condutas do Panóptico de Foucault, o espaço pessoal de Robert Sommer e outros mecanismos que impedem sentimentos de afeto e amor gerados pela apropriação que as pessoas fazem dos ambientes e por sua identificação com os lugares.

Mesmo com estas barreiras ou cerceados pelos limites impostos, corpo, espaço e movimento fazem parte do universo existencial da pessoa e também foram tratados de maneira interdependente pela fenomenologia. O corpo envolve esta esfera primária que é sua motricidade que dá para a pessoa o sentido de todas as suas competências com relação ao ambiente. Os lugares no espaço, segundo Merleau-Ponty, “inscrevem em torno de nós o alcance variável de nossos objetivos e de nossos gestos” (1996: 199). O alcance destes objetivos representa a possibilidade de nosso movimento, de

nossa acessibilidade ou de se conquistar pontos no espaço e, como consequência, a identificação que com eles podemos ter.

“Cada movimento determinado ocorre em um meio, sobre um fundo que é determinado, pelo próprio movimento (...). Executamos nossos movimentos em um espaço que não é ‘vazio’ e sem relação com eles, mas que, ao contrário, está em uma relação muito determinada com eles”.

Merleau-Ponty. Fenomenologia da Percepção. Ibid: 192.

Temos assim o caráter do corpo situado no lugar também defendido pela etnometodologia que se utiliza destes fenômenos para contextualizar a mobilidade urbana corporal e social que constitui a identificação com uma ambiência. Esta, por sua vez, também é produto do conhecimento dos “fatos urbanos” (Rossi) que geram estes laços afetivos ao que poderíamos denominar de uma antropologia urbana do corpo e das emoções. Com estas noções, pode-se também compreender melhor o sentimento de identificação, pertencimento ou attachment a um lugar.

De acordo com Denise Jodelet (2002), a identificação com os lugares envolve o passado ambiental do sujeito, com memórias, idéias e sentimentos, a propósito dos diferentes espaços e lugares vivenciados. Dentre estes sentimentos, pode-se mencionar por um lado o bem-estar do indivíduo e, por outro, os ambientes sensíveis que despertam medo, angústia, insegurança, sofrimento ou ameaça.

Ao interagir com o meio, ao percorrer o lugar e caminhar, esta mesma pessoa estará vivendo o que este meio está lhe oferecendo (*affordances*) e tentando agir com seu corpo e sua mobilidade. Suas sensações positivas ou negativas, seus afetos ou seus medos poderão representar a consolidação de sua própria identificação com o lugar de sua morada que, conforme Jodelet, consegue compensar as ameaças que encontra. (Jodelet, *In Del Rio; Duarte & Rheingantz, 2002, p.37*).

Uma outra maneira de avaliar a identidade espacial de uma Pessoa com Deficiência está nas interpretações e nos significados a partir de sua experiência vivenciada e de seu corpo situado no espaço. Quando os significados são vividos e “corporificados no

espaço” (Ribeiro. 2003: 48), as pessoas adquirem uma habilidade espacial e uma identificação com os lugares.

“Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é promotora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes repertoriados, classificados e promovidos a ‘lugares de memória’, ocupam aí um lugar circunscrito”.

Marc Auge, Não-Lugar: Introdução a uma antropologia da supermodernidade, 2004: 73.

Estes não-lugares comprometerão a identificação da Pessoa com Deficiência com o seu ambiente imediato. Interessa-nos estes lugares antropológicos apropriados pelas pessoas através de um dos sentidos, dentre os quais está o da cinestesia ou movimento e, particularmente, seus ambientes sensíveis.

17. Ambientes Sensíveis, Percepção Situada e Acessibilidade

“Pouca atenção foi dada às dimensões afetivas e emocionais constitutivas da percepção. Reintroduzir o sentimento na análise da ação e das práticas sociais permitiu sem dúvida pensar de uma nova maneira a experiência humana (...)”

Jean-Paul Thibaud. Visions Pratiques em Milieu Urbain. In Thibaud e Joseph. Regards en Action:ethnométhodologie des espaces publics. 2001: p.42.

A característica do meio de proporcionar sensações confere o que se pode chamar de “ambiente sensível” ou a capacidade que um espaço possui de provocar sentimentos, laços, emoções e uma certa afeição pelo lugar. Os ambientes urbanos também influem no sentimento de bem-estar ligado ao fato de viver em um lugar e ao contrário, um sentimento de perda quando somos obrigados a deixá-lo.

Estes sentimentos podem se traduzir para as Pessoas com Deficiência de várias formas, dentre as quais pode-se mencionar o discurso de uma delas:

“A falta de rebaixamentos de meio-fio, por exemplo, é irrelevante, pois mesmo que existisse eu não seria capaz de usá-los independentemente. Obviamente estas realidades não são para mim e meu acompanhante tão facilmente descartáveis, mas eu preferiria falar sobre as minhas necessidades de acesso em termos do que eu perdi nos domínios da experiência e da imaginação”.

Patrick Willett. Access Requirements & Spatial Awareness: how my role in the environment has changed. 1994.

Com as descrições das características deste ambiente feita por uma pessoa com deficiência, o meio aparece de forma concreta como uma condicionante da sua deficiência. O exemplo serve para mostrar que em condições mais favoráveis, ele não se sentiria tão impedido de freqüentar aquele ambiente, atravessar a rua e ter uma experiência urbana positiva. Mas ali estava a situação que diminuiu sua habilidade de interagir com o meio, fazendo com que se sentisse verdadeiramente deficiente.

Para se apropriarem dos ambientes e se sentirem como parte deles, as pessoas desenvolvem processos perceptivos e cognitivos com base na informação que recebem deles. Gorelik lança mão dos termos que têm sido recorrentes quando se fala do urbano: “itinerários”, “relatos espaciais”, “espaços narrativos”, “territorialidades”, “fronteiras”, “território”, “espaço pessoal”. Alguns destes conceitos interessam de forma particular. A idéia de percursos ou itinerários se tornará muito mais familiar quando considerarmos a maneira como as Pessoas com Deficiência se locomovem e analisarmos seus “percursos comentados”, o método de Jean-Paul Thibaud utilizado nesta tese.

Segundo Gorelik, é necessário um reencontro ao nível do solo com os praticantes ordinários dos espaços: os pedestres ou estas pessoas que estamos analisando em sua relação com a cidade. Ele também faz uma tentativa sistemática para explicar este sentido de pertencimento e de lugar que pode ser conferido pela sensação positiva despertada.

A análise das situações práticas vividas no ato de as Pessoas com Deficiência se locomoverem, introduziu esta dimensão sensível na pesquisa sobre a percepção que elas têm da cidade. Na abordagem de Thibaud (2001) e da etnometodologia centrada na ação do cidadão, o sujeito sempre percebe em contexto e nele estabelece relações afetivas e emoções. Pode ser o contexto das características físicas do local, das posturas corporais que a pessoa assume para percorrer, das condições temporais, da história da pessoa ou da interação com o outro.

Dentro deste novo campo de interesse, existe uma discussão sendo trabalhada sob dois diferentes pontos de vista que tem de um lado o cognitivismo e de outro o interacionismo simbólico. Quando Thibaud trata das ambiências, ele também ressalta a interação social como processo a ser investigado no ato de nos movermos na cidade, o que envolve ritmos às vezes partilhados, distâncias que as pessoas estabelecem nas relações face a face e posturas. Para o autor, estes procedimentos servem como fundo e condição da sociabilidade. Utilizando os princípios da etnometodologia, esta tese faz uma reflexão destas outras abordagens, optando por fundir as duas tendências para trabalhar com o que Thibaud chama de “percepção *in situ*”.

Algumas das idéias desenvolvidas por Thibaud e Chelkoff (1996) sobre ambiências urbanas colocam em evidência esta dimensão sensível no deslocamento e na atividade perceptiva das pessoas. Os ambientes podem ser valorizados pelo que possibilitam em termos da capacidade de agir no meio e de interagir com o outro, envolvendo ao mesmo tempo cognições e sensações.

Como estamos trabalhando com situações que devem ser analisadas em contexto e com a corrente de trabalhos da etnometodologia e de Jean-Paul Thibaud, também valorizamos a ação e a percepção situada. Mas o que significa estarmos aptos para agir e adquirir habilidade de lidar com os ambientes tal como eles se apresentam com suas características?

“Uma situação ‘habilitante’²¹ nascerá do sucesso do processo de configuração. Neste caso, o ambiente sensível do espaço público urbano constitui um espaço de recursos para o pedestre. (...) O pedestre tem a facilidade de estruturar sua atenção, organizar suas práticas e os contextos nos quais eles acontecem”.

Rachel Thomas. L’accessibilité des piétons a l’espace public urbain: un accomplissement perceptif situé.²²

²¹ Esta é uma tradução literal do francês. A expressão é pouco coloquial em nosso idioma. Rachel Thomas utiliza os termos ou expressões “situation handicapante” e “situation habilitante” para se referir às condições do meio ambiente para a mobilidade de Pessoas com Deficiência.

²² Esta citação faz parte de um artigo enviado por Jean-Paul Thibaud e foi retirado da tese de doutorado de Rachel Thomas (2000), que foi por ele orientada.

Desta maneira, as Pessoas com Deficiência desenvolvem ou não papéis ativos no meio e são capazes de se mover de acordo com estas situações urbanas encontradas. A análise da percepção situada de nosso sujeito envolve também a questão da intersensorialidade. Neste processo de configuração do ambiente, Thibaud (2001) fala de “objetos sensíveis”: sons, cheiros, gestos, visões, motricidades, comunicações, trocas entre as pessoas, encontros e sensações. Sob este ângulo, qualquer prática sensível do ambiente constitui uma diferente percepção ambiental situada, que enquanto experiência vivida é mais do que percepção:

”Por sua natureza contextual, ela é implicada, orientada, engajada, indissociável da globalidade do ser em situação”.

Jean-François Augoyard. *Mise en pièces du citadin*. In Thibaud, 2001 :11.

Em termos práticos, um aspecto da percepção situada é a capacidade de identificação da pessoa com o lugar que lhe permite interpretar o ambiente, se orientar, caminhar e “respeitar as regras de civilidade comumente admitidas em público” (Thomas, 2000). Este contexto possibilita que as pessoas se desloquem e se relacionem com as outras, que vejam, sejam vistas e assumam um papel ativo na sua mobilidade, na sociedade e na sua relação com a própria cidade.

Tendo Thibaud se apoiado em alguns estudos da fenomenologia, vale acrescentar o destaque que Merleau-Ponty dá ao corpo enquanto agente com uma função essencial nesta relação. O que importa para o autor é este “corpo enquanto sistema de ações possíveis, um corpo virtual cujo ‘lugar’ fenomenal é definido por sua tarefa e por sua situação” (1996: 336).

Considerando-se alguns estudos sobre o corpo e a percepção do movimento, os organismos não evoluíram num mundo estático de estímulos simples e isolados que não permitia demonstrar a riqueza informacional do meio ambiente. A interconexão entre os esquemas corporais (motricidade) e seus movimentos de um ponto a outro no espaço (mobilidade) fornece ângulos de visão específicos de acordo com o contexto

onde a pessoa se localiza. Uma pessoa que se locomove em cadeira de rodas, por exemplo, situa-se em um ponto de observação que lhe proporciona um conjunto de informações completamente diferentes de uma outra que está caminhando em pé. Sua experiência ao caminhar pode mostrar situações que não influenciam na percepção de pessoas que não enxergam ou não ouvem.

Assim, além da mobilidade reduzida gerada pela deficiência física, têm-se também as situações das deficiências sensoriais (visão e audição) que demandam outros sentidos para a percepção e orientação dos espaços. Gibson fala do sistema háptico que envolve o tato e outras informações que o corpo da pessoa percebe.

Pode-se complementar esta abordagem ecológica de Gibson, considerando-se também pelo viés situacional do tato e da audição nas diferentes dimensões intersensoriais de percepção de uma ambiência urbana.

“Um dos objetivos comuns a certas abordagens da sociologia urbana e da psicologia ambiental é pensar a atividade humana a partir do quadro sensorial no qual ele se inscreve”.

Jean-Paul Thibaud. *Une approche pragmatique des ambiances urbaines*.

Ressalta-se este poder mobilizador de um ambiente sensível que além dos sons, cheiros e tatos, envolve também a própria noção de movimento. Em outras palavras, precisamos da percepção do nosso próprio corpo (propriocepção) para podermos nos mover (cinestesia). Propriocepção indica movimento e posição no espaço, “incluindo informações cinestésicas” e “é indissociável da sensação externa indicando movimentos em direção a algo exterior” (Haselager & Gonzalez, 2003). A cinestesia é a sensação corpórea diretamente ocasionada pelo movimento.

A noção de posições que se ocupam no espaço e de pontos de observação também pode se traduzir pelas idéias desenvolvidas por Merleau-Ponty na sua *Fenomenologia da Percepção*:

“Nossa percepção chega a objetos, e o objeto, uma vez constituído, aparece como a razão de todas as experiências que dele tivemos ou que deles poderíamos ter. Por exemplo, vejo a casa vizinha sob um certo ângulo, ela seria vista de outra maneira do interior, de outra maneira ainda de um avião, a casa ela mesma não é nenhuma dessas aparições, (...)”.

Merleau-Ponty. 1996: 103.

Para a Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty (1996:337), as características do meio podem fornecer o sentido de pertencimento do corpo ao espaço e de seu movimento. Os espaços só existirão para as Pessoas com Deficiência na condição de sustentar seu caminhar e como um dos meios de constituição de seu mundo. O corpo deficiente poderá atuar quando sua percepção motora e suas intenções lhe oferecerem um espetáculo urbano variado condicionado pelas respostas que ele procura encontrar nos lugares.

Assim, o poder atribuído ao corpo depende de sua espacialidade que se materializa e situa no espaço pelo seu movimento. O movimento humano e suas relações com o corpo e com o espaço estão presentes em todos os lugares antropológicos. Podemos parafrasear o filósofo Spinoza e perguntar: “o que pode um corpo?”.

O estudo desenvolvido por Laban fala um pouco do que ele pode ser capaz:

“A extraordinária estrutura do corpo, bem como as surpreendentes ações que é capaz de executar, são alguns dos maiores milagres da existência. Cada fase do movimento, cada mínima transferência de peso, cada simples gesto de qualquer parte do corpo revela um aspecto de nossa vida interior. Cada um dos movimentos se origina de uma excitação interna dos nervos, provocada tanto por uma impressão sensorial imediata quanto por uma complexa cadeia de impressões sensoriais previamente experimentadas e arquivadas na memória, Essa excitação tem por resultado o esforço interno, voluntário ou involuntário, ou impulso para o movimento”.

Rudolf Laban. Domínio do Movimento. 1978: 48, 49.

Mas este domínio do movimento e a capacidade que um corpo tem para desenvolver ações dependem sempre de um ambiente. Percursos e deslocamentos são efetuados pelo movimento de um corpo que busca perceber a cidade e viver o espaço planejado e produzido. Lefebvre considera de grande importância o vivido corporal situado no espaço que assume este caráter: “ele prescreve ou proscreeve os gestos, os trajetos e percursos. Ele é produzido com este objetivo; é seu sentido e sua objetividade” (2000: 168).

Desta forma, a mobilidade urbana, conforme os trabalhos consultados da etnometodologia, da fenomenologia e da sociologia da ação, envolve um sentido de orientação, de direção, de localização e de continuidade no deslocamento do corpo

situado. Para que nos orientemos nos ambientes, além de termos sido introduzidos com nosso corpo, precisamos estabelecer e identificar pontos de referência para sabermos onde nos encontramos. Por outro lado, ao nos deslocarmos, este movimento de um ponto a outro também requer nossa orientação em direção ao lugar onde queremos chegar, e precisamos para isto conhecer e conseguir identificar os elementos de nosso percurso para obtermos este êxito.

Se nos colocarmos a clássica questão da filosofia e da etnometodologia sobre como percebemos o mundo, poderemos responder com uma definição básica de Thibaud:

“Enquanto experiência vivida, uma percepção situada é mais do que uma percepção. Por sua natureza contextual, ela é implicada, orientada, engajada, indissociável da globalidade do ser em situação” (2001: 11).

Assim, a mobilidade urbana do ponto de vista de situações de percepção situada conforme uma deficiência também envolverá sentimentos destas pessoas no seu percurso. A diversidade de fenômenos fornecem um conjunto de sensações e de percepções que fazem com que o ambiente seja dotado deste poder de mobilização capaz de gerar medos e inseguranças, mas também emoções e afetos pelo lugar.

Neste sentido, as competências motoras e sócio-perceptivas entrarão em sintonia com as propriedades sensíveis que um ambiente é capaz de gerar. Somado a tudo isto, pode-se também acrescentar a questão da acessibilidade que não está condicionada apenas às características físicas dos ambientes, mas pode ser também, como colocado por Thomas (2000), a “expressão motora de uma afetividade”. O ambiente sensível assume, assim, este papel fundamental no fornecimento das habilidades dando um sentido à dinâmica da percepção situada das pessoas e despertando sentimentos na sua relação com a cidade.

“Nesta perspectiva, a própria idéia de deficiência evolui para além de uma simples deficiência orgânica e se transforma no revelador das potencialidades de ação proporcionadas pelo ambiente (ou dos entraves feitos à ação que este pode produzir).

São estes os conhecimentos e as observações que os planejadores poderiam usar para repensar a questão da acessibilidade na prática do projeto”.

Rachel Thomas. *Ambiances publiques, mobilité, sociabilité. Approche interdisciplinaire de l'accessibilité piétonnière des villes*. Thèse de Doctorat en sciences pour l'ingénieur.

Com o que acaba de ser colocado, surgem algumas questões de ordem prática: Como é a relação das Pessoas com Deficiência e os ambientes urbanos sensíveis da cidade? Como elas se locomovem? O que elas sentem ao se locomover?

As respostas a estas questões serão fornecidas pelos discursos das próprias pessoas ao percorrerem estes ambientes e mais do que isso, pela tradução desta descrição no percurso e na linguagem que se traduz no caminho que acabaram de percorrer. Mas para isto, é necessário antes saber quais foram os procedimentos metodológicos adotados.

PARTE VI – METODOLOGIA O CORPO DEFICIENTE CAMINHANDO PELAS RUAS DE UMA CIDADE

“A cidade, contudo, não é um aglomerado de pontos, pedaços ou manchas excludentes: as pessoas circulam entre eles, fazem suas escolhas entre as várias alternativas - este ou aquele, este e aquele e depois aquele outro - de acordo com determinada lógica; mesmo quando se dirigem a seu pedaço favorito, no interior de determinada mancha seguem caminhos que não são aleatórios”.

José Guilherme Magnani. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana.
[online].

20. A BUSCA DE UM CAMINHO METODOLÓGICO

A definição de trajetos pelos ambientes fez parte da busca de um caminho metodológico para a pesquisa de como Pessoas com Deficiência se locomovem e percebem a cidade. Para entender estes percursos e discursos possíveis da experiência urbana efetuou-se um retorno à prática urbana diária. Com base nas investigações de base etnometodológica concentradas na ação das pessoas, o estudo da percepção em movimento e da locomoção do corpo deficiente foi sustentado por Jean-Paul Thibaud.

Para a análise desta realidade ordinária encontrada, percepção e ação assumiram lugares de destaque. Thibaud considera que em primeiro lugar deve estar a exigência da contextualização e que qualquer movimento deve relacionar-se com as situações a partir das quais torna-se possível.

Outro fator importante colocado por Thibaud, refere-se ao “cruzamento do dizer com o perceber” ou de uma análise da percepção a partir do relato verbal dos sujeitos. Trata-se de uma relação direta entre o que é descrito e as maneiras de perceber.

Com base nos estudos de Thibaud, a busca para esta compreensão definiu o “método de percursos comentados” desenvolvido por este autor. Como esta ação se dá para pessoas em “situações de percepção problemática” (Thomas, 2000)? Como uma deficiência física ou sensorial de visão e uma dificuldade de locomoção afetam ou influenciam na percepção ambiental da pessoa que a possui? Quais são as características dos ambientes nos quais estas pessoas desejam atuar?

21. A PERSPECTIVA DO USUÁRIO

“Trata-se de falar da cidade a partir do usuário, e não a partir da perspectiva de quem, curvado sobre uma prancheta, pretende estabelecer as normas, valores, usos e traçados que a cidade deveria ter se quisesse, realmente, ser uma cidade *‘comme il faut’*. Por esse motivo, o cotidiano, com sua inevitável mistura, com suas combinações complexas variáveis e cambiantes, devia ser a verdadeira fonte e o foco do conhecimento urbano”.

IBAM, Carlos Nélon Ferreira dos Santos e Arno Vogel. Quando a Rua Vira Casa. 1981: 78.

A perspectiva do usuário com deficiência caminhando pelas ruas da cidade foi fundamental quando da definição de uma metodologia. Pensar na problemática da relação do corpo deficiente com os ambientes de uma cidade significou compreender este corpo e a especificidade de sua percepção situada no espaço e no tempo. Corpo, ambiente sensível e movimento foram elementos essenciais.

As características ou affordances do meio ambiente que envolve este corpo são as situações mais importantes a serem pesquisadas para o seu deslocamento. Esta é a relação do sujeito deficiente com o ambiente percorrido e de sua percepção situada em um determinado contexto onde deseja locomover-se.

Temos assim os três fatores explicativos dos “deslocamentos urbanos”: sujeito, meio ambiente e a ação que une o sujeito aos ambientes urbanos. Como esta percepção situada do corpo deficiente, se ela existe, permite uma experiência urbana? De que situação se trata?

Para responder a estas e outras questões, foi necessário montar um *corpus* teórico que possibilitou uma maior compreensão das características ambientais e de suas relações com a acessibilidade motora e social e com as sensações vividas pela pessoa com deficiência nos “percursos comentados” pela cidade.

A idéia de uma rota acessível para se percorrer sem dificuldades pela cidade tem sido defendida pelos profissionais que se dedicam ao tema da acessibilidade²³. Entretanto, o que ocorre muitas vezes são situações como as descritas por um desses caminhantes:

“Eu já acordava pensando: ‘vou ter que me levantar, ir até o ponto de ônibus, subir no ônibus cheio, pegar a escada. Nos intervalos das aulas, calculava: ‘vou ter que chegar ao pátio, descer a escada, atravessar o corredor, tudo isso sem cair.’”

Depoimento de Pedro Pacheco de Queiroz Filho. “Sem Limite: inclusão de Portadores de Deficiência no Mercado de Trabalho”, 2002.

²³ Dentre estes profissionais pode-se mencionar Regina Cohen, autora desta tese, que junto com Cristiane Rose de S. Duarte coordena um Grupo de Pesquisas sobre Acessibilidade - o Núcleo Pró-Acesso da UFRJ.

Pedro, que tem distrofia muscular progressiva e se locomove em cadeira de rodas tinha que estabelecer estratégias para caminhar. A maneira como os ambientes se constituem para os percursos partiu do ponto de vista e da narrativa da pessoa que participou da pesquisa. Foram examinadas a fala, o percurso e a descrição feita ao caminhar e em um determinado contexto ambiental. O método de Thibaud utilizado consistiu em acompanhar as pessoas participantes em sua locomoção por determinados ambientes da cidade para compreender esta trajetória, obter os resultados da percepção em movimento e avaliar os locais onde se situam.

O distanciamento acadêmico exigido, nem sempre foi possível ou muito fácil para quem esteve nesta dupla posição de ser, ao mesmo tempo, o sujeito e o objeto de análise. Falar da cidade a partir deste seu usuário com deficiência significou muitas vezes, estar na perspectiva da própria pessoa com mobilidade reduzida que sou e, como arquiteta, também curvada sobre uma prancheta desenhando, descrevendo e analisando este caminhar.

22. CAMINHOS METODOLÓGICOS – PERCURSOS COMENTADOS O MÉTODO DE JEAN-PAUL THIBAUD

A problemática da relação do corpo deficiente locomovendo-se pela cidade conduziu a escolha do **Método dos Percursos Comentados**, desenvolvido pelo sociólogo **Jean-Paul Thibaud**²⁴. Este método foi bastante importante por ter sido trabalhado em *situ* ou nos locais previamente definidos onde ocorreu a ação, envolvendo três atividades simultaneamente: caminhar, perceber e descrever.

O “método dos percursos comentados” consistiu na definição de percursos urbanos e na análise do movimento como condição fundamental para a percepção. Tratou-se do

²⁴ Thibaud é sociólogo, doutor em urbanismo e diretor de um centro de pesquisas sobre o espaço sonoro e o meio ambiente urbano em Cresson, na Faculdade de Arquitetura de Grenoble.

estudo da “mobilidade urbana” e da locomoção de Pessoas com Deficiência pela cidade.

Esta maneira de pesquisar o ambiente foi testada por Thibaud no Museu do Louvre em Paris, além de ter sido aplicada em uma tese de doutorado sobre a intersensorialidade da percepção e do espaço urbano em quatro cidades européias (Couic, 1995)²⁵.

Para a pesquisa no nosso contexto, foram definidos percursos em quatro cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Salvador e Brasília. Cabe ressaltar que estas cidades não se constituíram em estudos de caso, mas apenas o pano de fundo para o estudo da constituição dos ambientes para o caminhar do corpo deficiente pelos espaços, nosso verdadeiro objeto.

Eram marcados pontos de encontro onde a pesquisa começava. Antes do início de cada percurso, a pesquisadora se reunia com os participantes para explicar a dinâmica do estudo.

Seguindo as recomendações do método desenvolvido por Thibaud, foi solicitado uma descrição a mais precisa possível do local que estava sendo percorrido a cada pessoa, da maneira como este caminho estava sendo percebido naquele exato instante, das situações encontradas e das sensações vividas. A “dimensão intersensorial na representação do espaço urbano” (Couic, 1995) teve de ser levada em consideração, sendo uma característica da orientação ao locomover-se. Os sentidos visuais, auditivos, táteis, olfativos, cinestésicos podiam ser mobilizados e pedia-se que fossem descritos o que se via, os cheiros e sons que a paisagem despertava ou o que se percebia com o pisar na calçada ou tocar com a bengala de um cego.

²⁵ Marie-Christine Couic apresentou seu projeto de tese de doutorado sobre “**La dimension intersensorielle dans la représentation de l’espace urbain**” em 1995 no “Rencontre des doctorants des écoles d’architecture du sud de la France”. Marseille’95 – 1 e 2 de junho de 2005. Laboratoire GAMSAU. Couic atualmente desenvolve seu Pós-Doutorado nesta mesma linha e faz parte de uma equipe de pesquisa sobre o espaço sonoro, que têm como um de seus diretores Jean-Paul Thibaud.

Também eram pedidos que se apontassem pontos marcantes do percurso. As descrições deviam ser feitas tanto em termos das características físicas do que era percebido na rua, na avenida, na praça ou na estação de ônibus da cidade pesquisada, quanto em relação às emoções e sentimentos que vinham ao percorrer um determinado espaço. A pessoa com deficiência que participava da pesquisa também precisava indicar algumas referências espaciais que nos facilitassem a fase de análise do ambiente sensível.

Cada pessoa que participou da pesquisa foi comunicada sobre as intenções científicas do trabalho e recebeu um gravador para descrever o que percebia ao caminhar. Foram documentadas oito (8) horas de gravação (percurso e entrevistas).

Considerando-se que o método é bastante flexível, uma vez tendo sido definidos o início ou locais de partida e os pontos de destino ou de encontro ao final de cada percurso, a pesquisadora deixava o pesquisado relativamente à vontade para suas próprias intervenções, paradas ou mudanças de caminho, tentando intervir o mínimo possível. Ao final do percurso, pesquisadora e pesquisado se reuniam para entrevistas mais detalhadas acerca da percepção daquele caminho e da situação encontrada.

Tentamos delimitar o tempo de duração de cada caminhada em torno de uma hora, o que nem sempre foi possível pelas próprias dificuldades de locomoção encontradas. Em alguns casos era necessário um certo bom senso para perceber quando a pesquisa estava demandando um grande esforço. A pesquisadora tinha de intervir e estabelecer uma maior proximidade, ouvir queixas e reclamações com uma certa cumplicidade o que foi, em geral, bastante apreciado.

Além da gravação dos percursos e das entrevistas, foram tiradas cerca de 300 fotografias e como se tratava da percepção em movimento *in situ* ou em contexto, a melhor maneira para se documentar foi o vídeo. Como tinha de acompanhar o percurso, fotografar, prestar atenção na maneira como estava sendo efetuado o trajeto e ficar atenta às dificuldades e particularidades que viessem a ocorrer, foi necessário o

auxílio de um profissional. Os percursos e as entrevistas deram um total de quatro (4) horas de filmagem.

No momento final do percurso ou da pesquisa em campo, aconteciam as entrevistas, que preferimos designar como bate-papos informais, quando se podiam esclarecer certos detalhes do percurso e da experiência. Eram preenchidos dados particulares da pessoa e havia uma descontração e relaxamento quando podíamos examinar questões e detalhes referentes à própria experiência.

A primeira questão que se solicitava era a descrição da situação física do percurso e dos sentimentos despertados. Devido a uma grande ansiedade por parte dos participantes em externarem suas dificuldades ou as barreiras de acessibilidade encontradas, assumindo em determinados momentos um caráter reivindicatório e de luta, muitas vezes foi necessário intervir para limitar o direcionamento da descrição que era feita do percurso.

22.1 - Análise do Contexto das Pessoas Pesquisadas

“Espacialidade do corpo e temporalidade do local – os dois principais elementos do contexto de descrição a levar em consideração na fase de análise”.

Jean-Paul Thibaud. Op. Cit: 84.

Foram estes os dois elementos do contexto pesquisado. A espacialidade do corpo ou o corpo deficiente situado no espaço ajudou a definir uma mostra qualitativa e os critérios que para a escolha dos participantes da pesquisa. Procuramos dar um tratamento o mais global possível tanto em termos da característica da deficiência e do grau de dificuldade de movimento encontrado quanto dos contextos sócio-econômicos, culturais, e de localização. Também foram levadas em consideração outras características pessoais como idade, sexo e nível de escolaridade que foram o mais abrangente possível.

Escolhemos vários caminhos ou percursos, o que possibilitou a obtenção de diferentes maneiras de apropriação do espaço urbano e descrições distintas segundo as diferenças corporais do caminhante e as situações encontradas.

Participaram **dezesete (17) pessoas com alguma deficiência: 13 com deficiência física e 4 com deficiência visual**, a idade variou de 39 a 68 anos de ambos os sexos: feminino e masculino. Como fatores econômicos, pode-se considerar que também houve diversidade em termos de níveis salariais ou de renda mensal que vai de um (1) salário mínimo até casos de mais de dez salários. Pelo menos uma pessoa disse não saber ou não querer revelar seu salário. Duas pessoas em cadeira de rodas vendem balas no sinal para ganhar seu sustento.

A escolaridade abrange desde o Segundo Grau incompleto ou completo do vendedor ambulante e do aposentado, respectivamente, passando pela formação superior de algumas pessoas nas mais diferentes áreas: psicóloga, advogada, engenheiro, professora primária, analista de sistemas, procuradora federal e juiz.

Em cada uma das deficiências com as quais trabalhamos, o nível de independência e autonomia também foi variado. Em alguns casos, devido ao grau de dificuldade, a pessoa não conseguia locomover-se sozinha, necessitando sempre da ajuda de terceiros para fazer seu percurso.

No caso das Pessoas com Deficiência Física, estas foram geradas por causas variadas. Houve casos de seqüela de poliomielite ou de talidomida, de lesão medular devido a acidente automobilístico, traumas causados por queda, acidentes doméstico ou de trabalho, amputação por bala perdida e outros de paralisia cerebral. Em uma das situações, a deficiente possui uma deficiência degenerativa caracterizada como “distrofia muscular progressiva”.

A situação de um dos participantes foi singular, pois além de possuir seqüela de poliomielite, ele sofreu queimaduras aos doze (12) anos, que também afetaram o movimento de seus membros superiores.

Algumas Pessoas com Deficiência Visual possuíam a cegueira por fatores genéticos e outras adquiriram a deficiência em idade avançada, já tendo o registro de uma memória quando enxergavam.

Pode-se também acrescentar os recursos utilizados por cada uma destas pessoas com deficiência e que fazem parte do seu próprio corpo já que não conseguem se locomover sem eles: cadeiras de rodas manuais ou motorizada, muletas ou bengalas para cegos.

Como colocado na dissertação de mestrado de Cohen (1999), estes equipamentos utilizados para suprir uma dificuldade de locomoção, podem ser considerados como os meios de que certas Pessoas com Deficiência dispõem e são as únicas semelhanças entre elas que são diferentes entre si.

Tabela 2

Física – Q.P.9	48 anos	Mais de 10 Salários Mínimos	Nível Superior	Engenheiro
Deficiência	Idade	Renda Salarial	Escolaridade	Profissão
Visual – A.P.1.	44 anos	10 Salários Mínimos	2º. Grau Completo	Aposentado Mecânico de aeronaves
Visual – B.P.1	43 anos	5 Salários Mínimos	Nível Superior	Aposentado Bacharel em Filosofia
Visual – C.P.1	62 anos	8 Salários Mínimos	Nível Superior	Contador e Professor Acadêmico
Física – D.P.1	40 anos	5 Salários Mínimos	2º. Grau Completo	Estudante
Física – E.P.2	39 anos	8 Salários Mínimos	Nível Superior	Professora de Biologia
Física – F.P.2	51 anos	10 Salários Mínimos	Nível Superior	Engenheiro Mecânico Aposentado
Física – G.P.2	49 anos	10 Salários Mínimos	Nível Superior	Bacharel em Filosofia
Física – H.P.3	62 anos	Não quis revelar	Nível Superior	Psicóloga
Física – I.P.4	39 anos	De 2 a 5 Salários Mínimos	2º. Grau Incompleto	Vendedor de Balas
Física – J.P.4	41 anos	De 1 a 2 Salários Mínimos	2º. Grau Completo	Professora
Física – K.P.5	68 anos	De 2 a 5 Salários Mínimos	2º. Grau Completo	Aposentado Programador Visual
Visual – L.P.5	50 anos	Mais de 10 Salários Mínimos	Nível Superior	Analista de Sistemas
Física – M.P.6	57 anos	Mais de 10 Salários Mínimos	Nível Superior	Aposentada Procuradora Federal
Física – N.P.6	60 anos	Mais de 10 Salários Mínimos	Nível Superior	Juiz de Direito
Física – O.P.7	42 anos	De 2 a 5 Salários Mínimos	Nível Superior	Advogada
Física – P.P.8	43 anos	De 2 a 5 Salários Mínimos	Nível Superior	Professora

22.2 - Definição dos Espaços de Pesquisa

Foram definidos percursos em quatro cidades do Brasil: Rio de Janeiro, Salvador, Juiz de Fora e Brasília.

Na Cidade do Rio de Janeiro, tentamos dar um panorama bem diversificado em termos de localização de bairros, sua infra-estrutura urbana e seus aspectos sócio-econômicos. Isto possibilitou um conjunto de situações em que os ambientes e sua avaliação puderam emergir do próprio contexto em que estavam situados. Fizemos percursos no Calçadão de Campo Grande, no boêmio bairro da Lapa, no grande burburinho do Largo da Carioca, na Praça Saens Peña e no bairro de Ipanema. Assim, além da diversidade com relação às pessoas, também tivemos uma diversidade de espaços.

O primeiro percurso comentado na Cidade de Salvador, devido às condições climáticas, não seguiu a maioria dos preceitos encontrados no “método dos percursos comentados” de Thibaud. Como chovia muito, foi necessário inverter a seqüência da pesquisa de campo que iniciou pelas entrevistas que foram bastante longas. O percurso foi feito a partir do Shopping Piedade indo até a Estação da Lapa, considerada pelos participantes da pesquisa a maior estação de transbordo da América Latina. Esta estação, com ônibus para todos os lugares ou cidades próximas de Salvador, fica localizada no Centro, próxima à Praça da Avenida Sete e tem como referência espacial de localização, a divisa dos bairros de Brotas, Campo Grande, Nazaré e Garcia.

Na Cidade de Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais, foi feito um percurso na Avenida Independência, que possui bastante movimentação de veículos e onde ficam localizados alguns serviços como hotéis e restaurantes.

O percurso na Cidade de Brasília ou Distrito Federal, talvez tenha sido um dos menores e foi realizado com apenas uma pessoa com deficiência física que se

locomove em cadeira de rodas. Saímos do Ministério das Cidades em direção ao Ministério do Planejamento, percorrendo assim uma quadra no local conhecido como Esplanada dos Ministérios no Plano Piloto de Lúcio Costa.

Desta forma, a metodologia adotada nesta tese exigiu uma fase preliminar de conhecimento do local a ser pesquisado e relatos posteriores da percepção em movimento de Pessoas com Deficiência. Foram estas descrições que serviram de base para as análises. E mais, o “método dos percursos comentados” ou de “caminhar, perceber, descrever”, envolveu três tipos de relato: descritivo, relato do caminho e relato das condições da experiência da Pessoa com Deficiência.

22.3 - Os Percursos Realizados²⁶

Cidade de Salvador – Bahia:

Tabela 3

Primeiro Percurso Comentado – P.1 – 20 de agosto de 2005:				
Do Shopping Piedade até a Estação da Lapa.				
Tempo do Percurso: 2 horas.				
Entrevista: 2 horas – de 10.00 às 12.30hs.				
Deficiência	Idade	Renda Salarial	Escolaridade	Profissão
Visual A.P.1.	44 anos	10 Salários Mínimos	2º. Grau Completo	Aposentado Mecânico de aeronaves
Visual B.P.1	43 anos	5 Salários Mínimos	Nível Superior	Aposentado Bacharel em Filosofia
Visual – C.P.1	62 anos	8 Salários Mínimos	Nível Superior	Contador e Professor Acadêmico
Física – D.P.1	40 anos	5 Salários Mínimos	2º. Grau Completo	Estudante

Cidade de Juiz de Fora – Minas Gerais:

Tabela 4

Segundo Percurso Comentado – P.2 – 29 de setembro de 2005:				
Avenida Independência – do Hotel Victory até um restaurante – um quarteirão.				
Tempo do Percurso: 1 hora.				
Entrevista: 1 hora – de 14.00 às 15.00hs.				
Deficiência	Idade	Renda Salarial	Escolaridade	Profissão
Física – E.P.2	39 anos	8 Salários Mínimos	Nível Superior	Professora de Biologia
Física – F.P.2	51 anos	10 Salários Mínimos	Nível Superior	Engenheiro Mecânico
Física – G.P.2	49 anos	10 Salários Mínimos	Nível Superior	Bacharel em Filosofia

²⁶ Os “percursos comentados” realizados para esta tese foram em um total de nove (9). Eles foram colocados com a designação de um P e um número correspondente à ordem temporal em que cada um foi feito. Assim, para o relato destes percursos pelas próprias Pessoas com Deficiência e posterior avaliação dos dados, será exibido este código

Cidade do Rio de Janeiro – RJ – Bairro de Ipanema

Tabela 5

Terceiro Percurso Comentado – P.3 – 24 de outubro de 2005:				
Rua Visconde de Pirajá – da Rua Garcia D'Ávila até depois da Rua Aníbal de Mendonça				
Tempo do Percurso: 1 hora.				
Entrevista: 2 horas – de 17.30 às 19.30hs.				
Deficiência	Idade	Renda Salarial	Escolaridade	Profissão
Física – H.P.3	62 anos	Não quis revelar	Nível Superior	Psicóloga

Campo Grande

Tabela 6

Quarto Percurso Comentado – P.4 – 25 de outubro de 2005:				
Calçadão de Pedestres.				
Tempo do Percurso: 2 horas.				
Entrevista: 1 hora – de 16.00 às 17.00hs.				
Deficiência	Idade	Renda Salarial	Escolaridade	Profissão
Física – I.P.4	39 anos	De 2 a 5 Salários Mínimos	2º. Grau Incompleto	Vendedor de Balas
Física – J.P.4	41 anos	De 1 a 2 Salários Mínimos	2º. Grau Completo	Professora

Bairro da Lapa

Tabela 7

Quinto Percurso Comentado – P.5 – 26 de outubro de 2005:				
Volta no quarteirão que vai da Rua Gomes Freire, passa pelas Ruas Mem de Sá, Lavradio e Riachuelo.				
Tempo do Percurso: 2 horas.				
Entrevista: 1 hora e meia – de 15.00 às 16.30 hs.				
Deficiência	Idade	Renda Salarial	Escolaridade	Profissão
Física – K.P.5	68 anos	De 2 a 5 Salários Mínimos	2º. Grau Completo	Aposentado Programador Visual
Visual – L.P.5	50 anos	Mais de 10 Salários Mínimos	Nível Superior	Analista de Sistemas

Bairro de Ipanema

Tabela 8

Sexto Percurso Comentado – P.6 – 01 de novembro de 2005:				
Rua Visconde de Pirajá – da Rua Garcia D'Ávila até a Rua Joana Angélica e Praça Nossa Senhora da Paz.				
Tempo do Percurso: 1 hora.				
Entrevista: 1 hora – de 16.30 às 17.30hs.				
Deficiência	Idade	Renda Salarial	Escolaridade	Profissão
Física – M.P.6	57 anos	Mais de 10 Salários Mínimos	Nível Superior	Aposentada Procuradora Federal
Física – N.P.6	60 anos	Mais de 10 Salários Mínimos	Nível Superior	Juiz de Direito

Largo da Carioca

Tabela 9

Sétimo Percurso Comentado – P.7 – 03 de novembro de 2005:				
Largo da Carioca – Estação do Metrô – Convento Santo Antonio – Edifício Av. Central – Caixa Econômica Federal				
Tempo do Percurso: 2 horas.				
Entrevista: 1 hora – de 16.00 às 17.00hs.				
Deficiência	Idade	Renda Salarial	Escolaridade	Profissão
Física – O.P.7	42 anos	De 2 a 5 Salários Mínimos	Nível Superior	Advogada

Bairro da Tijuca

Tabela 10

Oitavo Percurso Comentado – P.8 – 04 de novembro de 2005:				
Praça Saens Pena – interior e exterior da praça e seu entorno imediato – Estação do Metrô no interior da praça – Rua Conde de Bonfim				
Tempo do Percurso: 1 hora.				
Entrevista: 1 hora – de 11.00 às 12.00hs.				
Deficiência	Idade	Renda Salarial	Escolaridade	Profissão
Física – P.P.8	43 anos	De 2 a 5 Salários Mínimos	Nível Superior	Professora

Brasília – Distrito Federal

Tabela 11

Nono Percurso Comentado – P.9 – 13 de dezembro de 2005:				
Esplanada dos Ministérios – do Ministério das Cidades para o Ministério de Planejamento pela calçada.				
Tempo do Percurso: 1 hora.				
Entrevista: 1 hora – de 14.00 às 15.00hs.				
Deficiência	Idade	Renda Salarial	Escolaridade	Profissão
Física – Q.P.9	48 anos	Mais de 10 Salários Mínimos	Nível Superior	Engenheiro

22.4 - Entrevistas

“Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma seqüência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social”.

Sandra Jovchelovitch & Martin W. Bauer. Entrevista Narrativa. In Bauer e Gaskell. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. 2000: 91.

As entrevistas semi-estruturadas foram feitas após os percursos e envolveram as seguintes questões: possibilidade de distinguir os lugares percorridos em função de ambientes, acontecimentos mais marcantes por ocasião do caminho, conhecimento e

ocasiões de participação do quarteirão, avaliação da experiência, informações pessoais (idade, profissão, local de moradia).

Embora, tenhamos trabalhado com a entrevista informal, foi necessária a adoção de um roteiro esquemático com as principais questões que não tivessem sido registradas na gravação dos percursos comentados como as características físicas do percurso, influências que este teve na percepção em movimento, emoções e/ou sentimentos que foram despertados, pontos mais marcantes, relação da deficiência com a forma como era feito o percurso, imagens que vinham à mente ao se deslocar, comparações com outras cidades e rotinas diárias ao percorrer os espaços.

Segundo John Zeisel (1981, p.137), as entrevistas informais auxiliam o pesquisador a descobrir o que as pessoas pensam, sentem, fazem, sabem, acreditam e esperam. No nosso caso, elas contribuíram na análise da locomoção de Pessoas com Deficiência pela cidade, da sua prática e experiência ambiental (ambiente vivido), das características ambientais (affordances ou situações) e das percepções situadas (ambientes percebidos).

O acompanhamento dos percursos e todas as observações colocadas nas entrevistas possibilitaram a compreensão fenomenológica dos deslocamentos efetuados pelas Pessoas com Deficiência na sua cidade e de sua acessibilidade motora e social.

Mas, como se trata de uma investigação acerca do caminhar, do perceber e do descrever, foram adotados outros recursos como a documentação fotográfica e videográfica como será demonstrado a seguir.

22.5 - Foto e Vídeo

“O espaço representado – o espaço é uma categoria fundamental de nosso entendimento’ (Kant), aplicada à nossa experiência do mundo real. Do ponto de vista perceptivo, o espaço refere-se, sobretudo à percepção visual e à percepção ‘háptica’ (percepção ligada ao tato e aos movimentos do corpo); dessas duas percepções, é aliás a segunda que nos dá o essencial de nosso ‘sentido do espaço’, e a vista aprecia sempre o espaço em virtude de sua ocupação por um corpo humano móvel.”

Jacques Aumont. A Imagem, 1993: p.212,213.

A utilização do vídeo como método para a análise dos espaços representados foi um instrumento necessário para a compreensão dos percursos e discursos efetuados e das situações encontradas nos ambientes por pessoas com alguma deficiência. Este recurso foi fundamental no estudo desta percepção ligada aos movimentos de um corpo com mobilidade reduzida ou dificuldade de locomoção.

O trabalho desenvolvido por Raymond Lifchez e Barbara Winslow (1979), na Universidade de Berkeley, na Califórnia, Estados Unidos, comprovou a importância deste método de investigação. Para estes arquitetos americanos, a técnica da documentação visual através de vídeo é usada no processo de conscientização das necessidades espaciais de pessoas com deficiência.

O trabalho com metodologia participativa na área da psicossociologia também é uma iniciativa do laboratório de imagens do Programa EICOS da UFRJ, e foi criado por Maria Inácia D'Ávila Neto:

"A imagem não pode apreender o corpo sem fazer referência ao suporte material ou à finalidade igualmente material de sua atividade (...) O corpo e as operações materiais apresentadas pela imagem remetem juntos, por sua própria aparição, aos seus aspectos ocultos da sociedade, situados fora do campo da delimitação (...) e graças aos quais todo o gesto é também um rito. (...) A imagem do filme sempre delimita um momento da relação entre corpo, matéria e rito no seio da cadeia de cooperação".

<http://www.eicos.psychology.ufrj.br> .

A documentação visual, através de vídeo, forneceu um registro fundamental para o entendimento dos percursos comentados e da maneira como estas pessoas se locomovem. Foi importante utilizar este instrumento do "vídeo na pesquisa" para registrar as dificuldades e situações de percepção em movimento encontradas por estas pessoas na cidade, e as características ambientais do corpo deficiente situado.

23. O ROTEIRO DA PESQUISA DE CAMPO E DA ENTREVISTA

Esta pesquisa adotou como princípio para a investigação acerca da maneira como Pessoas com Deficiência percebem, vivem e experimentam sua cidade o “Método dos Percursos Comentados” de Jean-Paul Thibaud.

Os itinerários descritos e percebidos, conforme Thibaud, e o conceito de imaginabilidade adotado por Lynch, foram analisados segundo o roteiro aqui apresentado e por mim adaptado. Eles consistiram de um percurso preliminar por um espaço importante da cidade pesquisada, onde a pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida teve de caminhar descrevendo este caminho com o auxílio de um gravador onde registrava o que percebia ao se locomover. Tratou-se da **Percepção em Movimento**, já que para Thibaud, a cidade é verdadeiramente percebida desta forma.

Este trabalho foi desenvolvido com uma pequena amostra de cidadãos com deficiência e teve como objetivo avaliar a imagem urbana que estas pessoas têm de sua cidade.

23.1 - Primeiro Passo - Percursos Comentados

O entrevistado seguia à frente do entrevistador e relatava, através de uma gravação, o que via – **características físicas** - ao longo do seu percurso, indicando os pontos onde se sentia seguro ou perdido e quaisquer outras sensações – **características emocionais**.

23.2 - Terceiro Passo - Entrevista

23.2.1 - O Percurso

1. O que primeiro lhe traz à mente, o percurso realizado nesta parte da sua cidade?
Em termos gerais, como você descreveria **seu percurso**, fisicamente falando?
2. Faça um mapa esquemático do seu **percurso**. Faça uma rápida descrição do **percurso**.
3. Sua deficiência afeta a maneira como caminha por **este percurso**? Tente descrever.

4. Você conseguiria fazer uma relação entre sua **postura corporal** e a forma como percebe **os espaços percorridos**?
5. Você conseguiria fazer uma relação entre sua **deficiência visual** e a maneira como percebe **os espaços percorridos**?
6. Consegue descrever como foi feito seu **deslocamento**?
7. Quais elementos **do percurso** você considera mais distintivos em termos de facilitar ou dificultar seu deslocamento? Descreva um pouco estes elementos.

23.2.2 - A Cidade como um todo:

8. Descreva-me o seu **percurso cotidiano** quando sai de casa para suas atividades diárias (trabalho, estudo, outras). Tente imaginar-se realmente fazendo-o e descreva as coisas que vê, ouve ou das quais sente o cheiro ao longo do caminho, inclusive os pontos que são importantes para você? Faça apenas uma descrição física do percurso. Não importa que não se lembre de alguns nomes de ruas ou lugares. Faça essa descrição imaginando-se **em movimento**.
9. Quanto tempo leva para fazê-lo?
10. Além de seu percurso cotidiano, que outros lugares da cidade costuma percorrer?
11. Você tem alguma **emoção** nestas diferentes partes da cidade?
12. Consegue descrever como é feito seu **deslocamento pela cidade**?
13. Existe algum lugar da sua cidade que lhe seja especificamente marcante? Tente descrever.
14. Existem partes em que se sente inseguro ao caminhar? Descreva.
15. Quais elementos **de sua cidade** você considera mais distintivos em termos de facilitar ou dificultar seu deslocamento? Descreva um pouco estes elementos.
16. Algumas questões que gostaria que complementasse:
 - A – Como você vive e vê a sua cidade?
 - B – Como você vive sua rotina diária, locomovendo-se por sua cidade?
 - C – Quais são suas experiências mais marcantes ao se deslocar?
 - D – Como você vive e vê sua cidade em termos do resto do país e do mundo?

E – Você consegue se locomover pela cidade?

F – O que você sente ao se deslocar por este percurso?

19. Das cidades que você conhece, quais têm uma boa estrutura que facilite sua

24. AS LIMITAÇÕES DA PESQUISA

A tarefa, nem sempre tão fácil, de estabelecer uma metodologia de trabalho e pesquisa exigiu uma revisão de alguns métodos de análise dos espaços urbanos e demandou o esforço aqui efetuado de preparar um conjunto de ações que guiasse de forma segura na investigação da relação do corpo deficiente com a cidade, dos percursos e dos discursos possíveis na experiência urbana destas pessoas.

Desta forma, conseguimos concluir esta tese de doutorado, apesar de alguns imprevistos que surgiram. Segundo Maciel: “Isso exige não só um feedback constante, com os resultados obtidos durante a realização de uma pesquisa, mas também um diálogo com outras metodologias, diferentes da que se está utilizando no momento” (Maciel, 2000, p.189).

Depois do nosso registro dos percursos e das entrevistas, fizemos uma minuciosa análise de forma a obter das pessoas com deficiência um relato o mais fiel possível de suas percepção, experiência e imaginários urbanos.

O método de Thibaud ou dos “percursos comentados” envolveu também duas atividades principais na experiência: a orientação perceptiva do sujeito com deficiência que percebe e a orientação motora desta mesma pessoa. Os resultados desta investigação poderão apontar para as possibilidades de que a pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida dispõe para se locomover sem barreiras no ambiente urbano de algumas cidades. Pode nos revelar também como elas fazem para se adaptar às circunstâncias adversas de um meio com obstáculos e que influência este mesmo meio exercerá nos aspectos práticos, perceptivos, sensíveis e psicológicos das suas experiências.

Em trabalhos futuros, pretendemos ir mais além na análise da percepção situada e da experiência urbana de pessoas com deficiência e fazer um estudo comparativo mais amplo para saber se existem cidades que acolhem bem estas pessoas ou porque certas cidades são melhores que outras.

PARTE VII – AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA POR ELAS MESMAS: A DESCRIÇÃO DOS PERCURSOS

Percursos Possíveis



“O que se segue é um dos tantos percursos possíveis efetuados. É a experiência biográfica, sensibilidade estética, desafio literário. É descrição e interpretação. É, sobretudo, comunicação, um ‘ouvir’ o tipo de códigos e mensagens (...), num determinado contexto urbano e numa particular fase da história”.

Massimo Canevacci. A Cidade Polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. 2004: 129, 130.

25. A PESQUISA DE CAMPO

Os “percursos comentados” e os relatos feitos, através das entrevistas, revelaram mais que se pode dizer pela fala do pesquisador que também realizou seu próprio trajeto na urbe carioca. São alguns destes percursos e itinerários possíveis, dentre tantos, pelos espaços de uma cidade que constituem a mobilidade urbana concretizada.

A grande ênfase dada em nossa pesquisa de campo esteve nas sensações que as Pessoas com Deficiência tiveram ao percorrer os ambientes selecionados e nas características ambientais destes lugares. Considerando-se a ambiência como suporte para o universo urbano sensível das pessoas, foram investigados estes ambientes a partir dos quais os percursos se fenomenizam tendo como base de sua motricidade o corpo de algumas destas pessoas.

Esta pesquisa de campo também buscou englobar diferentes realidades ou contextos onde as pessoas se deslocam, levando em consideração que cada ambiente, cada pessoa e cada deficiência constituem uma situação específica. Buscou-se entender como estas pessoas vivenciam os percursos efetuados em termos emocionais, temporais e ambientais e como sua percepção e seus corpos são situados na cidade.

Os participantes desta investigação foram solicitados a caminharem e descreverem as características físicas do percurso que faziam, as dificuldades que encontravam, os pontos mais marcantes, os locais de conflito ou as facilidades. Também deviam enumerar todas as sensações em termos cinestésicos, visuais, auditivos, olfativos ou térmicos. O tumulto da multidão, o caos das calçadas com camelôs, o barulho do tráfego de veículos pela rua, o canto de um pássaro ou o odor de uma lanchonete. Como em Thibaud (2001) e Couic, (1995), a “intersensorialidade do espaço urbano” para o deslocamento devia ser acionada, além da descrição de emoções e de sentimentos ao fazer aquele percurso.

Nem sempre, o espaço concreto, ou aquilo que se percebe ao percorrer, corresponde às expectativas ou necessidades das pessoas. Partimos da hipótese de que as affordances de alguns ambientes urbanos influenciam nas competências motoras e na habilidade de lidar com o meio, muitas vezes reforçando a própria deficiência. Nestas circunstâncias ou situações, as pessoas encontram dificuldade de se identificar com os lugares e estabelecer relações afetivas positivas.

Foi assumida a perspectiva do usuário e do discurso da pessoa que se locomove. Será o relato do caminho por elas mesmas e dos ambientes percebidos e vividos durante um determinado percurso, inscritos em um determinado contexto e tempo e realizados pelo corpo deficiente ao se locomover.

Afinal, esta é a cidade que realmente interessa nesta tese, a que faz parte do contexto de todas as cidades possíveis que adquirem uma linguagem múltipla e assumem a diversidade humana, este “caminhar poliglota” (Thibaud) ou esta “cidade polifônica” (Canevacci) que iremos recompor na descrição dos caminhos pesquisados, da Cidade Percebida²⁷ e dos ambientes sensíveis das próprias Pessoas com Deficiência.

26. A CIDADE PERCEBIDA – OS PERCURSOS COMENTADOS

“Você aí em pé. Você não deve saber / como é o mundo aos olhos de quem sofre / ao se mover”.

Herbert Vianna, Ponto de Vista, música do CD Hoje dos Paralamas do Sucesso.

“Se alguém me dissesse antes que tocar sentado poderia ser bom, eu não acreditaria. Pulava sem parar, perdia até cinco quilos por show. Sentado, posso ler as expressões dos rostos que vejo. Recomeço com este ponto de vista”.

Herbert Vianna, In Entrevista dos Paralamas do Sucesso, In Revista O Globo, 30-10-2005.

²⁷ O Estudo sobre a Percepção dos Espaços Urbanos segundo Pessoas com Dificuldade de Locomoção (PDL) teve início por ocasião da dissertação de Mestrado em Urbanismo de Regina Cohen, orientada por Cristiane Rose de S. Duarte. Tratamos da questão de como as pessoas que possuem alguma deficiência física percebem os espaços de uma cidade. O recorte social foi constituído de pessoas que se locomovem em cadeira de rodas ou por meio de muletas e foram identificadas as muitas barreiras físicas existentes nos espaços.

Atualmente, para a elaboração desta tese e aplicação do “Método dos Percursos Comentados” de Jean-Paul Thibaud, muitos dos comentários que foram feitos por estas Pessoas com Deficiência ao percorrerem determinados espaços foram aprofundados em termos da intersensorialidade urbana e, principalmente, pelas sensações que são capazes de despertar. Aprofundamos esta questão, trabalhando agora com mais intensidade uma percepção em movimento.

O músico e compositor Herbert Viana, que sofreu um acidente e atualmente se locomove em cadeira de rodas, fala de sua experiência como uma pessoa sentada e que caminha pelas ruas de uma cidade. A referência que faz sobre a sua diferente percepção com relação a uma pessoa que está em pé é interessante para a abordagem do discurso das pessoas pesquisadas.

Mais do que isso, ele revela um aspecto positivo de sua vivência como uma Pessoa com Deficiência Física, quando ainda são comuns olhares de pena, preconceitos e estereótipos de beleza em nossa sociedade.

Como uma pessoa em cadeira de rodas percorre e percebe os ambientes da cidade? Como é o caminhar de uma pessoa com a perna amputada? Como certas características corporais influenciam na maneira e nas sensações como uma pessoa percorre e percebe a cidade? O que os ambientes proporcionam para os percursos destas pessoas? Qual é a percepção que uma pessoa com deficiência visual tem da cidade? O que ela percebe através de seus sentidos ao se locomover?

Para analisar a percepção e a experiência que as Pessoas com Deficiência têm dos ambientes, Cohen e Duarte (2004) apontam para dois importantes fatores norteadores do processo cognitivo: “o sentido da visão e as características do deslocamento”.

Estes foram alguns dos elementos examinados na análise da cidade percebida em cada percurso comentado que antes de ser descrito será sempre contextualizado. Acima de tudo, foi dada uma grande importância para os sentimentos e para as características do meio no qual a pessoa teve de percorrer.

26.1 - A Necessidade de uma Contextualização

A cidade percebida e a cidade vivida pelas Pessoas com Deficiência fazem parte de um contexto. Primeiramente, foi necessário entender a realidade dos locais percorridos, a cidade no qual estão inseridos e desta cidade com o país como um todo. Não pretendemos fazer uma exposição completa, mas tão somente situar os caminhos em termos de alguns dados marcantes destes lugares.

Os percursos foram feitos em calçadas de ruas, calçadas de pedestres, praças e estação de ônibus em quatro cidades brasileiras: Salvador, Juiz de Fora, Rio de Janeiro e Brasília. Estas possuem uma história de seus fatos urbanos; de sua constituição, de sua arquitetura, de sua população; possuem características físicas, sociais, políticas, culturais e econômicas e uma ligação com o seu entorno.

26.2 - A Cidade de Salvador

“Com o passar do tempo, as cidades se transformam. A cada ciclo econômico, uma nova imagem e uma nova configuração urbana se formam. Um passeio pelo cotidiano da cidade do Salvador, mostra que a cidade hoje é uma totalidade de territórios reservados ou codificados para um determinado uso, uma totalidade de aposentos, de fatos, de acontecimentos, de tradições, de histórias e de memórias que o esquecimento encobre na viagem do tempo”.

Almandrade.

www.expoart.com.br/almandrade

Não é muito fácil entender Salvador. Do centro histórico às favelas, da aridez e da pobreza à poesia e à música, a cidade faz história. O arquiteto e poeta Almandrade fala destes territórios, de centros e de subcentros disputando lugares, em geral, determinados por uma topografia ingrata para muitos de seus moradores e para algumas pessoas com deficiência que participaram desta pesquisa. A cidade se espalha em milhares de olhares, foi cantada por Vinícius de Moraes e Dorival Caymi, está na poesia e na música de Caetano Veloso e Gilberto Gil e também foi romanceada por Jorge Amado.

Salvador foi implantada em 1549 e sua real importância só poderia ser entendida através de sua história, o que não é nosso objetivo. Tem uma população de 2.673.560 moradores. Deste total, 380 mil pessoas com deficiência, segundo uma das pessoas entrevistadas, e está na Região Nordeste que possui o maior percentual de deficientes do total do Brasil. A cidade possui tradições e influências culturais de diversas religiões e muitas histórias para contar, como as que iremos ouvir nos percursos realizados nesta mística cidade.

Para penetrar em Salvador e percorrê-la, é necessário entendê-la nos seus muitos sonhos e particularidades do caminhar. É sobre a percepção e sobre as sensações das pessoas com alguma deficiência que falaremos.

26.2.1 - O Percurso Comentado na Estação da Lapa

Primeiro Percurso Comentado – P.1 – 20 de agosto de 2005:
Do Shopping Piedade até a Estação da Lapa – Salvador / BA. Tempo do Percurso: 2 horas. Entrevista: 2 horas.
A.P.1 – Pessoa com Deficiência Visual, 44 anos de idade, renda de 10 Salários Mínimos, Segundo Grau Completo e aposentado, mecânico de aeronaves. B.P.1 – Pessoa com Deficiência Visual, 43 anos de idade, renda de cinco Salários Mínimos, Nível Superior, bacharel em filosofia. C.P.1 – Pessoa com Deficiência Visual, 62 anos de idade, renda de oito Salários Mínimos, Nível Superior, contador e professor acadêmico. D.P.1 – Pessoa com Deficiência Física locomovendo-se com muletas, 40 anos de idade, renda de cinco Salários Mínimos, 2º. Grau Completo, estudante.
Percurso documentado por fotos e vídeo.

O Contexto Ambiental e Temporal do Percurso

O percurso na cidade de Salvador foi realizado em uma manhã de sábado ensolarada e com muito movimento na Estação da Lapa, considerada por um dos participantes da pesquisa, a maior estação de transbordo da América Latina. Havia uma grande quantidade de camelôs, de carros estacionados e muitas pessoas caminhando no entorno do percurso.

A Descrição do Percurso

“Eu olhei muito pro chão. A gente tem que olhar sempre pro chão pra ver onde vai apoiar a muleta. As pessoas caminham olhando o todo e eu caminhei, olhando o chão, a calçada. Isso é claro pra mim. Eu encontrei muita coisa na rua, moeda, etc porque eu tive que olhar onde eu estava colocando a muleta”. D.P.1

As Características Físicas do Percurso – As Affordances

No percurso feito em Salvador por D.P.1 que se locomove com muletas, houve uma preocupação em olhar para a calçada onde esta pessoa se apoiava para evitar quedas.

Além da descrição do seu percurso, este sujeito pesquisado comentou que por estas mesmas razões, muitas vezes, não conseguia perceber quando as pessoas estavam falando com ela na rua porque tinha que prestar atenção na calçada para desviar de buracos e de pedras, tendo que ficar atenta às irregularidades do piso para não cair.

A pavimentação precária e inadequada neste percurso existe por toda cidade de Salvador. As colocações de asfalto em cima de asfalto acabam nivelando a calçada com o nível da pista de rolamento de carros o que faz com que os veículos estacionem impedindo a passagem, conforme comentado.

No caso dos cegos que fizeram o percurso, as pedras portuguesas que se soltam com frequência também são ruins, pois suas bengalas não podem ser utilizadas com facilidade: “Salvador tem muita calçada com pedra portuguesa” (A.P.1.)

A.P.1 com deficiência visual descreveu a grande dificuldade dos paralelepípedos de um trecho da calçada por onde teve de caminhar, os degraus altos e a inexistência de rampas para travessias. Além das dificuldades normais encontradas pelas pessoas com deficiência física, dos passeios irregulares e do material do piso, “alguns equipamentos urbanos, como orelhões ou caixas de correio, não sinalizados provocam uma espécie de pânico para uma pessoa que não enxerga” (B.P.1).

As “affordances” percebidas pelas pessoas cegas estavam nos obstáculos para caminhar pela Estação da Lapa. No caso de A.P.1. que não é totalmente cego mas possui visão sub-normal, a iluminação em certas horas e situações do dia pode influenciar na maneira como ele se locomove ou se orienta no espaço:

“À noite, as luzes da cidade me tiram toda a noção de espaço e me deixam totalmente perdido. Eu vivo dois momentos: durante o dia, eu utilizo este resíduo que ajuda. Mudanças de ambiente, de luminosidade, me confundem. Eu fico perdido nestas mudanças. Um cego total não tem esse problema. A mudança do dia pra noite também me perturba totalmente. Iluminações de vitrine e os faróis dos carros me complicam”.

A.P.1..

Para os pesquisados com deficiência visual que fizeram o percurso em Salvador, lugares muito amplos e sem limites ou abertos são ruins para a orientação de um cego

que possui referenciais muito pequenos, como foi comentado por um deles. Quando estávamos saindo do lugar de encontro em uma área aberta e cheia de árvores para a calçada da rua onde iríamos fazer o percurso, B.P.1 que é cego não conseguiu perceber quando estava se aproximando da portaria.

“Uma coisa que eu estou percebendo é que este é um espaço muito aberto e pra quem é cego oferece muitas dificuldades porque os nossos referenciais são muito pequenos. Eu não tenho nada que me diga, por exemplo, se estou me aproximando da portaria”.

- A falta de limites atrapalhando a Orientação

“A gente precisa destes pontos de referência bem definidos. a gente precisa saber onde está pra se orientar”.

- O tumulto – Os muitos ruídos - A falta de Orientação

Os cegos ficaram perdidos, sem saber para onde ir:

“Bom, hoje aqui o movimento é grande, as pessoas correm pra pegar seu transporte. Agora, eu quero me dirigir a um ponto de ônibus, sei qual é o ônibus que eu vou pegar, mas eu não sei onde é a parada desse ônibus. Tem um rapaz aqui agora que está me ajudando. Essa pessoa me rodou uns 360 graus e eu não sei pra onde eu vou agora. Eu estou completamente perdido”. C.P.1

E angustiados nos locais mais amplos:

“É por isso que me sinto atordoado na Estação da Lapa porque tem muito ruído. Qualquer ruído que invada o ruído natural da cidade nos deixa atordoados. Outra coisa são os lugares amplos, lugares muito amplos demais também perturbam nossa percepção”.

“Isso pra nós que não enxergamos, isso nos angustia muito”. C.P.1

- A temperatura – O Clima

A temperatura do ambiente também foi um indicativo espacial. Era descrito o muro como guia para caminhar e em certo ponto do percurso B.P.1 soube que estava chegando na esquina por causa de um vento mais livre. Esses foram detalhes importantes do percurso e qualquer coisa que inibia esses parâmetros atrapalharam a orientação.

Os Sentidos – A Intersensorialidade

- Os Sons

A experiência das pessoas cegas e a forma como comentaram o percurso foram feitas através de algumas referências sonoras para “caminhar, perceber e descrever”:

“Este barulho identifica que aqui tem a pista dos carros. Aqui, eu estou na beira do meio-fio e dá pra perceber os barulhos dos carros que vão passando pela rua. Andando, estou na calçada, estou em frente a ponto de ônibus, tem uma rampa aqui, muita gente e vamos passando pelo meio do povo. A gente vai usando a bengala e vai andando pelo barulho do povo. Por este barulho eu também identifico por onde andar. O barulho desse som me indica que tem obstáculo à frente, tem gente falando. Aqui tem um orelhão, quase que eu batia no orelhão, mas teve uma pessoa que avisou”. C.P.1.

C.P.1 com deficiência visual fazia o percurso, se orientando o tempo todo pelos barulhos que ia identificando. Através dos sons, sabia quando estava saindo da calçada, próximo de um ponto de ônibus ou no meio da multidão na rua. Era um dia de sábado na Cidade de Salvador e no local onde fazíamos o percurso comentado, havia muitos sons.

- Os Odores

Além dos sons que ajudaram a encontrar seu lugar no percurso, os cheiros também foram descritos. Ao caminhar, foi identificado o balcão de um quiosque, de uma lanchonete ou a proximidade do restaurante. Isto foi percebido pela bengala e pelo cheiro, quando a pessoa percebeu que estava saindo do seu destino e do ponto que queria alcançar.

“Estou indo pela calçada tranqüilamente, é hora do almoço, eu estou com muita fome depois deste percurso. Já estou ouvindo o barulho dos talheres e sentindo o cheiro da comida, estamos chegando no restaurante. Oba!”

A.P.1.

- Referências Sonoras e Olfativas

Uma das referências que a gente usa são as referências sonoras. Você vai pela calçada tranqüilamente, é muito fácil no horário de meio-dia você ver os talheres num restaurante desses, você ouve isso ou sente o cheiro da comida. O banheiro da Estação da Lapa, a gente também localiza pelo cheiro.

C.P.1.

As Sensações – Os Sentimentos

- O Cansaço e o Desconforto

Além das *affordances* que os espaços de Salvador ofereceram para a locomoção e para a sua percepção nesta relação, a cidade também foi vivida de uma determinada maneira. No percurso de D.P.1 que se locomove por meio de muletas a experiência foi cansativa e de uma “caminhada desconfortável” e estressante por causa da irregularidade dos passeios.

“De um modo geral, a acessibilidade, a minha caminhada é desconfortável. Por causa da irregularidade dos passeios, meus percursos se tornam cansativos. A caminhada me cansou muito porque num trajeto menor possível, eu tenho que subir e descer. E eu que ando de muleta, acabo ficando estressada, porque não tenho uma marcha regular. Eu acho que caminhar em Salvador é complicado”.

O percurso é cansativo e em alguns momentos eu quase que não conseguia caminhar porque a muleta deslizava nas pedras, além dos vendedores ambulantes. Foi muito ruim mesmo, muito cansativo.

As Dificuldades da Cidade e as Sensações

“A Cidade de Salvador pra gente andar realmente tem muita dificuldade justamente por causa do terreno e dos passeios altos. Tem calçadas no Centro da Cidade que são todas esburacadas e ninguém conserta, ninguém pensa nisso. A gente sofre justamente com essa dificuldade”.

A.P.1

“Quando eu ando nas ruas de Salvador, eu ando na defensiva, quando eu mergulho na cidade, propriamente dita, eu me muno de toda defesa que eu posso”.

B.P.1

Apesar das Dificuldades – O Lado Positivo – A Superação

“Toda a minha vida, toda essa minha trajetória aqui na Cidade de Salvador foi como pessoa cega, eu nunca enxerguei. O que se fala hoje da pista tátil, de sinaleira sonora, antigamente não existia nada. O que existia era você fazer um bom curso de mobilidade, que é o uso da bengala com boa técnica e eu andava com muito mais dificuldade ainda”.

C.P.1

“E eu tinha umas idéias de maluco e uma vez fui com uns amigos pra cidade baixa, da casa onde meu pai morava que é no Largo do Papagaio, e nós andamos até Barroquinha, passamos pelo túnel. Acho que daria uns 10 Km. Isso foi lá pela década de 70”.

C.P.1

“Eu vivia essas experiências e tudo na minha vida sempre foi muito desafio e eu nunca me curvei diante dessas dificuldades, muito pelo contrário, eu vivia”.

B.P.1

“Chega o momento que você realiza que você realmente tem a limitação e aí cabe a cada um a forma de aceitação desta situação”.

A.P.1

26.3 - A Cidade de Juiz de Fora

A cidade de Juiz de Fora foi descrita como um local tranqüilo e agradável de se morar. É considerada como uma das cidades brasileiras com melhores índices de qualidade e expectativa de vida e possui uma população de 501.153 habitantes (IBGE, 2005). Ela ocupa lugar de destaque no Estado de Minas Gerais e também a nível nacional e internacional, com um bom índice de desenvolvimento humano da Organização das Nações Unidas (ONU).

Com relação ao atendimento das necessidades espaciais de Pessoas com Deficiência, os órgãos públicos municipais têm investido nesta melhoria. Segundo

Ramon Silva de Carvalho²⁸, “as ações que visam à implementação dos conceitos de acessibilidade e desenho universal na cidade são feitas através do Plano Estratégico de Juiz de Fora”, que conta com um “Grupo de Impulsão: Acessibilidade para Todos”. As discussões envolveram representantes do movimento organizado, de órgãos governamentais e de outros grupos diretamente interessados. Todo trabalho teve início por meio de uma campanha que contou com o apoio da Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE) e da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora.²⁹

Apesar dos avanços, as Pessoas com Deficiência que fizeram “percursos comentados”, acompanhados da pesquisadora, já perceberam mudanças em Juiz de Fora, mas acham que ainda estão muito distantes da cidade ideal.

26.3.1 - O Percurso na Avenida Independência

A Avenida Independência é bastante agradável e dotada de alguns hotéis e de serviços utilizados pela população residente ou flutuante. Tem uma importância histórica para a cidade, mas apresenta muitas dificuldades para a locomoção das Pessoas com Deficiência.

O percurso nesta avenida da cidade de Juiz de Fora foi feito por Pessoas com Deficiência Física. G.P.2 que possui seqüela de poliomielite e até bem pouco tempo atrás se locomovia por muletas, hoje ao caminhar em uma cadeira de rodas, sente bastante dificuldade. Apesar de gostar de andar, ela diz que percebe a cidade de maneira diferente devido à sua locomoção e às más condições de conservação das calçadas.

²⁸ Ramon Silva de Carvalho é arquiteto e mestre em Arquitetura e foi colaborador do Núcleo Pró-Acesso da UFRJ, coordenado pela autora desta tese e por Cristiane Rose Duarte, tendo prestado este depoimento informal através de um texto ainda não publicado, enviado pela Internet como solicitação para esta pesquisa.

²⁹ Regina Cohen (autora desta tese) e Cristiane Rose Duarte foram convidadas a participar desta campanha, tendo proferido palestra como uma das atividades.

Segundo Percurso Comentado – P.2 – 29 de setembro de 2005:
Avenida Independência – do Hotel Victory até o Restaurante Fazendinha – um quarteirão. Tempo do Percurso: 1 hora. Entrevista: 1 hora – de 14.00 às 15.00hs.
E.P.2 – Pessoa com Deficiência Física, 39 anos, renda de 8 Salários Mínimos, Nível Superior, professora de Biologia. F.P.2 – Pessoa com Deficiência Física, 51 anos, renda de 10 Salários Mínimos, engenheiro. G.P.2 – Pessoa com Deficiência Física, 49 anos, renda de 10 Salários Mínimos, bacharel em filosofia.
Percurso documentado por fotos.

O Contexto Ambiental e Temporal do Percurso

Este percurso na Avenida Independência, na Cidade de Juiz de Fora, foi realizado no intervalo de uma Conferência que aconteceu em um hotel próximo. Era horário do almoço quando a pesquisadora já tinha conversado durante a refeição com os participantes da pesquisa, todos com deficiência física.

Depois de uma manhã bastante fria, começava a esquentar um pouco com o sol que nos brindou com uma linda paisagem da avenida. Assim, o percurso foi bastante agradável e andamos tranqüilamente, pois não havia muito movimento devido ao feriado naquele dia.

As Características Físicas do Percurso – As Affordances

Os três participantes de nossa pesquisa que fizeram o percurso em Juiz de Fora perceberam muitos obstáculos para caminhar, acrescentando também os poucos ônibus adaptados para sua locomoção. A questão dos transportes foi apontada como uma barreira ao direito de ir e vir.

“Aqui em JF tem um problema sério que é a questão das calçadas com ondulações provocadas pela colocação de pisos inadequados para o meio urbano. Exemplo: as famigeradas pedras portuguesas”.

As Sensações – Os Sentimentos

“Eu caminho nessa cidade de Juiz de Fora um pouco sobressaltada, pela própria dificuldade, é um buraco que eu encontro, eu sei que eu posso furar o pneu da cadeira, que eu posso cair”.

E.P.2.

- O Cansaço

A Avenida Independência foi percorrida por uma destas pessoas com o cansaço de ter de sair da sua cadeira de rodas, pegar o par de muletas que leva sempre consigo para poder superar obstáculos e ainda ter de pedir licença às pessoas.

- A Insegurança e o Medo

“As dificuldades que eu tive no percurso me deixaram insegura porque não tive estabilidade para exercer definitivamente a minha cidadania. Eu me senti insegura de ter que encarar um degrau. Há pouco tempo sofri uma queda e isso me dá medo”.

“O percurso me deu muita insegurança, muito medo, porque quando eu estou andando e eu vejo buraco, eu já começo a pensar que tenho que passar por ali com medo de esbarrar em alguém e cair”.

- A Falta de Prazer de Curtir a Cidade

Também foi mencionada a falta de prazer de desfrutar das cenas da cidade e de entrar nas lojas para ver as vitrines devido aos degraus.

“Eu gostava de entrar em tudo que era loja e ver vitrine. Hoje eu já não consigo fazer isso porque na maioria das lojas não dá para a gente entrar em cadeira de rodas”.

“Eu sinto que a cidade de Juiz de Fora não é confortável para mim, não é segura para mim. Eu tenho ficado muito chateada com isso”.

Apesar das Dificuldades

“Aqui estamos passeando pelo famigerado calçadão, apesar da famigerada pedra portuguesa, tem uma grande acessibilidade pra pessoa com deficiência. Tenho visto a calçada totalmente retilínea com algumas ondulações, mas permite um bom tráfego de pedestres aqui na região”.

Apesar das Dificuldades – O Afeto pela Cidade

“Juiz de Fora para mim foi um achado porque é uma cidade que eu gosto, que é muito boa, muito carinhosa, o povo aqui é muito bom, muito generoso. Em JF eu me sinto mais a vontade, eu me sinto mais participativo, mais inserido na sociedade”.

“Juiz de Fora tem 600.000 habitantes e o RJ tem 6.000.000.000. Então, é difícil fazer uma comparação. Eu tenho qualidade de vida e consegui achar aqui o que eu queria”.

“A minha rotina é a melhor possível: moro num bairro quase no centro, é fácil sair de casa, de ônibus é 5 minutos, aqui é a cidade em que as pessoas estão sempre atrasadas para o compromisso”.

Apesar das Dificuldades – Imagens de uma Cidade Acolhedora

“A primeira imagem de Juiz de Fora é que ela é acolhedora. Ela me acolhe, ela é gostosa”.

Juiz de Fora - Uma Cidade Precursora?

“Juiz de Fora é precursora, com muitas leis na área de direitos humanos. Aqui, a gente percebe que tem mais respeito. E a minha cidade aos poucos ela está chegando aonde nós precisamos chegar”.

Juiz de Fora e as outras cidades

“Juiz de Fora passa pelos mesmos problemas que passam todas as cidades brasileiras. As dificuldades que nós vemos frequentemente são guias de calçadas muito altas que dificultam o percurso das pessoas. São passeios com pisos inadequados e as pessoas que necessitam

andar por essas ruas encontram essa dificuldade. Tirando isso, a nossa cidade tem outras coisas que são boas”.

26.4 - A Cidade do Rio de Janeiro³⁰

Na Cidade do Rio de Janeiro, a acessibilidade é uma preocupação recente das políticas públicas municipais e ainda não existe garantia do direito de todos à cidade.

Com uma população de 6.094.183 habitantes, estimada em 2005, seus ambientes urbanos apresentam muitos obstáculos para as Pessoas com Deficiência.

Durante muito tempo foi fornecido um atendimento assistencialista com a criação de instituições filantrópicas ou de caridade e as Pessoas com Deficiência quase não saíam às ruas ou eram protegidas por suas famílias e por estas entidades.

A elaboração de uma legislação urbana que não as tratasse como coitadas ou de forma paternalista passou por um longo processo. Na década de 80, o movimento se organizou para a elaboração de leis, mas na configuração espacial pouca coisa era realizada. Os transportes, que são fundamentais para os percursos pela cidade, foram apontados como as grandes barreiras que estas pessoas vivem na sua vida diária e as empresas oferecem forte resistência para mudanças.

Uma maior conscientização do Poder Público e dos profissionais da Prefeitura, começou a ocorrer a partir da Constituição brasileira de 1988, da Lei Orgânica do Rio em 1990 e por ocasião do Projeto Rio-Orla em 1991. Entretanto, ainda não existem políticas gerais e permanentes de acessibilidade. O planejamento da Cidade do Rio de Janeiro começou timidamente a incorporar este conceito durante o Projeto Rio Cidade quando foram testadas várias soluções, mas não se pode dizer que houve uma verdadeira mudança de postura, de comportamentos e das próprias consciências sociais. As pessoas entrevistadas disseram que se sentem muito excluídas devido aos muitos obstáculos que encontram.

³⁰ Algumas das considerações sobre a acessibilidade na Cidade do Rio de Janeiro fizeram parte da Dissertação de Mestrado em Urbanismo de Regina Cohen: “Acessibilidade, Identidade e Vida Cotidiana de Pessoas com Dificuldade de Locomoção: o caso do Projeto Rio Cidade” (Cohen, 1999), sob a orientação de Cristiane Rose de S. Duarte.

O discurso das autoridades e dos arquitetos mudou um pouco, mas apesar de algumas adaptações feitas no Rio-Cidade, “ainda estamos muito aquém de viver numa cidade com um nível razoável de acessos e respeito ao direito constitucional de ir e vir dos portadores de deficiência” (Cohen, 1999).

Tabela 13 – Pessoas com Deficiência no Rio de Janeiro

Deficiência	Brasil	Rio de Janeiro
Visual	48,1%	47,1%
Motora	22,8%	24,5%
Auditiva	16,7%	15,3%
Mental	8,2%	9,1%
Física	4,1%	4,0%
Total	34.475.254	2.949.243

26.4.1 - O Percurso no Bairro de Ipanema

“Enquanto você lê este texto, um novo modismo deve estar surgindo em Ipanema. Apesar dos 110 anos, o bairro continua cheio de charme. E de novidades. (...) Ipanema cresceu, mesmo que um pouco isolada do resto da cidade. Nos anos 40 e 50 não existia sequer uma boate por ali. Mas a partir da década de 60, o bairro começou a exportar modismos. Foi lá que a bossa-nova se estabeleceu, que Leila Diniz brilhou, que a Banda de Ipanema passou. Nos anos 70, surgiram ‘as dunas do barato’, o local de encontro da geração desbunde. Nos anos 80, o bairro viu nascer nas suas areias o Circo Voador. E agora mesmo, um passeio pelas ruas arborizadas do bairro pode revelar novos ateliês ou simpáticos cafés. O bairro não pára”.

www.almacarioca.com.br/ipanema.htm

Considerado um bairro de classe média e alta da Cidade do Rio de Janeiro, Ipanema costuma ser vista como beneficiária dos grandes investimentos do Poder Público. Também já foi cantada por Vinícius de Moraes e Tom Jobim e até bem pouco tempo “Ipanema era só felicidade...”. É também o encontro de alguns grandes movimentos de vanguarda, apreciada por suas praias e aplaudida pelo seu belo pôr-do-sol.

Ipanema, como diz o site Alma Carioca, tem muitas histórias, mas está pronta para receber outras que aqui serão narradas: as dos percursos feitos por Pessoas com Deficiência.

Terceiro Percurso Comentado – P.3 – 24 de outubro de 2005:
Rua Visconde de Pirajá – da Rua Garcia D'Ávila até depois da Rua Aníbal de Mendonça. Tempo do Percurso: 1 hora. Entrevista: 2 horas.
H. P.3 - Pessoa com Deficiência Física, 62 anos, psicóloga, não revelou a renda.
Percurso documentado por fotos e vídeo.

O Contexto Ambiental e Temporal do Percurso

O primeiro percurso na Cidade do Rio de Janeiro e no Bairro de Ipanema foi feito na tarde de uma segunda-feira depois de ter chovido muito no dia anterior. O tempo ainda estava bastante nublado, mas havia um grande movimento de carros nas ruas e a calçada que percorremos tinha muitas pessoas caminhando e olhando as vitrines das lojas.

Este percurso na Rua Visconde de Pirajá em Ipanema foi feito por uma tetraplégica que sempre necessita da ajuda de outras pessoas (duas enfermeiras e seu marido) e que associou sua deficiência com a maneira como se locomove. Foram feitos muitos comentários sobre as implicações de suas limitações que a fizeram parar em vários momentos para consertar o sapato que saía do pedal da cadeira de rodas e dificultaram seu percurso.

As dificuldades vividas por este sujeito influenciavam sua postura corporal e, conseqüentemente, a maneira como percorreu, o que caracteriza para Jean-Paul Thibaud (2001) e Rachel Thomas (2000) uma situação de percepção problemática.

A Descrição do Percurso

“Vim da minha casa na Rua Barão de Jaguaribe, próximo à Joana Angélica, passei pela Praça Nossa Senhora da Paz, peguei a Visconde de Pirajá e viemos andando, eu, meu marido e 2 enfermeiras. Encontrei a Regina, perto da Garcia D'Ávila e viemos até aqui nesta galeria depois da Rua Aníbal de Mendonça, gravando o percurso, onde pudemos observar o tempo, as pessoas”. H.P.3.

A Descrição das Dificuldades geradas pela Deficiência

“Neste percurso, uma das dificuldades que eu tenho são os espasmos que eu tenho. Nos membros inferiores, eu tenho mais espasmos, mas também tenho nos superiores. Isso dificulta, às vezes me faz parar, meu sapato sai fora do apoio da cadeira de rodas e isso dificulta muitas

vezes o meu percurso. Estou sendo sempre conduzida por uma ou outra enfermeira e meu marido também”.

A análise do contexto e das situações de percepção encontradas pelas pessoas com alguma deficiência mostrou dificuldades geradas por características próprias de cada pessoa, além do próprio fato de estar sentada. Este caso de lesão medular provoca muitos espasmos involuntários que afetaram ainda mais o corpo, a postura, o movimento e a própria maneira como esta pessoa percebeu a cidade.

A Postura e a Deficiência afetando a Percepção

“Minha postura certamente afetou a maneira como eu percebi meu percurso, mas eu procuro me manter”.

Embora, além da percepção tenham sido acionados certos mecanismos da memória e de lembranças passadas de como ela era ou se movia, apesar da dificuldade gerada pelo seu corpo que cai sempre para a direita, ela procura se manter em uma postura reta, e para isso, muitas vezes tem que se agarrar nos braços de sua cadeira de rodas. Os espasmos mencionados afetam sua postura corporal e as situações reveladas ao caminhar e durante a entrevista mostraram a maneira como percebeu o percurso.

Também foi revelada a existência de degraus para entrar nas lojas e ao invés de desânimo para fazer o que gosta, existia uma certa resignação com o fato de as pessoas sempre oferecerem ajuda.

As Sensações – Os Sentimentos

- Memória ou Lembranças de Tempos Passados

H.P.3 se lembrou como era antes de adquirir sua deficiência e do fato de que quando andante, ela procurava manter sua coluna ereta. Hoje isto é bastante difícil devido às dores físicas que sente.

“Quando eu era andante, eu sempre procurava manter a minha coluna ereta e mesmo deficiente física, eu procuro manter isto. Mesmo sentindo muitas dores físicas, mas eu procuro me manter de uma maneira ereta”.

“Embora já se tenham passado 17 anos, eu acho que um deficiente nunca se esquece do tempo que ele andava. As emoções sempre afloram, principalmente quando a gente passa em lugares onde a gente andava antes, sem ajuda, sem precisar estar numa cadeira de rodas. Eu que fiquei tetraplégica e durante um ano em cima de uma cama, me emocionei muito”. H.P.3.

- Angústia e Emoção

Houve a descrição de muita angústia e muita emoção pelas recordações desta pessoa em cadeira de rodas:

“Olha, a angústia faz parte. Tenho muitas emoções, principalmente neste trecho. Quando eu andava, eu fazia este percurso”.
H.P.3.

26.4.2 - O Percurso no Calçadão de Campo Grande

“Campo Grande é um bairro da cidade do Rio de Janeiro, localizado na zona oeste. Hoje possui uma infra-estrutura completa de uma cidade grande com seu comércio, área de lazer, escolas, Shopping, hospitais, clínicas e serviços dos mais variados possíveis. Mas nem sempre foi assim, vamos conhecer um pedacinho desta história”.

Jornal Zona Oeste - Caderno Conheça sua Cidade.

O bairro surgiu com a colonização do Brasil, foi considerado “Império da Laranja” e era habitado pelos índios. Em 1673 foi construída a capela de Nossa Senhora do Desterro transformada na Matriz de Campo Grande que foi um marco de grande importância para o local.

Em 1878, quando da inauguração da estação de Campo Grande, da Estrada de Ferro Central do Brasil, houve um grande progresso na região e por esta razão o bairro conquistou uma ligação mais estreita e rápida com o centro da cidade. Isto gerou um grande desenvolvimento.

Campo Grande possui uma extensa área constituída de muitos vazios devido à sua ocupação do solo e de grandes loteamentos. É dotado de uma ampla e diversificada rede de serviços e comércio que cresceu muito nos últimos anos tornando-o auto-suficiente. Existe uma predominância de imóveis próprios constituídos, em geral, de casas com dois quartos. Também é destaque na área educacional e concentração estudantil no Estado do Rio de Janeiro e em outras atividades como indústria, agricultura e pecuária.

Apesar de sua grande influência para a economia, o bairro não consta de grande parte dos mapas da cidade. Além disto, as Pessoas com Deficiência que fizeram o percurso reclamaram da pouca atenção por parte da Prefeitura para melhorar a acessibilidade e

as condições ambientais para sua locomoção. A falta de transporte adaptado foi considerada crítica para o seu deslocamento.

Quarto Percurso Comentado – P.4 – 25 de outubro de 2005:
Calçadão de Pedestres de Campo Grande – RJ/RJ. Tempo do Percurso: 2 horas. Entrevista: 1 hora.
I.P.4 – Pessoa com Deficiência Física, 39 anos, renda de 2 a 5 Salários Mínimos, vendedor de balas. J.P.4 – Pessoa com Deficiência Física, 41 anos, renda de 1 a 2 Salários Mínimos, professora.
Percurso documentado por fotos e vídeo.

O Contexto Ambiental e Temporal do Percurso

Este percurso no Calçadão de Campo Grande foi feito em uma terça-feira à tarde (14.00h). Fazia muito calor e havia um grande movimento de pessoas e camelôs. Os participantes eram pessoas com deficiência física se locomovendo em cadeira de rodas e um nível de renda e escolaridade bem baixo, como a maioria do bairro. A escolha foi feita em função de um contexto bem diferente de bairros da Zona Sul, sendo um destes sujeitos um vendedor de balas no sinal.

A Descrição do Percurso

“O Calçadão começa na Rua Cesário de Melo. De lá pra cá, aqui em frente à Estação, é difícil o deficiente se locomover, ele tem que ser bom de braço e ter muita paciência. Há muitos buracos e a maior parte do calçadão é de paralelepípedos e de pedrinhas rejuntadas”.

I.P.4.

“Nós percorremos todo calçadão de Campo Grande e encontramos diversos obstáculos como buracos, paralelepípedo e falta de acesso a bancos, lojas. Não têm rampas e somos obrigados a andar na rua por causa da falta de acesso nas calçadas”.

J.P.4.

As Características Físicas do Percurso – As Affordances

As principais dificuldades percebidas no percurso foram o desnivelamento do piso por todo o calçadão, a existência de muitos buracos e alguns trechos mais difíceis para caminhar devido ao material ou às grelhas de águas pluviais e tampões de concessionárias. Durante nosso trajeto, os dois participantes em cadeira de rodas foram constantemente obrigados a desviar de camelôs e pedestres e tinham que pedir ajuda para vencer estes obstáculos.

Caminhar significou a necessidade de uma boa preparação física para superar as características da calçada. Conforme Cohen e Duarte (2004), “a energia adicional despendida, devido à dificuldade de locomoção, estabelece uma relação inexorável entre ‘o espaço’ e ‘o esforço’, compreendida a partir da extensão de um cansaço físico que empresta sua medida à percepção espacial” de uma Pessoa com Deficiência.

Os materiais utilizados dificultaram a locomoção e afetaram a percepção que estas Pessoas com Deficiência tiveram do Calçadão.

“Quando a gente chega no final do calçadão de Campo Grande, em frente ao relógio, não tem acesso, não tem rampa e nas ruas com paralelepípedo não tem como andar, não tem acesso”.

J.P.4.

Foi também apontada a falta de acesso às edificações, como é o caso de lojas, bancos ou correios. J.P.4. tentou entrar na agência de um banco com uma rampa muito inclinada que a impediu de subir com autonomia. Na agência dos Correios de Campo Grande, que é um órgão público, e na farmácia, aconteceu a mesma coisa por causa do degrau na entrada.

Embora tivessem apenas que descrever o que percebiam, as pessoas com deficiência fizeram questão de “reclamar” da falta de transporte adaptado, considerada a principal necessidade e a base de toda a sua liberdade.

“Sem ele, nós não trabalhamos, nós não temos educação, nós não temos o lazer, nós não temos a vida; seremos prisioneiros em nosso próprio lar, em nosso próprio bairro e em nossa própria rua”.

I.P.4.

A Percepção Situada naquele Contexto

O percurso demandou uma atenção constante para baixo a fim de evitar que a roda prendesse em algum buraco, causando uma queda. Os participantes da pesquisa em Campo Grande também encontraram a calçada ocupada por carros estacionados que impediram o deslocamento livre. Neste contexto encontrado, eles tiveram de caminhar pela rua competindo com os carros, o que foi bastante perigoso.

“A falta de rampas e os muitos buracos em Campo Grande, nos deixa uma única opção: competir com os carros na rua quando tem tanto espaço nas calçadas”.

J.P.4.

Além disso, também não podiam curtir a cena urbana por estarem sentados e não conseguirem ter acesso a grande parte dos equipamentos urbanos.

“Bom, para mim que estou sentado na cadeira, é praticamente impossível curtir porque praticamente tudo está longe do meu alcance. O telefone público, por exemplo, se eu quiser fazer uma ligação, eu vou ter que pedir a alguém pra fazer por mim, o que me é muito constrangedor”.

As Sensações – Os Sentimentos

- Constrangimento, Medo e Falta de Prazer

A sensação comentada por um dos entrevistados com deficiência física foi de constrangimento por necessitar de ajuda para poder caminhar e alcançar certos equipamentos urbanos não adequados à altura de uma pessoa sentada.

“O que me dá mais medo ao andar no Centro de Campo Grande é cair da cadeira, já aconteceu algumas vezes. Eu fico constrangido e é difícil subir na cadeira de novo, aí eu fico em pânico. Eu já caí umas 6 ou 7 vezes, se não me engano e é constrangedor e eu tenho que fingir que nada aconteceu, encarar numa boa, sorrir, brincar mas por dentro aquilo me matou. É muito constrangedor por causa de um obstáculo qualquer que eu encontro na rua ou no Calçadão de Campo Grande, cair”.

- Raiva com as Atitudes de Pena das Pessoas

“É constrangedor porque as pessoas também ficam com pena. Eu fico com muita raiva”.

- O que a Cidade representa em termos de sensação

“A cidade poderia ser linda, mas existe um descaso muito grande. Então, eu acho que o deficiente até enfeia a Cidade do Rio de Janeiro porque é melhor que ele fique em sua casa do que saia. Porque se não existe adaptação é porque não querem a frequência dos deficientes nas ruas. Eu acho que pro governo é melhor que o deficiente fique em casa”.

Assim, o contexto de situações encontradas e sensações vividas no percurso realizado no Calçadão de Campo Grande fez com que os sujeitos que participaram da pesquisa se sentissem excluídos da sociedade devido às características do ambiente sensível destas pessoas.

26.4.3 - O Percurso no Bairro da Lapa

A Lapa com sua arquitetura é o berço tradicional da boemia carioca. Seus famosos “Arcos da Lapa” funcionaram como aquedutos na época do Brail Colônia e hoje servem como a via dos bondinhos que conduzem ao bairro de Santa Teresa.

O bairro passou por uma reforma e restauração nas suas vias e construções antigas, continuando a seduzir grupos artísticos, intelectuais, políticos, culturais e gastronômicos. É um local eclético em termos de estilo musical que vai desde o

samba, o forró, o chorinho, a música popular brasileira até a música eletrônica e o rock.

Também possui uma das melhores Salas de Concertos do Rio: a Cecília Meireles e a famosa Escola de Música da UFRJ convivendo harmoniosamente com a famosa gafeira Asa Branca e entre muitos bares e restaurantes inaugurados ao longo destes últimos anos.

Por suas principais ruas, Gomes Freire, Mem de Sá, Riachuelo e Lavradio, pulsa muita vida e foi neste quarteirão que fizemos um dos nossos percursos. Como foi a “percepção situada” de um cego e de uma pessoa amputada em um dos bairros mais famosos da Cidade do Rio de Janeiro?

O Contexto Ambiental e Temporal do Percurso

Quinto Percurso Comentado – P.5 – 26 de outubro de 2005:
Quarteirão no Bairro da Lapa – RJ/RJ. Tempo do Percurso: 2 horas. Entrevista: 1 hora e meia.
K.P.5 – Pessoa com Deficiência Física, 68 anos, renda de 2 a 5 Salários Mínimos, programador visual. L.P.5 – Pessoa com Deficiência Visual, 50 anos, renda de mais de 10 Salários Mínimos, analista de sistemas.
Percurso documentado por fotos e vídeo.

O quarteirão no bairro da Lapa foi percorrido em uma tarde de quarta-feira, estava muito calor e circulavam por ali muitos carros e pessoas. Além deste grande movimento que dificultava o percurso, a calçada também era bastante irregular, situação que tornava ainda mais problemática a percepção dos participantes da pesquisa na Lapa.

Muito comércio, muita entrada de automóvel, muitos bares com cadeiras na rua, motocicletas em cima da calçada. Este foi o contexto percorrido.

Também foram comentados pelo participante da pesquisa com deficiência visual os diferentes momentos do sol que batia no seu rosto ou a brisa que sentia quando chegava na esquina.

“Virei na Gomes Freire, estou de frente pro sol. Contornei, vou virar agora a Rua Riachuelo. Vem um vento, uma brisa, continuo na sombra”.

L.P.5.

“Uma brisa soprando, uma brisa gostosa, aqui tem uma sombra, eu estava no sol há pouco tempo atrás. Continuo próximo da parede aqui do meu lado direito, o trânsito aqui do meu lado esquerdo, subi um degrau. Por enquanto está confortável. Não tem nada ameaçando a trajetória”.

A Descrição do Percurso

“O Percurso: Estávamos na esquina da Gomes Freire com Mem de Sá. Saímos do final da Gomes Freire, entramos na Mem de Sá. O trajeto foi meio conturbado, mas seguimos até a esquina da Rua do Lavradio, quando viramos à direita para no final pegarmos a Rua Riachuelo, formando um quadrado perfeito nesse percurso. Olha, fisicamente falando, o percurso é fácil de ser feito por uma pessoa que tem uma certa mobilidade. Não foi difícil não”.

K.P.5.

“Eu comecei o meu percurso na Mem de Sá, andando no sentido contrário aos ônibus, fazendo um contorno no sentido horário, entrei na Rua do Lavradio, entrei na Rua do Riachuelo, voltei pra Gomes Freire e parei na esquina com a Mem de Sá, completando a quadra. Eu senti muita facilidade, eu fui mantendo uma certa distância de mais ou menos 1,50m da parede do meu lado, e tive muito pouco problema”.

L.P.5.

As Características Físicas do Percurso – As Affordances

A Percepção Situada naquele Contexto

“Estou vendo na minha frente uma calçada totalmente lisa e escorregadia. Tenho que pisar com cuidado. A calçada tem algumas diferenças de piso e a gente vai tentando se equilibrar. As sinuosidades da calçada também dificultaram minha caminhada e me fizeram andar mais devagar”. K.P.5

Esta preocupação ao caminhar impediu uma vista panorâmica e fez com que só percebesse a cena geral. Foi também comentado que antes de iniciar qualquer percurso, era necessário planejar os seus deslocamentos e estabelecer estratégias de acordo com as dificuldades que apareciam na sua frente para prevenir qualquer possível acidente. Tendo encontrado uma calçada muito lisa e escorregadia, tentou se equilibrar e teve que redobrar a atenção.

O mesmo percurso no Bairro da Lapa foi feito por uma pessoa que possui uma deficiência visual de nascença, para quem o revestimento das calçadas não costuma ser pensado de forma a garantir sua locomoção mais fácil.

Durante a entrevista, mais uma vez foi apontada como uma grande dificuldade a questão do transporte “porque os ônibus são inacessíveis pra muitas pessoas que não alcançam aquela altura e os poucos que conseguem, não podem transitar dentro do ônibus” (K.P.5).

Os Sentidos – A Intersensorialidade

- Os Sons e os Cheiros

No percurso da pessoa cega eram descritos sons como o de uma bomba, de um gerador e de um ar condicionado, além dos cheiros que ele identificava ao caminhar, que o orientaram e fizeram com que percebesse quando estava chegando ao final da sua experiência urbana comentada.

“Ouço um rádio ali dentro, passou um cheiro de creolina aqui no ar. Parece que desinfetaram a calçada, sinto um cheiro de desinfetante, alguma coisa assim”.

“Chego na esquina, escuto o barulho do gerador, do início do trajeto. Estou chegando à esquina. Escuto o barulho da bomba já bem próximo. Acredito que estou concluindo a volta na quadra”.

L.P.5.

“Estou passando debaixo de barulho de ar condicionado na parede. Continuo andando na sombra, algumas pessoas batendo do outro lado da rua, pessoas conversando na minha frente, cheiro de loja de móvel, algumas pessoas conversando ali. Esbarrei em alguma pessoa que está do meu lado. Continuo andando, apareceu um cheiro de restaurante”.

As Sensações – Os Sentimentos

- O Cansaço do Percurso

O discurso também revelou o cansaço sentido durante o caminhar e apoiar o corpo em muletas, apesar de ser um percurso fácil para uma pessoa que tem uma certa mobilidade e não precisa se desviar dos muitos obstáculos.

- A Facilidade e o Medo ocorrendo juntamente

K.P.5 é amputado da perna esquerda e mora no próprio bairro. Considerou a calçada fácil de percorrer, mas precisou ter um certo cuidado com o posicionamento de suas muletas e com poças d’água, folhas ou outros objetos que podiam fazer com que escorregasse e caísse.

“Estou seguindo aqui na Mem de Sá, que é uma calçada relativamente fácil pra mim. Eu tenho muito medo talvez de uma poça d’água, de uma folha, de um pedaço de plástico no meio da rua e eu posso escorregar”.

O Prazer da Experiência

Apesar das dificuldades e de ter voltado sua atenção para as irregularidades da calçada ou outros obstáculos que dificultassem seu percurso, a pessoa amputada gostou de ter passado pela experiência de percorrer desta maneira.

“Procurei fazer este percurso bem devagar pra poder descrever todas as sensações. Estou me sentindo bem, não sei se porque já moro nesta região, já conheço, tenho já experiência de passar por aqui. A experiência é uma experiência diferente pois nunca me propus fazer esta reflexão. Como seria fazer uma caminhada em função de ver obstáculos e relatar estes obstáculos”.

Para a pessoa cega que participou deste percurso no bairro da Lapa, não houve maiores dificuldades e a experiência urbana foi prazerosa e confortável.

“Calçada tranqüila, sem nenhum problema, sem nenhuma complicação. Bati em alguma coisa na esquerda, estou na sombra agora, uma brisa boa, dá até pra curtir um pouco”.

“Eu senti muita facilidade, eu fui mantendo uma certa distância de mais ou menos 1,50m da parede do meu lado, e tive muito pouco problema”.

Outros Lugares da Cidade

“Eu diria que o Centro da Cidade, ali na Cinelândia é um lugar fácil de se andar porque é um lugar totalmente sinalizado, totalmente preparado porque é um lugar de passeio de turista. Então, eles cuidam mais. A Cinelândia, a Avenida 13 de maio, a Avenida Rio Branco na sua quase totalidade são locais bons de passar, ali no Centro”.

O Rio de Janeiro

“No Rio de Janeiro, a gente não tem a consciência do que é uma calçada boa pra gente andar. Você não consegue ter um trecho de calçada com mais de 3 ou 4 metros sem ter um probleminha, um buraquinho, um frade, um degrauzinho. As calçadas são muito mal sinalizadas e a gente tem que ver que a gente passa grande parte do nosso tempo ou dentro dos carros ou nas calçadas andando. Infelizmente o Rio anda muito mal.

Infelizmente, aqui no Rio tem pessoas dizendo que a nossa cidade é a melhor da América do Sul e eu acho que as pessoas estão andando muito pouco. Eu acho que a nossa cidade ainda é muito ruim como também ainda são as outras cidades”.

O Sonho – A Esperança

“Nós viemos lutando há muito tempo pelo Código de Posturas Municipal, pela uniformização dos pisos e indicações e, principalmente, a limpeza da cidade. Eu espero que para o futuro não tão longínquo assim, eu espero que a cidade esteja em melhor aspecto em todos os sentidos pra que a gente possa realmente dizer que é um cidadão pleno”.

Outras Cidades

A Percepção Situada segundo uma pessoa cega

“Não, não vai diferenciar muito das outras cidades porque na realidade eu como cego e os outros cegos, quanto maior é a cidade melhor pra gente andar. Quanto mais gente estiver na rua, é melhor pra se andar. Então, eu quando vou pra cidade do interior, eu fico mais inseguro quando tem menos gente na calçada, menos gente na rua. Me dá mais insegurança, quanto mais pessoas, melhor”.

26.4.4 - O Segundo Percurso no Bairro de Ipanema

Sexto Percurso Comentado – P.6 – 01 de novembro de 2005:
Rua Visconde de Pirajá – da Rua Garcia D'Ávila até a Rua Joana Angélica e Praça Nossa Senhora da Paz – RJ/RJ. Tempo do Percurso: 1 hora. Entrevista: 1 hora.
M.P.6 – Pessoa com Deficiência Física, 57 anos, renda de mais de 10 Salários Mínimos, procuradora federal. N.P.6 – Pessoa com Deficiência Física, 60 anos, renda de mais de 10 Salários Mínimos, juiz de direito.
Percurso documentado por fotos e vídeo.

O Contexto Ambiental e Temporal

O segundo percurso em Ipanema foi feito por duas pessoas com deficiência física que formam um casal. Também caminhamos pela Rua Visconde de Pirajá e fomos até a Praça Nossa Senhora da Paz onde paramos para a entrevista depois do percurso.

Havia chovido muito nos dias anteriores, mas o sol abriu naquela tarde que estava bastante agradável. Muitas pessoas resolveram sair depois do temporal que durou quase uma semana e tinha muita gente na Rua Visconde de Pirajá que estava bastante colorida.

A Descrição da Deficiência

“A minha deficiência resulta de duas origens: primeiro pela poliomielite que eu tive com 1 ano de idade e depois uma queimadura que eu sofri já com 12 ou 13 anos que prejudicou os movimentos do braço esquerdo”.

“Eu tenho 57 anos, e seqüela de pólio desde os 10 anos de idade”.

As dificuldades geradas pela deficiência e pela idade - A Mobilidade

“A minha locomoção sozinho em cadeira de rodas é complicada e necessito ou de uma cadeira com propulsão elétrica ou de alguém que me conduza a cadeira”.

“Eu me considerava bastante reabilitada há alguns anos atrás. Hoje em dia com a idade a gente vai começando a sentir maiores dificuldades, o peso também. Estas coisas vão contribuindo pra que a sua agilidade decaia um pouco,”.

“Minha mobilidade hoje em dia é bastante difícil porque eu estou com problema na coluna lombar. Então, por exemplo, o piso irregular me afeta bastante porque eu sacolejo e começo a sentir muita dor nas costas. Principalmente estas pedrinhas portuguesas que são bastante indigestas pra cadeira de rodas porque elas nunca estão niveladas. Outra coisa que atrapalha muito são estes tampões e esses bueiros, que nunca estão no mesmo nível da calçada e a gente acaba sofrendo. A cadeira acaba descendo e subindo e isso afeta também a nossa coluna”.

A Descrição do Percurso

“Nós saímos da Rua Visconde de Pirajá na altura do Banco Itaú, próximo à esquina da Rua Garcia D’Ávila, percorrendo a calçada desta rua até a esquina de Rua Joana Angélica onde atravessamos a Rua Visconde de Pirajá no sentido da Praça Nossa Senhora da Paz”.

N.P.6.

“Agora eu estou me encaminhando pra passar a esquina ali da Rua Maria Quitéria na Praça N. Sra. da Paz e a gente sente realmente uma certa dificuldade no piso. São coisas que a pessoa que anda nem dá pra perceber, são sutilezas, mas que pra nós são sempre muito importantes”.

As Características Físicas do Percurso – As Affordances

Houve muita dificuldade de caminhar devido ao material inadequado do piso considerado muito importante para uma destas pessoas em cadeira de rodas.

“O piso de pedra portuguesa às vezes apresenta falhas porque as pedras se soltam e a diferença de piso fica prejudicial pra caminhar. Após a reformulação urbana realizada durante o Projeto Rio Cidade, a calçada desta rua foi planejada com três áreas: uma mais próxima das lojas em pedra portuguesa para as pessoas caminharem mais devagar e olharem as vitrines, uma central em lajota que facilite uma circulação mais rápida e um material mais liso junto do meio fio onde estão situados todos os equipamentos, postes e árvores. Na pedra portuguesa, havia muitas falhas devido às pedras soltas o que melhorava com a cerâmica que estava mais bem assentada”.

Obstáculos ou “barreiras de acessibilidade” foram encontrados em praticamente todos os percursos comentados. Neste segundo percurso no bairro de Ipanema, na rua Visconde de Pirajá, os sujeitos em cadeira de rodas que fizeram o percurso falaram que mesmo com as mudanças, ainda não conseguem viver uma vida independente e

“A gente está na Praça Nossa Senhora da Paz verificando todos os obstáculos que vence, ressaltando que a melhoria já se sente. No correr dos anos muita coisa mudou, muita coisa foi remodelada em função da deficiência física, mas ainda falta muito. A irregularidade do piso, tampas de bueiro, algumas coisas na pista são fatores que impedem a nossa liberdade, o nosso acesso e a participação na comunidade em que vivemos. Pra nós é importante estar atuantes”.

M.P.6.

As Sensações – Os Sentimentos

- Tristeza – Constrangimento e Discriminação

A falta de acesso para deficientes e as dificuldades encontradas no percurso da Rua Visconde de Pirajá em Ipanema foram motivos de tristeza e de constrangimento. Apesar de muitos anos de luta e de toda legislação já existente, estas não são suficientes para melhorarem o deslocamento de pessoas com alguma deficiência, afetando sua experiência urbana e sua vivência do bairro de Ipanema:

“Isso nos abala emocionalmente na medida em que a gente vê os nossos direitos e a nossa liberdade sendo mais limitados que a nossa deficiência. Liberdade essa que nos é garantida pela Constituição”.

M.P.6.

“Agora, a importância disso não é só o acesso, é o emocional. É muito gostoso a gente fazer as coisas sozinhas, participarmos de tudo, podermos nos tornar totalmente independente”.

“Quando eu encontro uma loja com degrau alto demais que eu não posso subir, eu sinto como uma discriminação mesmo quanto a este tipo de cliente. Isso me entristece porque eu me lembro que a 1ª. Emenda constitucional que previa acesso de deficientes aos locais públicos é de 1978. Então, já tanto tempo se passou, já existem tantas leis, mas, infelizmente, elas não são suficientes pra obrigar as empresas, as grandes corporações e o próprio poder público a proporcionar este acesso que esta lei maior já garante há muito tempo. Então, isto me entristece particularmente”.

- O Prazer do Percurso

“Estou passando agora pela feira do livro. Que bom poder vir a feira, comprar livros. Não é e mesma coisa alguém comprar pra gente. Quantas vezes a gente se sente impedida de participar por causa das barreiras”.

O Afeto pelo Bairro – O Prazer de se Locomover – O Visual Alegre

A Rua Visconde de Pirajá

O visual é muito alegre porque a Visconde de Pirajá é um centro comercial a céu aberto e essa rua foi urbanizada relativamente bem pro deficiente. É uma rua muito alegre e agradável de circular por ela, possui muito comércio, muitos bancos, algumas lojas têm acesso direto, outras têm rampa e algumas, infelizmente, ainda têm degraus, alguns baixos, outros mais altos o que dificulta o acesso ou ingresso pela cadeira de rodas. Quando tem sol, especialmente, o astral é muito bom, e é um bom passeio pra pessoa em cadeira de rodas. Eu me sinto muito bem circulando por aqui em Ipanema. A Rua Visconde de Pirajá nos dá a sensação de estar em férias. Há muitas lojas, lojas coloridas.

A Praça Nossa Senhora da Paz

“Bom, atravessando agora a Rua Visconde de Pirajá, nós vamos agora pra Praça N. Sra. da Paz. É uma praça bem grande que ocupa todo um quarteirão e tem um bom acesso pra cadeira de rodas. A praça tem piso de terra, de areia batida e com a chuva, esse piso fica um pouco irregular mas normalmente ele é liso a ponto de permitir ao próprio condutor da cadeira se locomover com facilidade”.

A praça é bastante arborizada, possui rampas para o laguinho, para o jardim com o caramanchão. De um modo geral, o acesso é bom no interior da praça, salvo quando a chuva forma poças que resultam em lamaçal que levam a cadeira a prender a roda.

“Esta praça é muito bucólica, ela nos fala de alguma coisa que não sei explicar. Eu me volto a alguns anos atrás, a gente se sente quase que no interior, sente aquela paz, pessoas passeando com cachorro, a gente nem sente que está numa cidade grande. Ela realmente é um lugar tranqüilo”.

O Bairro de Ipanema

“Embora Ipanema seja um bairro privilegiado, algumas barreiras já foram vencidas, mas a gente ainda encontra muitas dificuldades como piso irregular, postes às vezes no meio do caminho e também buracos nessas pedrinhas portuguesas. A gente encontra muito buraco”.

“A gente nota que Ipanema já tem bastante rampas”.

“Agora, as ruas transversais e paralelas à Rua Visconde de Pirajá não possuem esse acesso tão facilitado porque rampas são mal construídas, algumas íngremes demais terminando numa depressão de asfalto, outras possuem árvores plantadas bem no meio da rampa, algumas têm canos que atrapalham a locomoção. Enfim, a atenção que foi dada pelo poder público à Visconde de Pirajá como um eixo é válida, mas ela deveria ser estendida às transversais e paralelas também de um bairro importante como é Ipanema”.

O Bairro de Ipanema – Sua Relação com A Cidade do Rio De Janeiro e com o resto do País

“Então, a gente começa a observar. Isso num privilégio que é Ipanema, numa cidade como o Rio de Janeiro, me fez lembrar neste percurso inteiro como será o nordeste, como será o norte, como será a cidade de interior. Então, me fez lembrar de deficientes que não tem nem como ter conta bancária, que dirá lamentar degraus de uma agência bancária”.

“O tempo inteiro eu vim pensando nisso, na minha felicidade de estar numa cidade e num bairro que eu considero adaptado, com bastante dificuldades ainda mas eu considero quase que perfeito em função do nosso todo que é o Brasil, grande e que a gente tem a certeza de que alguns estados e algumas cidades, o deficiente não tem nenhuma cadeira de rodas, nem acesso a trabalho, a escola”.

A Cidade do Rio de Janeiro – O Poder Público

Agora, de um modo geral, o Rio de Janeiro não é todo uniforme no fornecimento de acesso facilitado às pessoas em cadeira de rodas.

“Evidentemente que o Poder Público dirá que tem procurado fazer o melhor possível, como eles sempre dizem, mas esse melhor possível ainda é muito pouco em relação ao tamanho da cidade e a quantidade de deficientes que circulam por ela”.

Outras Cidades

“Bom, pra mim, a melhor cidade em termos de acesso é Nova Iorque. Você não precisa ir a um destino pensando: ‘será que eu vou conseguir entrar?’. Você entra mesmo em todos os lugares. Lá, a preocupação é muito grande e neste aspecto não tivemos queixa nenhuma. Eu ainda não vejo no Brasil nenhuma cidade que possa chegar a metade do que está Nova Iorque em termos de adaptação”.

“A gente não sente isso nos Estados Unidos. A gente vai a tudo que é lugar, todos os pontos turísticos, tudo de ônibus porque pra nós, o complemento maior da viagem é poder participar do ônibus. Lamento profundamente que isso não exista no Brasil e toda vez que eu vou lá, eu fotografo, eu filmo, eu trago pra tentar mostrar que facilidade seria todos os ônibus serem adaptados”.

As Mudanças

“A gente tem que realmente continuar batalhando, lutando para novas conquistas muito embora eu acredite que hoje as conquistas são enormes em comparação com as dificuldades que a gente enfrentou antes”.

Agradecimentos

“Eu quero agradecer primeiro por eu poder participar deste projeto da Regina e também ver que pra mim tudo é muito mais fácil. Meu emocional ficou comparativamente voltado com outros tipos de deficiência”.

26.4.5 - O Percurso no Largo da Carioca

A história urbana do Largo da Carioca é a marca que o transforma em um lugar particular. Santana (2003) mostra em sua pesquisa que este espaço público da Cidade do Rio de Janeiro é um cenário com grande movimento de pessoas e diversas atividades de valor físico e simbólico. As imagens de velocidade e agitação e a pluralidade de vistas panorâmicas são demonstradas na análise de Santana através de uma relação intensa de vários corpos situados neste importante espaço da cidade. O Largo da Carioca é um lugar de visão múltipla do Rio e, sob muitos aspectos, de grande significado, como colocado:

“Neste palco, diversos elementos constroem uma visão compartilhada deste cenário urbano em particular: edifícios, monumentos, equipamento urbano, vegetação, gente, relatos, atividades e os veículos de interação social que desenham, cuidadosamente, o caráter interativo de diversos tempos e substâncias, como podemos ‘ler’ em seus variados tipos arquitetônicos, texturas e ofertas de entretenimento”.

Ethel Pinheiro Santana. A Cidade no Fragmento: Lugar e Poiesis no Largo da Carioca, 2003.

Sétimo Percurso Comentado – P.7 – 03 de novembro de 2005:
Largo da Carioca – RJ/RJ. Tempo do Percurso: 2 horas. Entrevista: 1 hora.
O.P.7 – Pessoa com Deficiência Física, 42 anos, renda de 2 a 5 Salários Mínimos, advogada.
Percurso documentado por fotos e vídeo.

O Contexto Ambiental e Temporal do Percurso

O dia estava nublado, já tinha chovido muito e a Estela não pôde ir com a cadeira motorizada por esta razão. Em alguns momentos teve de ser ajudada devido às suas dificuldades.

A Deficiência

“Seqüela de paralisia cerebral, sou advogada, sou deficiente física e tive esse problema em função de um parto mal feito”.

A Descrição do Percurso

“Eu saí do Metrô, fui em direção à Caixa Econômica, dei a volta, passei pelo Convento e voltei. Na saída do Metrô, não é tão difícil, tem uma rampa e eu acho que devia ter no Metrô inteiro. Às vezes você está num lugar do Metrô, tem que dar uma volta enorme pra sair dele”. O.P.7.

As Características Físicas do Percurso – As Affordances

Este percurso foi comentado com muitas queixas e reclamações que assumiram um caráter de reivindicação. A calçada esburacada e inclinada em frente à Caixa Econômica Federal e ao Convento de Santo Antonio e as pedras portuguesas soltas por todo o Largo da Carioca não foram fáceis para O.P.7 com paralisia cerebral ou deficiência física, o que reforça os dados encontrados na pesquisa de Cohen (1999), quando este revestimento não foi muito apreciado de forma a permitir uma locomoção fácil.

Mesmo em meio ao enorme burburinho, à desordem urbana de camelôs e de muitas coisas e ao caos da multidão encontrado no Largo, foi possível receber as muitas informações oferecidas por todos os sentidos. Em dias de chuva, como foi o que percorremos o local, a calçada fica toda empoçada e foi percebida com muito mau cheiro.

“A calçada continua desnivelada, nada reto no meu entendimento. Piora ainda mais agora na direção do convento, ficou mais inclinado e a gente praticamente não consegue manter a cadeira em equilíbrio. Na direção do prédio da PETROBRAS, a coisa melhora um pouquinho. A gente não vê os buracos e a cadeira entra dentro, tudo se torna muito difícil. Já é difícil, se torna pior”.

A Mobilidade

No percurso, o corpo e a postura tornaram a locomoção difícil e foi necessário um grande esforço. O desejo de ter uma vida independente e de caminhar com autonomia fez com que O.P.7 superasse certas limitações de caminhar sozinha, chegando em casa com a mão “esfolada” devido às dificuldades que tem que viver em sua vida urbana diária.

“A locomoção se torna muito difícil. No início quando eu comecei a andar sozinha, eu voltava pra minha casa com a minha mão toda esfolada. Aí, todo mundo fica: ah, o fulano que é deficiente faz, você tem que fazer também porque fulano faz. Mas, pelo menos pra mim, nem todo mundo é igual. A gente não tem uma mesma força nem um mesmo corpo pra encarar isto. É difícil, é difícil”.

O Poder Público

Existe também muita frustração pelo descaso e falta de ação das autoridades para melhorar as condições de acessibilidade da cidade.

“Existe um descaso muito grande da Prefeitura e do Governo do Estado”.

As Sensações - Os Sentimentos

- A Falta de Prazer de curtir o Largo da Carioca

“Isso me deixa chateada porque é uma falta de ação de quem deveria ter ação”.

O prazer de ir e vir com liberdade como todo mundo e de circular curtindo a diversidade do Largo da Carioca se transformou em uma grande aventura muito cansativa.

“Eu não tenho o prazer de andar igual a todo mundo, andar pra circular e ver as coisas. O que deveria ser gostoso, passa a não ser, deixa de ser, se torna cansativo”.

Outros Lugares da Cidade

“Eu moro na Rua Paissandu que é uma rua que consegue estar pior do que o Centro e está toda desnivelada. Eu já liguei pelo menos umas 10 vezes para o setor de pavimentação de ruas da Prefeitura, reclamando. A diretora já esteve na calçada olhando e não tomou qualquer providência, eu desisti de reclamar porque eu senti que não adianta”.

“Olha, o Catete tem uma calçada melhor, próxima da minha residência. É um bairro que considero bom. Não está perfeito, mas está melhor”.

“Eu acho que com a exceção de Ipanema e Leblon que estão melhores, o resto da Cidade do Rio de Janeiro, pra mim, deixa muito a desejar”.

26.4.6 - O Percurso no Bairro da Tijuca

A Praça Saens Peña

A Tijuca também é um bairro tradicional do Rio e seus moradores são considerados muito bairristas e provincianos, o que simboliza um grande amor por suas características. Possui bons clubes e locais de lazer que ditaram moda. Concentrou também os bons colégios e os grandes cinemas de rua quando nem sonhávamos com os megainvestimentos cinematográficos.

Hoje, os cinemas que restaram estão localizados nos Shopping Centers que foram construídos no bairro. As antigas e tradicionais salas em estilo Art Déco cederam lugar para as igrejas evangélicas.

Apesar das transformações por que o bairro e a própria cidade passaram, ainda há, segundo Carino, uma “alma tijuicana” mesmo para quem não mora mais lá. A Tijuca se estende do Alto da Boa Vista pela Maracanã, descendo pelas ruas Conde de Bonfim e Hadock Lobo. Nesta última, passamos de carro para pegar a pessoa com deficiência física e seqüela de paralisia cerebral que fez o percurso comentado na Praça Saens Peña.

Esta praça é o orgulho de muitos de seus moradores, mas foi completamente transformada depois das obras de construção do Metrô. Nela encontra-se o famoso Café Palheta e a Drogaria Granado, além de um comércio diversificado e tradições.

A praça surgiu em 1911 de um velho Largo da Fábrica das Chitas, considerado feio para o espírito de seus amantes. Se conforme dizem seus poetas e líricos da alma e do coração da cidade, a Tijuca é um grande bairro de gente feliz, pesquisaremos como uma de suas moradoras com deficiência se locomove, o que sente e o que a faz feliz ou triste no bairro. A Praça é um lugar bastante significativo para isto.

Oitavo Percurso Comentado – P.8 – 04 de novembro de 2005:
Praça Saens Peña – RJ/RJ. Tempo do Percurso: 1 hora. Entrevista: 1 hora.
P.P.8 – Pessoa com Deficiência Física, 43 anos, renda de 2 a 5 Salários Mínimos, professora.
Percurso documentado por fotos e vídeo.

O Contexto Ambiental e Temporal do Percurso

Antes de iniciar a pesquisa de campo neste bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, pegamos a participante com deficiência física na sua residência e nos dirigimos para o local. Deixamos o carro em um estacionamento próximo e tivemos de caminhar um trecho da Rua Desembargador Isidro, para nos dirigirmos para a Praça e assim iniciamos informalmente os comentários do caminho que iríamos fazer, quando expliquei o trabalho que faria. Fizemos este percurso no bairro da Tijuca em uma

sexta-feira pela manhã. O sol despontou, mas estava uma temperatura bastante agradável e foi bom percorrer na Praça Saens Peña que estava bastante movimentada, com crianças brincando no seu interior, idosos jogando cartas no quiosque e muitos camelôs.

A Deficiência

“Tenho 43 anos, sou professora e estudante de direito. Minha deficiência física é uma seqüela de paralisia cerebral. Então, vamos começar a nossa caminhada”.

A Mobilidade

Neste percurso, P.P.8 demonstrou uma clara consciência de sua imagem corporal e da maneira como a deficiência afetou sua locomoção pela Praça Saens Peña. Foi descrita a diferença do que é visto estando sentada com relação a uma pessoa que está andando e considerado que as pessoas em pé e caminhando normalmente, possuem mais facilidades do que alguém em uma cadeira de rodas e têm uma outra visão.

Então, vamos começar a nossa caminhada. Como não é novidade para ninguém, é muito difícil a trajetória de um cadeirante pelas ruas, por este caminho, porque você tem que vencer obstáculos físicos, de caídas e subidas e buracos e uma série de coisas.

A Descrição do Percurso

“O percurso que eu fiz foi caminhar pela praça Saens Peña. Um percurso que, sinceramente, eu nunca tinha feito, apesar de morar na Tijuca quase desde que nasci. Devido a minha deficiência, eu nunca tinha feito este percurso. Eu saí da praça, fiz a volta na praça Saens Peña, saí dela, atravessei a rua, voltei de novo. Tentei ir ao Metrô, um meio de transporte que eu também nunca utilizei pela dificuldade de subir sozinha”.

P.P.8.

As Características Físicas do Percurso – As Affordances

“É um espaço muito cheio de dificuldades, de altos e baixos e de pessoas passando por você e camelôs e caixas no chão. Então pra quem está andando, a visão é outra, porque você numa cadeira de rodas, sentada, é inevitável, você tem que passar por elas. A pessoa que está andando, ela transita com mais facilidade e a pessoa que está em uma cadeira de rodas tem que controlar a cadeira de rodas num local onde existe muitos declives. Você tem que se preocupar com você, com o outro e com o teu equipamento, que neste caso é a cadeira”.

“A gente tem que tentar passar. Caramba, um buraco! Vamos passar por ele. Passei. Gente, como é difícil ser chumbado nesta cidade do Rio de Janeiro”.

Nossa participante que fez o percurso na Praça Saens Peña, na Tijuca, sentiu que as dificuldades do ambiente tornavam sua deficiência ainda mais difícil.

A Percepção Situada naquele Contexto

A Praça foi percebida cheia de dificuldades, de altos e baixos, de pessoas passando, de camelôs e caixas no chão.

“Ter que passar por buracos é complicado. Fora esse caminho doido, a gente ainda vai ter que passar com a cadeira de rodas”.

“A gente tem que pedir licença pra andar numa rua que é direito de todos, é passagem para todos, mas não é preparada pra que nós passemos em cadeira de rodas. É um exercício de paciência, de persistência e, principalmente, de necessidade porque além do direito de transitar, é preciso que a gente transite”.

Além da descrição das características físicas do percurso, foi necessária uma grande ajuda para a locomoção e mobilidade. Nesta situação vivida, não existia autonomia e a pessoa comentou ter precisado de muita paciência.

“Passar por isso sentada é complicado porque você olha as coisas a sua volta, mas você tem que estar atenta para a cadeira não virar, pra você mesma não cair por causa do declive”.

Também era preciso caminhar atenta às irregularidades da calçada, evitando possíveis quedas por causa dos obstáculos.

Os Sentidos – A Intersensorialidade

- Sons e Cheiros na Percepção da Praça

A maneira de utilizar o “método dos percursos comentados” como recomendada por Jean-Paul Thibaud (2001), solicita o uso de todos os sentidos além da visão, o que no caso deste ambiente percorrido foi percebido com muitas informações visuais, auditivas e olfativas:

“Entre os camelôs, barulhos, pessoas e cheiros, mais um buraco, mais uma tampa da rede de esgotos que só atrapalha”.

P.P.8.

“A vista é linda, não dá pra negar mas a complicação de cheiros, de pombos no meio do caminho, complicam as coisas”.

“Muito barulho ao fundo, buzinas, etc., mas a vista é uma maravilha”.

As Sensações – Os Sentimentos

- O Tumulto – O Olhar diferente do Outro

“É todo um tumulto, as pessoas te olhando, não sabendo o que fazer porque estranham ver uma pessoa portadora de deficiência pelo meio da rua. Não tem o que falar ou não sabem o que fazer”.

“As pessoas parecem que não sabem o que é uma pessoa com cadeira de rodas na rua porque passam e não prestam a menor atenção”.

- A Impotência

Foram também vividos sentimentos de impotência com relação à sua locomoção mais afetada ainda pela falta de condições do ambiente que percorreu.

“Eu vou te dizer muito sinceramente, dá uma sensação de impotência muito grande porque você vê que você não é capaz de superar. Não é uma questão de deficiência não, é uma questão objetiva mesmo, você não consegue superar obstáculos que por sua vontade você não pode transpor. Então, eu tenho a absoluta certeza que a sensação mais forte que influi nisso é a impotência”.

- A falta de prazer de curtir o ambiente

No final do percurso na Praça Saens Peña registrou-se um comentário muito importante sobre a cidade que é vivida por cada um de nós com deficiência:

“A praça é muito bonita, não há dúvida. Eu já vim aqui outras vezes, já observei, já curti a paisagem, mas hoje, sinceramente, a paisagem era a última coisa com a qual eu me preocupava porque eu estou sozinha num trajeto que não conhecia, e tenho que passar por pessoas, por buracos, por obstáculos mesmo. Por mais bonito que a gente saiba que o local é, o que pesa mais para uma pessoa com deficiência é ultrapassar, é superar essas dificuldades, e isso tira muito da curtidão, do prazer. Você tem que estar desviando o olhar para uma pessoa que não vê a cadeira de rodas”. P.P.8.

Outros Lugares da Cidade

“Eu encontro uma melhor acessibilidade na Zona Sul”.

“A Zona Sul é, indubitavelmente, mais bem aparelhada do que os outros locais. Onde eu posso me locomover com mais facilidade é na Zona Sul, Copacabana, Ipanema, entendeu? Ipanema também tem uns locais adaptados, tem mais rampa, é mais plano”.

O Afeto pelo Lugar

Apesar das Dificuldades - O Amor pelo Rio De Janeiro

“Eu sou carioca, eu sou apaixonada pelo Rio de Janeiro, eu gosto do Rio de Janeiro, eu não sei se viveria em outro lugar, eu acho que não porque aqui tem tudo que eu gosto, aqui se resume a minha vida, mas eu não posso deixar de prestar atenção nas dificuldades que essa cidade que eu gosto tanto, que eu tenho verdadeira adoração. Eu não posso dizer que o Rio de Janeiro seja a pior ou a melhor cidade. Eu sei o seguinte, é nela que eu moro, é na Cidade do Rio que eu moro e que eu gosto, mas eu não posso também fechar os olhos e dizer que é tudo uma maravilha, não é. Eu tenho muitas dificuldades aqui e eu acho que essas dificuldades poderiam ser amenizadas. Solucioná-las de uma hora pra outra é utopia, é ilusão”.

Outros Lugares do Mundo

“Eu fui aos Estados Unidos e fiquei lá durante 15 dias. Não tive problema de me locomover porque lá a visão é outra. Eu tinha todos os acessos tanto dentro quanto fora do hotel. Fui fazer compra sozinha, coisa que eu nunca fiz aqui. Fui e voltei sem problema nenhum”. As cidades americanas têm uma infra-estrutura mais organizada. Eu não estou querendo dizer com isso que sejam o paraíso não. Não é. Mas, nesse aspecto o povo americano é melhor, a cidade americana está mais preparada sem sombra de dúvida”.

26.5 - O Distrito Federal ou a Capital do País - Brasília

“Olha, é difícil comparar Brasília com qualquer tipo de cidade. Brasília é realmente diferente de todas elas. Aqui se extrapolou ao excesso. Os problemas de Brasília em relação aos problemas de outras cidades são diferentes”.

Q.P.9.

Brasília - o Distrito Federal do Brasil cristalizou, na época de sua concepção, um paradigma da modernidade particularmente importante: a idéia de que governos nacionais podem mudar a sociedade e manobrar o social através do imaginário de um futuro alternativo. Significou a intenção de criar essa "nova era" mas a ocupação da cidade construída se fez segundo o que ditava a prática da sociedade da época. Suas premissas engendraram uma série de processos sociais que vieram, de modo paradoxal, a destruir as intenções utópicas de seus idealizadores. Segundo Edmund Bacon (2005: 235), "Brasília representa para a arquitetura contemporânea o exemplo mais significativo de uma cidade planejada como um todo”.

A viagem a Brasília, através do Planalto Central, significa a separação entre esta concepção modernista e o Brasil de todos os dias com seus paradoxos de horizontes silenciosos rumo ao poder central e de espaços vazios onde não existem esquinas ou pontos de encontro entre pessoas. Se existem fragmentos de utopia de um plano governamental para uma capital que retratando a imagem de um futuro imaginado e desejado, representou a negação das condições existentes na nossa realidade, então temos sinais claros de que algo neste modernismo não foi aquilo que idealizamos como um urbanismo coerente.

As tentativas modernas por criar cidades novas e artificiais, de um ponto de vista humano, resultaram completamente insatisfatórias porque não foram capazes de criar o novo. Se a cidade destrói horizontes com energia, se o deslocamento de pessoas for

um problema, então somos levados a refazer a utopia e repensar o planejamento moderno.

O espaço de uma cidade funciona ou não funciona, ganha vida ou permanece morto! Para Guattari, a complexidade da nossa posição como arquitetos e urbanistas é extrema mais apaixonante, desde que levemos em conta nossas responsabilidades estéticas, éticas e políticas. Cabe salientar que voltar ao presente significou repensar os planos para o futuro, e nos libertar do referencial que contextualizou planos como os de Lúcio Costa.

De 1928 até meados da década de 1960 os Congrès Internationaux d'Architecture Moderne (CIAM) propunham que a arquitetura e o urbanismo modernos seriam os meios para a criação de novas formas de associação coletiva, de hábitos pessoais e de vida cotidiana. Em seu manifesto mais significativo, a Carta de Atenas, "os objetivos do planejamento urbano são definidos a partir de quatro funções: moradia, trabalho, lazer, circulação". Estas proposições dos CIAM foram incapazes de perceber que a forma e a dimensão social da arquitetura só seriam verdadeiras se interdependentes.

Nos termos de Alexander (www.rudi.net/bookshelf/classics/city/Alexander), a insistência característica dos CIAM, em zoneamentos rigidamente dispostos em árvores é uma ameaça à sobrevivência da cidade e das relações sociais que permite.

O isolamento nas cidades, de acordo com Carlos Nelson dos Santos (1981), só favorece a morte do bom relacionamento entre as pessoas. Se houver lugares onde só se trabalhe, por exemplo, à noite ficarão ociosos. Se os mais ricos só quiserem ficar juntos, acabarão mais estranhos aos outros e mais expostos à violência. Separar os pobres em bairros distantes, iguais e sem graça é impedi-los de ficar junto às melhores oportunidades de trabalho.

Diante deste contexto de Brasília, percebe-se que a locomoção das pessoas é um grande problema e define-se mais um desafio para quem já possui dificuldade de

locomoção. O percurso realizado na Esplanada dos Ministérios, indo de uma edificação a outra e a descrição feita falarão por si.

26.5.1 - O Percurso na Esplanada dos Ministérios

Nono Percurso Comentado – P.9 – 13 de dezembro de 2005:
Esplanada dos Ministérios – Brasília/DF. Tempo do Percurso: 1 hora. Entrevista: 1 hora.
Q.P.9 – Pessoa com Deficiência Física, 48 anos, renda de mais de 10 Salários Mínimos, engenheiro.
Percurso documentado apenas com vídeo.

A Deficiência

“Eu tenho 48 anos, trabalho no Senado dando assessoria ao presidente da Comissão de Acessibilidade da Casa Senado, é diferente da Subcomissão que trata do assunto acessibilidade em normas e leis. A minha deficiência é paraplegia a nível T12. Eu sofri um acidente de trabalho. Como empresário engenheiro caí de uma laje acidentalmente. Quebrei 5 vértebras. Eu tive esse acidente em Cabo Frio, onde eu morava”.

A Descrição do Percurso

“O percurso que fizemos é relativamente curto, apesar de que em Brasília nada é muito próximo. Nós andamos bastante, cerca mais ou menos de uns 150 metros e nesse percurso nós tivemos alguns obstáculos de natureza simples: rampas até o percurso. Apesar de não ser uma rota, esse percurso atinge aos ministérios e apenas à Igreja da Catedral, daí pra frente não existe acessibilidade. Apenas, a condição de acesso dentro da Esplanada e também não existe a ligação acessível do lado direito com o lado esquerdo”.

As Características Físicas do Percurso – As Affordances

Mesmo no curto percurso realizado em Brasília, indo do prédio do Ministério das Cidades para o do Ministério de Planejamento, caminhando por um quarteirão apenas, foram apontados obstáculos como o espaçamento com grama entre as lajotas e degraus na calçada. Ficou claro durante o percurso a inexistência de uma “rota acessível”.

“Neste caminho, por exemplo, frente ao Ministério do Planejamento, a calçada tem obstáculos de grama, trechos gramados, degraus na calçada pra acesso do veículo do ministro numa área coberta. Isso produziu um degrau na calçada. Todos eles apresentam uma rampa de entrada na porta com desnível. O acesso ao subsolo onde fica o restaurante não existe por elevador, o elevador fica até o térreo e o restaurante de acesso pra todos é apenas por escada”.

As Sensações – Os Sentimentos

O participante da pesquisa, não conseguiu definir o que sente pela cidade onde mora atualmente. Ele locomove-se em cadeira de rodas e considera Brasília uma cidade inacessível e bastante difícil para quem não possui seu próprio veículo.

A Percepção Situada naquele Contexto

“Brasília é uma cidade inacessível para o deficiente pelas distâncias e pela estrutura em si, pelo seu planejamento em si. É evidente que algumas coisas são feitas, mas em Brasília você não vê um ônibus adaptado, não se sabe porque”.

“Nós temos algumas ruas interessantes, como a W3. A gente entra numa rampa e estamos na W3, só que quando a gente chega do outro lado, a gente vê que entrou numa armadilha que não tem saída. Então, as soluções não são dadas por completo. O sentido de rota como eu tenho, não existe”.

O participante que fez o percurso em Brasília considera necessária a participação do deficiente com capacidade nestas questões, para ver e analisar os direitos e as condições. Ressalta também o envolvimento de pessoas que estejam engajadas e envolvidas e que saibam o que é necessário fazer, além do engenheiro, do arquiteto deficiente, do médico e do fisioterapeuta.

Outras Cidades

“É difícil comparar Brasília com qualquer tipo de cidade. Brasília é realmente diferente de todas elas. Aqui se extrapolou ao excesso. Os problemas de Brasília em relação aos problemas de outras cidades são diferentes. Eu tomo como exemplo, **a cidade de Altinópolis**, onde meus pais vivem. Altinópolis é no interior de São Paulo, fica próximo de Ribeirão Preto, que é uma área que a gente tem que destacar pelo grau de vida muito elevado”.

“O grau intelectual da cidade e de formação de curso de nível superior chega a 95% da população. Nessa cidade, a gente nunca teve exemplos de pessoas deficientes. A Prefeitura sem que houvesse uma obrigação, uma necessidade, uma imposição ou uma manifestação, se sentiu mobilizada. A cidade está preparada em termos de acessibilidade. Não vamos exagerar pela excelência, existem defeitos, falhas, como o conceito de que todo mundo é diferente”.

“Altinópolis é uma ilha, é uma iniciativa muito interessante. Ribeirão Preto, por exemplo, deu início a um grande movimento, mas tudo depende de compromisso. A gente vê o Rio de Janeiro como ilha pontual, a gente vê São Paulo como um sonho e que não é realizado”.

“Eu senti em Pernambuco um interesse muito grande”.

O Brasil como um todo

“Eu acho que o Brasil está partindo pra uma situação de avanço”.

PARTE VIII – ANÁLISE E AVALIAÇÃO DOS DADOS

“O pesquisador deverá então dar conta de diversas tarefas: exame sistemático do corpus de pesquisa; criação de um sistema de anotações em que fique claro porque certas ações devem ser categorizadas de um modo específico; e finalmente, o processamento analítico da informação colhida”.

Peter Loizos. Vídeo, Filme e Fotografias como Documentos de Pesquisa. In Bauer e Gaskell. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. 2000: 149.

Foi necessário um ir e vir constante à teoria e ao discurso das pessoas pesquisadas, através do “método dos percursos comentados” (Thibaud, 2001) e dos relatos feitos sobre a cidade percebida e vivida. Pode-se agora processar a informação, analisar os dados e entender a relação entre corpo deficiente, ambiente urbano sensível e percepção ambiental situada.

Partiu-se da hipótese que as características físicas dos ambientes urbanos ou suas *affordances* influenciam nas competências motoras, nas sensações e na habilidade de lidar com o meio, condicionando ou reforçando a deficiência.

Assim, primeiramente serão apresentados os resultados das análises dos percursos e das entrevistas. A avaliação sobre as “*affordances*” ou características dos ambientes urbanos percorridos buscou investigar se o que estes fornecem é suficiente para permitir a orientação espacial dos nossos sujeitos ao se locomoverem.

Foram também analisadas a identificação de Pessoas com Deficiência com seus ambientes sensíveis imediatos, sua “*place identity*”, seu “*place attachment*” ou seu “*point ici*”, seu pertencimento e seus encontros na cidade.

As verificações terão como base os discursos, os percursos, os ambientes percebidos e vividos, as dimensões sensoriais e cinestésicas da experiência e as sensações, compondo o contexto de uma percepção situada nas cidades pesquisadas e buscando contribuir na construção do lugar antropológico da mobilidade urbana do corpo deficiente e de sua motricidade.

27. A ANÁLISE DOS PERCURSOS E DOS DISCURSOS

“A análise e avaliação de dados, de relatos de situações resulta nas teorias que se ensinam nas universidades, que inspiram os órgãos de Governo e embasam os conselhos políticos que determinam o desenvolvimento das cidades”.

Carlos Nelson F. dos Santos. Espaço e Poder: contra as tendências mais fáceis. In Cadernos do IBAM. 1979: 47.

Os percursos comentados e os depoimentos deram uma visão geral do que os ambientes pesquisados significam na percepção prática-sensível das Pessoas com Deficiência e na expressão motora de sua afetividade pelos lugares. Foram encontrados muitos obstáculos: buracos, falta de rampas, desníveis na calçada, pavimentação ruim, poças de chuva, tampões de concessionárias de serviços que não são nivelados, carros estacionados que impedem a “rota acessível” e outros.

Grande parte das dificuldades foi apontada em 1999 por Cohen³¹. Como naquela época, trabalhou-se apenas com as pessoas que possuem deficiência física, novos aspectos surgiram quando também pesquisamos as pessoas com alguma deficiência visual. As barreiras para elas estiveram em outros elementos da cidade, como a falta de informações e de comunicação, além das barreiras atitudinais.

Com estes obstáculos, a percepção situada no contexto das cenas urbanas pesquisadas foi dificultada pelas características físicas ou *affordances*. O fato de terem que prestar atenção por onde caminhavam tirou o prazer de desfrutar dos ambientes como demonstrado na cidade que é vivida através de suas sensações – seu ambiente sensível.

Caminhar aos sobressaltos devido às dificuldades significou para algumas das pessoas pesquisadas sensações fortes de impotência com relação ao ambiente percorrido. Às vezes se parava em uma travessia de rua e mesmo sem uma palavra era possível ver pelo olhar o constrangimento de pedir ajuda para se locomover. O medo de cair devido às irregularidades da calçada fazia com que o ato de caminhar significasse um mergulho na cidade vivenciado pelo medo. Com as dificuldades encontradas, vinha um enorme cansaço de andar no calçadão feito para os pedestres. Os percursos foram vividos com alguns destes sentimentos.

Mesmo assim, com todas as barreiras era expressada uma enorme vontade de participar dos encontros e de apreciar o clima alegre de uma tarde movimentada pelas

³¹ Trata-se das barreiras de acessibilidade pesquisadas por ocasião da dissertação de mestrado da autora.

ruas. Os participantes ficavam, em geral, muito felizes por estarem participando da experiência e muitas vezes declaravam seu amor pela cidade que os negava. Agradeciam pela oportunidade por estarem colaborando e confessavam um estranhamento de ter de revelar estas vivências.

Ao final do último percurso realizado na Cidade do Rio de Janeiro quando nos dirigíamos para o estacionamento onde estava o carro e iríamos levar o deficiente físico de volta para sua casa, eu mesma olhei ao redor da Praça Saens Peña, onde passei minha infância e sentada em minha cadeira de rodas tentei fazer meu próprio exercício de “caminhar, perceber e descrever” (Thibaud, 2001) aquele ambiente entrando em contato com minhas próprias sensações e, apesar das dificuldades, estabelecendo laços afetivos com aquele lugar de tantas boas recordações.

O que cada um destes percursos provocou nas pessoas que participaram da pesquisa? Quais qualidades sensíveis do ambiente despertaram seus afetos? Esta é a análise que tentaremos fazer agora.

27.1 - A Cidade Viva

“As qualidades sensíveis tomam corpo a partir do momento onde se desenvolve o campo da afetividade. (...) Este tipo de emoção procede de um movimento de abertura ao mundo permitindo o escolher de uma certa maneira”.

Jean-Paul Thibaud. Une Approche Pragmatique des Ambiances Urbaines. In THIBAUD, Jean-Paul ; AMPHOUX, Pascal ; CHELKOFF, Grégoire [Org.]. Ambiances en Débats. 2004:150.

Primeiro Percurso Comentado – P.1

Do Shopping Piedade até a Estação da Lapa – Salvador / BA.

O percurso feito por nossos sujeitos com deficiência foi “complicado” pela própria topografia de Salvador e pelo crescimento desordenado da população que contribuem para a inacessibilidade. Existe na cidade um grau elevado de pobreza que formou bairros carentes com ruas ou becos de difícil circulação. Acompanhamos assim a descrição da Salvador influenciada pelo contexto em que está situada e por sua topografia.

Somado a este quadro ou situação, a sociedade também não consegue enxergar a deficiência, como descrito no discurso de alguns participantes da pesquisa, o que se reflete na configuração da própria cidade que se torna, ela também, deficiente. Este círculo vicioso acaba devolvendo para a pessoa toda a dificuldade real dos ambientes. A cidade das pessoas entrevistadas é deficiente.

Salvador foi considerada uma cidade difícil e complicada. Existe uma parte central e histórica que está preparada e mais bem equipada apenas para os turistas. São várias cidades em uma só que não são acessíveis para as pessoas com alguma deficiência: a cidade do turista, a das baianas, dos poetas e a do nosso sujeito cego que foi cruel, como revelado na entrevista. Sendo vivida desta forma, os sentimentos e sensações que desperta dificultam a apropriação e pertencimento na cidade.

Apesar disto, Salvador tem passado por momentos de grande mobilização popular para a melhoria da qualidade de vida de seus habitantes. As Pessoas com Deficiência têm se organizado para lutar por seus direitos e melhorar suas condições de acessibilidade, mas reclamaram da qualidade dos serviços ruins de atendimento público e privado que a cidade oferece, o que, conforme demonstrado por Cohen (1999) acaba por cristalizar suas deficiências e comprometer sua competência motora já dificultada pela sua mobilidade reduzida.

Os equipamentos sem sinalização representaram para os cegos perigos e medos de se machucar junto com o que eles chamaram de agressões do ambiente. Um dos participantes com deficiência visual disse que ao andar nas ruas de Salvador, precisa se proteger para não esbarrar nos orelhões que provocam pânico na cabeça de qualquer pessoa que não enxerga. Assim, seu ambiente sensível imediato faz com que tenha sempre que se locomover na defensiva, provocando estes sentimentos de medo ou insegurança, reforçando sua deficiência e condicionado sua mobilidade urbana.

Como sua deficiência visual foi adquirida na fase adulta da vida, este cego foi capaz de utilizar pontos e eventos marcantes de sua cidade devido à sua experiência urbana passada. Ao mesmo tempo, ele fez uso de sons e outros sentidos além da visão para poder se locomover, revelando, como demonstrado, a dinâmica intersensorial de uma ambiência urbana.

A falta de limites em algumas calçadas ou de marcos em praças grandes e na Estação da Lapa em Salvador fez parte dos discursos e percursos. Sentiu-se e comentou-se o total desrespeito com o deficiente. Os motoristas públicos ou particulares estacionam seus carros nas poucas pistas táteis existentes, sem que haja qualquer punição. Por causa destas barreiras atitudinais, as pessoas precisaram caminhar pelo meio da rua.

Segundo Percurso Comentado – P.2

Avenida Independência – Juiz de Fora /MG.

Juiz de Fora recebeu o apoio do Governo Federal e de sua Prefeitura para torná-la uma cidade acessível para todos. Entretanto, os deficientes pesquisados se sentem muito insatisfeitos e dizem encontrar muitas dificuldades nas ruas.

Apesar de amada e admirada, para algumas Pessoas com Deficiência, que pesquisamos, Juiz de Fora não é uma cidade que permite o caminhar. Andar e fazer o percurso foi uma verdadeira aventura e a cidade não é confortável e segura, o que causou frustração e tristeza.

Uma destas pessoas disse que antes de adquirir a deficiência gostava de sair na rua, ver as vitrines de lojas e sentar no banco da praça. Hoje ela não se sente mais confortável de enfrentar os degraus de acesso e ainda ter de pedir ajuda para fazer o que gosta.

Mesmo com todas as barreiras de acessibilidade, dentre os locais que fizeram parte desta pesquisa, Juiz de Fora consegue despertar sentimentos de afeto sendo uma cidade muito adorada por seus moradores por sua tranquilidade, seu acolhimento e um lugar bom de se morar.

Terceiro Percurso Comentado – P.3

Rua Visconde de Pirajá – da Rua Garcia D'Ávila até depois da Rua Aníbal de Mendonça - RJ.

Os percursos realizados neste bairro foram considerados impróprios para a locomoção fácil das pessoas em cadeira de rodas que participaram da pesquisa. Junto com as dificuldades elas também expressavam sua raiva e indignação com as poucas rampas existentes ou as vagas de estacionamento ocupadas por outros veículos. Depois de alguma tentativa para caminhar com autonomia, resolviam ceder ao cansaço e pedir ajuda. Apesar de muitas vezes não terem verbalizado isto, as fotos tiradas mostraram a expressão de alguns destes sentimentos.

Mesmo assim, a Rua Visconde de Pirajá, no Bairro de Ipanema, na Cidade do Rio de Janeiro, foi apreciada pelo seu movimento com carrinhos de bebê, idosos e muitas pessoas circulando, apesar do dia nublado que fazia. Com todas as dificuldades encontradas, o ato de sair às ruas foi bastante prazeroso. Elas falavam de uma felicidade por poderem caminhar em uma rua com tanto movimento e alegre.

Uma das entrevistadas parou para olhar as lojas e apreciar as coisas que gosta de seu bairro. Este prazer foi apenas contemplativo devido aos degraus na entrada, o que significou o limiar do que o meio construído lhe permitiu e forneceu ou suas *affordances*. Ela não teve independência, mostrando-se bastante resignada com a ajuda e afetividade das pessoas.

Quarto Percurso Comentado – P.4

Calçadão de Pedestres de Campo Grande – RJ.

Durante o percurso feito pelo Calçadão de Campo Grande, foram descritos os muitos obstáculos encontrados, como buracos e paralelepípedos. Quase no final do percurso quando íamos conversar, um dos participantes em cadeira de rodas parou na beira de uma calçada e ficou olhando e pensando. Ele estava sozinho e não lhe foi possível descer da calçada e atravessar a rua, e teve que pedir ajuda das outras pessoas.

Falar do calçadão, de rampas, de acessos ou de adaptações. Existe alguma rampa ali? Nosso sujeito ficou desolado olhando e procurando por esta informação tão preciosa que lhe permitisse o controle de suas ações e facilitasse sua vida.

Devido à inexistência de rampas, os participantes que possuem alguma deficiência física ou dificuldade de locomoção têm que competir com os carros na rua o que é perigoso. Tiveram uma grande dificuldade de fazer o percurso e se sentem excluídas da cidade porque estes ambientes não lhe são permitidos.

Entretanto, mais importante do que estes relatos foram as sensações que tiveram. A cara zangada, as reclamações com o guarda e a tristeza eram reveladas durante o percurso e expressadas nas entrevistas.

Em outra situação, o deficiente que vende balas no sinal disse que nos seus percursos diários, tem que dar uma volta muito longa, passar pela passarela perto da Rodoviária em Campo Grande e competir com o trânsito nas ruas.

As características físicas ou affordances não foram suficientes, demandando a escolha de caminhos que não são ideais e a sua falta de competência de lidar de uma maneira positiva com o seu ambiente. Como não conseguiu andar em linha reta no Calçadão de Campo Grande devido aos obstáculos, a pessoa não pôde dar um sentido na sua direção e no seu caminho, encontrando muita dificuldade para se orientar e uma visão panorâmica fragmentada daquele espaço.

Quinto Percurso Comentado – P.5

Quarteirão no Bairro da Lapa – RJ.

O percurso feito no quarteirão do Bairro da Lapa por um amputado bastante engajado nas reivindicações do movimento social também foi difícil. Entretanto, esta pessoa disse acreditar em mudanças e que breve, a cidade esteja melhor em todos aspectos para que as Pessoas com Deficiência possam afirmar sua cidadania plena.

Ele revelou seu amor pela cidade e ao final disse que gostou muito da experiência e que estava satisfeito e bem com sua caminhada.

Para o cego que fez o percurso no Bairro da Lapa, o percurso foi considerado bastante fácil. Ele é uma pessoa bastante ativa e esperta com relação a sua própria deficiência e com o ato de se locomover em qualquer lugar e mesmo assim ficou indignado com a falta de condições mais fáceis para atuar na cidade. Mas, a realidade urbana para ele não tem solução de curto prazo para melhorar o andar de Pessoas com Deficiência pelas calçadas. Ele deposita suas esperanças nos futuros profissionais.

Sexto Percurso Comentado – P.6

Rua Visconde de Pirajá – da Rua Garcia D'Ávila até a Rua Joana Angélica e Praça Nossa Senhora da Paz – RJ.

O segundo percurso realizado na Rua Visconde de Pirajá no Bairro de Ipanema foi permeado por algumas rampas mal construídas, com grande inclinação, com acabamento e manutenção precários ou outras com árvores plantadas no meio da rampa. O que foi feito para auxiliar na travessia de pessoas com deficiência, com estas características acabou atrapalhando sua locomoção.

Um dos participantes deste percurso comentou sobre a atenção dada a este eixo principal do bairro pelo Poder Público por ocasião do Projeto Rio Cidade. Entretanto, ele acrescentou que as medidas também deveriam se estender às transversais e paralelas de um bairro tão importante como Ipanema.

Para sua esposa que também possui deficiência física e costuma fazer o trajeto diariamente, as pessoas não respeitam as rampas existentes e ela teve que descer pelo degrau. Apesar destas barreiras físicas, atitudinais e informacionais, a Visconde de Pirajá, em Ipanema, também foi vista como uma rua muito alegre e agradável de se circular por ela, revelando, como em Thibaud (2001) uma afetividade e uma dimensão prático-sensível deste ambiente.

Quando fizemos a entrevista na Praça Nossa Senhora da Paz, fazia um final de tarde bastante agradável depois de uma semana de muita chuva e também houve a visão de um local diferente, bucólico e interessante, mas difícil de definir. A pesquisada

sentiu-se como se estivesse em uma cidade do interior com muita paz e pessoas passeando. Ipanema foi sentida e vivida como um local tranquilo.

Juntamente com esta imagem acolhedora, houve também a descrição da falta de conscientização, educação e respeito por parte da sociedade em uma rua bastante alegre e agradável de se caminhar, como foi descrita a Rua Visconde de Pirajá.

Sétimo Percurso Comentado – P.7

Largo da Carioca – RJ.

Foram também encontradas muitas dificuldades ao longo de todo o caminho no Largo da Carioca. As calçadas muito inclinadas implicaram em um grande esforço, na falta de autonomia e na necessidade de ajuda constante para caminhar.

Houve muitos sentimentos resultantes deste movimento do corpo deficiente pelo espaço. Para a participante da pesquisa com deficiência física que fez o percurso, sua postura e os obstáculos significaram um papel pouco ativo com relação ao meio no qual ela quis agir e a falta de prazer de andar como todo mundo, de circular e de ver as coisas. O que deveria ser gostoso se tornou cansativo.

Oitavo Percurso Comentado – P.8

Praça Saens Peña – RJ.

Na Praça Saens Peña também foram encontradas muitas dificuldades. Percorrer foi todo um tumulto. Segundo o depoimento colhido durante a entrevista, as pessoas olhavam sem saber o que fazer ou falar e demonstravam espanto ao ver uma pessoa com deficiência no meio da rua. Isto denota o quanto estas pessoas muitas vezes ainda são vistas como tão diferentes, mostrando uma dificuldade de olhar a diversidade do Outro.

Apesar de ter considerado o trajeto difícil, o sujeito que fez este percurso em cadeira de rodas se disse apaixonado por sua Cidade do Rio de Janeiro, porque é nela que encontra tudo que gosta. Apontou a Estação do Metrô como elemento mais marcante,

porque quando tentou utilizá-lo e viu o símbolo internacional de acesso, julgou que seria fácil andar ali, mas não conseguiu subir na rampa e teve que pedir ajuda.

Andar de cadeira de rodas também não foi fácil na Tijuca e nosso sujeito que fez o percurso na Praça Saens Peña falou da dificuldade que é viver no Rio de Janeiro e do olhar diferenciado para a questão da deficiência pelo Poder Público. Considerou que existe uma melhor acessibilidade nos bairros da Zona Sul da cidade que é mais bem aparelhada que outros locais e acredita que, apesar das mudanças, falta conscientização por parte da população carioca e um maior equilíbrio em termos de atendimento aos cidadãos com deficiência de todas as áreas da cidade. Apesar das muitas barreiras apontadas no seu percurso e da dificuldade de andar foi feita uma verdadeira declaração de amor ao Rio.

Nono Percurso Comentado – P.9

Esplanada dos Ministérios – Brasília / DF.

O Distrito Federal faz parte de um contexto bastante específico por ser a capital do país, pelas características de seu planejamento moderno que privilegia o carro em detrimento de calçadas e também como sede do poder. A pessoa em cadeira de rodas que fez o percurso na Esplanada dos Ministérios vê Brasília como uma cidade particular, extremamente horizontal e gigantesca, onde não existe o convívio de pessoas caminhando nas ruas. A possibilidade de andar nesta cidade é dificultada pela própria arquitetura. Locomover-se em cadeira de rodas é impossível porque não existem caminhos de ligação entre as partes Oeste, Leste, Norte e Sul. Toda a circulação é feita por vias expressas ou subterrâneas.

Então, não foi permitido a este deficiente uma liberdade de transpor estes obstáculos, simplesmente andando. Brasília é uma cidade inacessível que não permite o direito de ir e vir das pessoas que têm uma deficiência, além de um planejamento segundo os princípios funcionalistas e modernos contidos na Carta de Atenas.

28. CORPO, AMBIENTE E MOVIMENTO NAS CIDADES PESQUISADAS: DEFICIENTES?

“Essas questões podem ser relacionadas com a velha questão da ética *versus* estética: os prazeres do movimento e da passagem, em que se é invadido por sensações e experiências novas. (...) Gente mais estabelecida é capaz de desenvolver um *habitus* comum, (...), com hábitos corporais, memórias e experiências coletivas comuns. Nesse ponto, encontra-se o pressuposto de algum senso comum de lugar e memórias corporais inscritas”.

Mike Featherstone. O Flâneur, A Cidade e a Vida Pública Virtual. In Antonio A. Arantes. O Espaço da Diferença. 2000: 191.

Apesar de os percursos terem sido difíceis e descritos com sentimentos negativos, as pessoas acabaram por expressar suas sensações mais íntimas e sua vontade de fazer parte da cidade. Criaram estratégias, superaram limitações e riem das suas próprias loucuras. O cego de Salvador que andou distâncias enormes e não se perdeu hoje reconhece o quanto foi ousado. As lembranças das viagens do casal quando os dois tinham suas dificuldades em consequência da deficiência, mas ajudando um ao outro conseguiam apreciar muitos lugares. O prazer de fazer compras sozinho, enfrentando desafios e barreiras não significa dizer que estão passivos ou resignados.

Se a cidade lhes fornece estes sentimentos descritos nos percursos, sendo ela própria deficiente e comprovando nossa hipótese, eles brigam. Se as portas se fecham, eles mesmo assim passam. Indiferentes às barreiras eles querem viver as boas sensações do seu movimento e uma verdadeira e nova experiência urbana de confiança, segurança, e do direito de ir e vir.

Se em geral, as pessoas com alguma deficiência não tiveram afeto com relação ao lugar, mesmo assim elas o desejam. Não basta mais ficar no discurso da piedade e avaliar que os percursos foram todos terríveis, com muitas dificuldades e elas vivem uma existência de barreiras. A relação do corpo, com o ambiente e com o movimento assume uma outra dimensão, a dos seus sentimentos e elas querem estar felizes na cidade. Mas não é fácil.

A orientação e os percursos no espaço dependem de certos fatores nesta inter-relação. O movimento do corpo precisa, no meu entender, de emoção para se

expressar no ambiente. Ele acontece na dinâmica prático-sensível dos ambientes e isso nós tomamos emprestado de Jean-Paul Thibaud que foi nosso eixo condutor neste trabalho. Isto também significa como ele é afetado nesta relação e que afetos o ambiente é capaz de lhe proporcionar.

Pode-se também estabelecer este diálogo tão fundamental para qualquer trabalho acadêmico que busque avançar no conhecimento e, como Merleau-Ponty, acreditamos que nossas ações acontecem sob um fundo do qual nosso corpo não se distingue. Não queremos mais falar do cansaço e do esforço para percorrer empreendido pelos sujeitos que pesquisamos, mas das condições que este ambiente lhe devolve, das *affordances* de Gibson, destas características tão fundamentais para que o corpo possa se mover.

É claro que existem dificuldades próprias da pessoa e da motricidade do corpo com deficiência. Um exemplo pode ser dado pelo percurso do nosso sujeito com muletas em Salvador que falou das diferenças no seu próprio caminhar de acordo com as épocas do ano ou a estação. Ele caminha de maneiras diferentes no inverno e no verão. No inverno, sua marcha é muito mais lenta devido à insegurança de andar nas ruas, ele cai com muito mais facilidade por causa do limo das calçadas. Quando chove, ele procura nunca andar perto da parede, onde tem mais umidade.

Essa é uma das situações que podem ser vividas por alguém que possui uma deficiência, mas também concordamos com Thibaud que elas precisam ser examinadas em contexto. E o contexto aqui foi o de uma particularidade de percepção ambiental situada, o das Pessoas com Deficiência.

Pode-se também dizer que os discursos e situações vividos por elas foram tão diversos quanto os possíveis percursos pela cidade. Além das peculiaridades do seu caminhar, também existe este fator tempo em uma marcha mais lenta deste corpo em movimento que, como em Merleau-Ponty (1996), habita o espaço e o tempo.

Tempo, espaço, corpo, postura e movimento se somaram nas muitas combinações para constituir a experiência do lugar e compuseram a percepção espacial das pessoas durante seus percursos ao que Merleau-Ponty chama de “experiência do corpo próprio”. Estas categorias podem ser analisadas sob o ponto de vista de uma especificidade no caminhar que demanda certas competências motoras por parte da pessoa com mobilidade reduzida. O logo ali no espaço pode não ser tão próximo e demandar um tempo maior para deslocamento.

Com relação à postura recorreremos ao trabalho da Geografia Humanística e de Yi-Fu Tuan (1983: 40) que também relacionou as noções do corpo humano com o espaço, quando certas posturas corporais são extrapoladas para o meio circundante como algo que deve permitir o movimento. Entretanto, sua menção sobre a facilidade de o corpo humano se manter em uma posição ereta para agir e de espaços que se abrem de acordo com as estruturas do corpo, foram analisadas em outras situações ou as de uma pessoa com dificuldades na sua mobilidade, com competências motoras específicas e condições de percepção problemáticas situadas em um ambiente sensível e em relação com ele.

Assim, com todo o quadro teórico que foi aqui delineado, podemos dizer que as possibilidades deste corpo são condicionadas pelas características de seu ambiente sensível. Examinaremos agora o que este mesmo ambiente ofereceu para o percurso e movimento ou suas affordances, a identificação que as Pessoas com Deficiência conseguiram ter com os lugares que percorreram, sua orientação no espaço e sua experiência urbana. Estas são as categorias que serão analisadas.

28.1 - As Categorias de Análise

“Nossa etnografia começou pela busca de uma gramática. Ocupou-se em descobrir um sistema de categorias e relações entre categorias que deve existir em qualquer recorte do social simplesmente para que ele seja viável e plausível”.

IBAM, Carlos Nélon Ferreira dos Santos e Arno Vogel. Quando a Rua Vira Casa. 1981: 67.

Para entender a relação das Pessoas com Deficiência com a cidade e a forma como se locomovem por seus ambientes, foram delineadas as seguintes categorias de análise: *affordance*, identificação, orientação e experiência.

A locomoção depende de elementos que a pessoa consegue localizar no seu ambiente. O meio ambiente concreto oferece estas possibilidades ao agente. Assim, os percursos de uma pessoa com deficiência podem ou não ser limitados por características externas a ela própria e encontradas no espaço que ela tenta percorrer: as *affordances*. Tiramos a responsabilidade da pessoa pelo seu papel ativo na urbe e tratamos a deficiência como uma situação condicionada pelo ambiente.

Este é o pilar dos trabalhos desenvolvidos por Jean-Paul Thibaud, o que, para esta tese significa que o nosso sujeito está situado em um lugar que pode torná-lo deficiente.

Com base no conceito de *affordance*, pode-se considerar que os espaços percorridos e pesquisados não forneceram condições satisfatórias para a locomoção de Pessoas com Deficiência. Elas encontraram muitas barreiras de acessibilidade ou *affordances* que dificultaram seu caminhar e reforçaram sua deficiência.

Assim, as *affordances* dos ambientes forneceram para os percursos pesquisados o contexto das dificuldades comentadas. Para as pessoas cegas, os equipamentos como orelhões ou caixas de correio sem uma sinalização foram de difícil identificação. Elas não receberam *affordances* do meio.

As *affordances* dos ambientes são fatores essenciais para a percepção que as pessoas podem ter da cidade e revelam a eficácia do meio, favorecendo a experiência urbana. Entretanto, devido às dificuldades encontradas, nossos sujeitos não conseguiram agir e se locomover no meio o que comprova nossa hipótese de que as características físicas ou *affordances* de um ambiente influenciam nas competências motoras e na habilidade de lidar com o meio, condicionando ou reforçando a deficiência.

Se entendermos as *affordances* como algo que permite que as Pessoas com Deficiência tenham um controle adequado de suas ações, pode-se dizer que a inexistência, por exemplo, de rampas para a travessia de ruas acaba se transformando em uma deficiência do próprio ambiente.

Em geral, nos percursos pesquisados não foram fornecidas *affordances* através de sistemas perceptivos próprios daquele corpo, daquela postura e daquele ângulo de visão. A falta de interpretação e transformação dessas informações impediu seu uso dos lugares, suas ações e seu comportamento espacial ativo.

Entendemos que o ambiente sensível e a percepção envolvem dimensões intersensoriais óticas, táteis, visuais e cinestésicas no ato de experimentar a cidade, podendo ser também influenciado por outros processos internos que envolvem a cognição e as sensações.

O acionamento de esquemas e de memórias complementa a ação esperada e impulsiona o movimento. Estas lembranças informaram a possibilidade de movimento para o percurso da pessoa cega em Salvador. Para que esse processo de aprendizado ocorra e seja apreendido culturalmente, são necessárias as *affordances* para todos os sentidos que funcionam em conjunto na percepção da cidade.

Também na cidade de Salvador, nossos sujeitos cegos muitas vezes se guiaram por outros sentidos como sons de carros ou vozes nas calçadas para poderem caminhar. O percurso no bairro da Lapa, na Cidade do Rio de Janeiro, usou como referência o barulho de um gerador para saber que já tinha dado a volta no quarteirão e obter a informação de que estava chegando ao fim da sua caminhada. Jean-Paul Thibaud tem trabalhado com as diversas dimensões sensoriais do espaço a ponto de ter inspirado alguns trabalhos como o de Couic (1995) e esta pesquisa de Cohen (2006)³².

³² Marie-Christine Couic desenvolveu sua tese de doutorado sobre a dimensão intersensorial na representação do espaço urbano, sob a orientação de Jean-Paul Thibaud. Regina Cohen se utilizou amplamente das abordagens de Thibaud que também serviram como fundamentação teórica desta tese.

Esta questão da intersensorialidade na maneira de as pessoas perceberem e apreenderem a cidade mostra que, além das informações sonoras, os ambientes também possuem outras dimensões visuais, olfativas, cinestésicas e táteis que facilitam a orientação espacial deste corpo da Pessoa com Deficiência e sua locomoção.

Se orientar espacialmente significa conseguir se localizar na cidade e alcançar uma meta no espaço. Quando em Campo Grande o participante da pesquisa precisou constantemente desviar dos obstáculos, ele perdeu seu sentido de direção, ou de apontar para um determinado ponto no espaço e dirigir sua ação. O mesmo aconteceu na Tijuca e no Largo da Carioca ou com as pessoas cegas mencionadas.

A falta de marcos de referência para o movimento no espaço dificulta ainda mais a locomoção e a orientação destas pessoas. Estes pontos servem para guiar a ação e constituem-se nos sinais de uma “rota acessível”. Para Lynch (1997), cada detalhe é importante em uma cadeia de ações que geram os movimentos da pessoa, sua locomoção tranqüila, sua direção, sua relação com o ambiente e sua identificação com os lugares. As constantes mudanças de direção feitas durante os percursos por causa das barreiras prejudicaram a orientação espacial.

Nossos entrevistados cegos disseram perder completamente sua orientação em lugares muito amplos que os deixavam sem saber para onde estavam se direcionando ou orientando, sugerindo a utilização de pistas táteis como pontos de referência e instrumentos para a sua orientação.

Além de pistas táteis que orientam a locomoção de um cego, existe o fator cultural que faz parte da sociedade. Quando existem estas soluções, elas não costumam serem respeitadas pela população. Vimos que nas pistas táteis existentes havia o abuso do motorista público e particular que estacionava seu veículo nas calçadas, caracterizando o que podemos chamar de barreiras atitudinais.

A análise da relação da Pessoa com Deficiência com a sua cidade e a avaliação desta outra categoria comprovam a hipótese de que o meio acaba por influenciar na competência motora e na habilidade da pessoa, condicionando assim sua deficiência.

A Identificação com os lugares significa que as pessoas conseguem se apropriar dos espaços nos quais elas habitam e foi outra categoria de análise. O conceito foi trabalhado por Harold Proshansky (1978) como “*Place Identity*” ou “*Place Attachment*” e por Abraham Moles e Elisabeth Rohmer (1978) como “*Point Ici*”. Existem vários fatores contribuindo para que as pessoas consigam dar significado e importância a um ambiente e possuam sentimentos de afeto aos lugares – ambiente sensível.

Dentro da corrente fenomenológica da percepção de Merleau-Ponty (1996) e nos trabalhos com fundamentação etnometodológica desenvolvidos por Thibaud, existe uma relação entre a espacialidade do corpo e a motricidade. A noção de “experiência do corpo próprio” desenvolvida por Merleau-Ponty significa uma consciência de possibilidade de mobilidade do corpo.

Para se mover o corpo precisa desta consciência. Quando, apesar das dificuldades, barreiras ou affordances colocadas pelo ambiente no qual o corpo encontra seus próprios limites, mesmo assim, ele consegue se identificar com este lugar, lhe dar valor e diferenciá-lo de outros como possibilidade de ação, ele pode apropriar-se dele, criando laços afetivos e de identificação.

A noção de identidade aos lugares também é trabalhada por Lynch como a existência de elementos que podem ser reconhecidos pelas pessoas. Partindo desta ideia, este foi um item incluído no roteiro da entrevista realizada após o percurso comentado:

“Quais **elementos do percurso** você considera mais distintivos em termos de facilitar ou dificultar seu deslocamento? Descreva um pouco estes elementos”.

Não foi fácil eleger os pontos mais marcantes. As Pessoas com Deficiência, em geral, apontaram todas as barreiras que encontraram, mas não existiram muitas referências

positivas ou objetos destacados da paisagem que lhes forneceram uma boa imagem do seu percurso, do seu bairro ou da sua cidade.

No percurso no Bairro da Lapa, na Cidade do Rio de Janeiro o participante com a perna amputada ficou bastante preocupado com um carro saindo de uma das muitas garagens ali existentes que quase atropelou seu amigo cego. Este foi o elemento do percurso apontado como marcante. Na Tijuca, foi apontado como fato mais marcante a difícil utilização do Metrô da Praça Saens Peña. A falta de transporte adaptado e de marcos de referência foi muito comentada.

Para que a identificação de uma pessoa com o ambiente ocorra, o ambiente precisa ser dotado de certas características físicas.

Para as Pessoas com Deficiência, os conflitos se revelaram na forma como a cidade foi vivida e nos sentimentos despertados ao percorrerem um determinado espaço. O estresse surgiu devido às características do percurso que demandaram uma maior resposta adaptativa para a pessoa que se locomovia com muletas. Estas respostas e demandas estressantes fazem parte do meio ambiente. Desta forma, podemos mais uma vez ver o ambiente emergindo como fator importante na influência e no condicionamento da deficiência.

Alguns sentimentos como a falta de prazer de curtir um determinado lugar, o medo, a angústia, a insegurança, a frustração ou o constrangimento, foram o que as Pessoas com Deficiência perceberam. As barreiras foram mais importantes para orientar suas ações que as próprias características do meio. Elas responderam aos espaços percebidos, objetivos e reais ao percorrer.

Esta percepção constituiu-se em uma distorção da própria realidade objetiva e espacial. Em alguns percursos a pessoa não conseguia apreciar a paisagem devido à sua postura, ao seu ângulo de visão ou aos muitos obstáculos.

A identificação com os lugares envolve a apropriação com algum significado para a experiência e faz parte de um conjunto de atividades, fenômenos e eventos que o

meio possibilita. É este espaço percebido e vivido de maneira positiva que cria todas as percepções, afetos, discursos e percursos possíveis.

Pôde-se então perceber como as características do meio ambiente influenciaram na locomoção da corpo de uma pessoa com deficiência que se introduz nos espaços através de todos os obstáculos encontrados. Uma cidade vivida pela angústia, pela insegurança e pelo medo, não pode fornecer este sentido de pertencimento e apropriação de seus espaços.

A análise das categorias e as determinações encontradas na cidade confirmam nossa hipótese de que a cidade e suas *affordances* são os fatores que realmente influenciam nas competências motoras e na habilidade de lidar com o meio, reforçando a deficiência de certas pessoas. Se este corpo não consegue habitar um ambiente por causa de suas *affordances* e porque não consegue se locomover, ele não poderá se orientar espacialmente e se identificar. O ambiente urbano será, ele próprio deficiente por não fornecer as situações necessárias da motricidade e da mobilidade urbana da Pessoa com Deficiência.

29. CIDADES POSSÍVEIS

“Muitas vezes indago a mim mesmo por que determinadas cidades conseguem fazer transformações importantes e positivas. Encontro inúmeras e variadas respostas, mas uma delas me parece comum a todas estas cidades inovadoras: porque nelas se iniciou um começo, um despertar. É o que faz uma cidade reagir”.

Jaime Lerner. *Acupuntura Urbana*. 2005:7,8.

Uma das indagações desta tese é sobre a influência do meio nas competências motoras das pessoas. O fato de muitas Pessoas com Deficiência do Brasil não conseguirem ter uma experiência urbana porque não conseguem viver e perceber sua cidade tem relação com a busca da cidade possível. Existem vários caminhos para esta resposta, mas estamos considerando aqui os percursos comentados nas cidades pesquisadas.

A cidade de Juiz de Fora passou por um “despertar” (Lerner). Houve uma campanha que contou com o apoio do Governo Federal, através da Coordenadoria Nacional para Integração das Pessoas Portadoras de Deficiência (CORDE) e da Prefeitura Municipal que buscou conscientizar a sociedade sobre a realidade destas pessoas dentro do contexto mais amplo do desenho universal. Foram produzidos materiais de fácil entendimento como cartazes, adesivos e histórias em quadrinhos amplamente divulgados por toda a cidade³³.

No aspecto legal, segundo Ramon Silva de Carvalho³⁴, houve uma forte reação e a tentativa frustrada por parte de alguns setores ligados à construção para a derrubada de alguns itens da Lei de Acessibilidade que foi criada. Mesmo assim, a lei foi aprovada em março de 2003.

Apesar do empenho por amplas mudanças, não houve muitos resultados práticos, e Ramon considera que além de alguns rebaixamentos ou rampas de travessia realizados em algumas partes da área central da cidade, talvez fosse necessário “uma maior capacitação da área técnica”. Pode-se dizer mesmo assim que as medidas adotadas contribuíram para despertar a curiosidade e a conscientização da população. Entretanto, as iniciativas em Juiz de Fora não correspondem com a realidade. A análise dos percursos feitos e dos discursos mostrou uma grande insatisfação ainda existente do usuário.

³³ Para um contexto mais amplo da Campanha “Juiz de Fora para Todos” e elaboração do Plano Estratégico da Cidade que inclui as questões da acessibilidade, contamos com o depoimento de Ramon Silva de Carvalho, que é arquiteto e foi membro no Grupo de Impulsão Acessibilidade Para Todos do Plano Estratégico de Juiz de Fora (2000-2002). Valéria de Andrade que participa ativamente do movimento de Pessoas com Deficiência também deu alguns esclarecimentos, tendo participado da pesquisa em uma fase posterior e que foi realizada ano passado. A pesquisadora e autora desta tese, juntamente com a arquiteta e professora titular da UFRJ Cristiane Rose Duarte, ambas coordenadoras do Núcleo Pró-Acesso da UFRJ, foram convidadas para algumas palestras e puderam participar de alguns momentos importantes desta campanha realizada em Juiz de Fora.

³⁴ O arquiteto Ramon deu este depoimento informal para autora desta tese, tendo enviado posteriormente suas considerações sobre a acessibilidade na Cidade de Juiz de Fora, pela Internet.

O caso do planejamento de Brasília é bastante diverso, seguindo os preceitos modernistas bastante difundidos por Le Corbusier e pela Carta de Atenas que propalava a morte das ruas para acabar com o caos.

“Contra a confusão, a mistura e a falta de racionalidade seria preciso garantir espaços cuidadosamente separados para morar, circular, divertir-se, trabalhar – as necessidades básicas que a cidade da Carta de Atenas deveria satisfazer”.

José Guilherme Magnani. A Rua: Símbolo e Suporte da Experiência Urbana. Muitas ações se dão nas ruas, elas permitem encontro e troca. Se bem relacionadas com o espaço construído, lhe servem de complementação indispensável. Certos fatores como o próprio sentido de pertinência e de identificação com um lugar, dependem muito das possibilidades de uso da rua. Podemos também considerar como indispensável a possibilidade de uso das calçadas.

As críticas mostram que hoje Brasília é uma cidade sem esquinas e que sua utopia carece de interseções viárias, levando tanto pedestres quanto motoristas a precisarem reaprender os códigos da locomoção urbana. Então constatamos um dos traços mais distintivos e radicais da modernidade da capital do Brasil: a ausência das ruas.

O resgate da rua representa a inter-relação entre os domínios privado e público da vida social, dando forma ao mesmo tempo a este tipo específico de lugar e a este contraste. Se para Roberto da Matta (1991), "na rua está o transitório, o ambíguo, o excitante e o perigoso e na casa o estável, a certeza da própria identidade", a rua com tudo que oferece de troca e mistura, surge como elemento fundamental para entendimento da vida urbana.

Acreditamos que o "velho" modo de planejamento das cidades, tornou-se língua morta. Uma série de acontecimentos sociais fez com que seu sentido se perdesse em benefício de antigas estruturas de proximidade, de diferenças, de ruas e de praças. O espaço de Brasília reclama um espaço novo; sua utopia hoje é uma língua morta. O modernismo em versão brasileira gerou uma quantidade incalculável de problemas para as cidades. Centros urbanos, cidades modernas e capitais federais são, em si

mesmas, fontes abertas e inesgotáveis de idéias que saltam de seu simbolismo escancarado e são todos os dias decodificadas, absorvidas e reelaboradas nas ruas, nas praças, nos meios de transporte, nos locais de trabalho, em todo canto.

Estas questões buscam o entendimento dos percursos possíveis de Pessoas com Deficiência. Um fator importantíssimo são “as ruas” por onde circulam pessoas e produzem-se efeitos estéticos e sociais que ocorrem em qualquer lugar onde haja gente. Mas, pensa-se nas pessoas como se fossem monstros mecânicos ou “homens-máquina” (Novaes, 2003) com corpo esbelto e influenciando o planejamento de cidades bem à maneira de Le Corbusier e como visto em Brasília.

Os seus planos objetivavam a morte das ruas para melhorar a circulação de carros. Nossas metas são outras: menos poluição, mais conforto, mais segurança, mais equidade social e uma maior sustentabilidade para garantir o futuro de nossas gerações (Gro Bundtland). Afinal, a grande conclusão que podemos tirar é de que a verdadeira experiência urbana está nas ruas.

Salvador, por sua vez, é uma cidade que tem estado em evidência na mídia pela busca de um melhor planejamento da acessibilidade. Desde 1999, as entidades têm se articulado e se mobilizado. Neste mesmo ano aconteceu o primeiro “Seminário de Acessibilidade de Salvador” quando criou-se a Comissão Civil de Acessibilidade de Salvador (COCAS) que começou a discutir com mais intensidade a garantia de locomoção e o movimento de Pessoas com Deficiência pelas ruas.

Começaram a acontecer articulações, denúncias e mudanças na cidade. A Prefeitura passou a ser cobrada, mas nunca houve uma política municipal mais ampla, apenas a atuação de algumas secretarias isoladamente. As pessoas de Salvador que participaram da pesquisa dizem que a COCAS ajudou na articulação pela garantia de espaços.

Entretanto, não existe ainda uma compreensão real de como a cidade realmente deve estar preparada e concebida para acolher o deficiente. O movimento está brigando,

pressionando, denunciando, mas com pouco retorno nas ações. Salvador continua não sendo uma cidade possível para o movimento deste corpo.

No Rio de Janeiro, aconteceram algumas mudanças a partir de 1991 com o Projeto Rio Orla e uma grande manifestação em um de seus maiores cartões postais: a Praia de Copacabana. O projeto que já estava adiantado foi reformulado e causou prejuízos para a Prefeitura, o que serviu para despertar o interesse nos profissionais.

Em um segundo momento, no Projeto Rio Cidade em 1994, muitas soluções começaram a ser testadas e utilizadas nos eixos comerciais dos bairros. Houve a preocupação com o acesso para pessoas com alguma deficiência, incluindo os cegos, o que representou uma mudança já que antes só se falava de pessoas em cadeira de rodas.

Após estas experiências e mudanças, tem havido uma maior preocupação e conscientização dos técnicos municipais, e a previsão de rampas nos projetos de reformulação de praças e outras obras urbanas.

Às vezes, o discurso transforma-se em decisões e ações concretas. O prefeito do Rio de Janeiro, por exemplo, sancionou em 2004 dois decretos estabelecendo prazos para tornar toda cidade acessível para os Jogos Pan-Americanos de 2007.

As Pessoas com Deficiência que fizeram os percursos comentados em alguns bairros da cidade encontraram muitas barreiras físicas e possuíram sentimentos negativos que fazem com que a cidade onde vivem e percebem seja fragmentada por não permitir seus itinerários urbanos. Para estas pessoas, o discurso está muito distante da sua realidade. Outras pessoas declararam seu amor pela cidade, dizendo que não a trocam por nenhuma outra.

A pessoa que fez o percurso comentado em Brasília, disse que em Altinópolis onde seus pais vivem, a acessibilidade é muito boa. A cidade fica no interior de São Paulo, próxima de Ribeirão Preto, em uma área com um padrão de vida muito elevado e apenas alguns casos de pessoas deficientes. Mesmo assim, a Prefeitura sem que

houvesse uma obrigação ou uma imposição, se sentiu mobilizada e a cidade está preparada e acessível.

Para o casal com deficiência morador de Ipanema, a melhor cidade em termos de acesso é Nova Iorque onde estiveram duas vezes. Eles conseguiam ir a todos os lugares sem a preocupação de saber antes se conseguiriam chegar ou entrar porque existe uma preocupação maior. Não vêem nenhuma outra cidade com este mesmo nível de adaptação.

O mesmo depoimento foi dado pela pessoa que fez o percurso na Tijuca, que também passou alguns dias em uma cidade americana e não teve problemas de locomoção. Ela conseguia se locomover sozinha em sua cadeira de rodas e ter acesso a todos os locais de lazer e compras, o que nunca fez em nenhum bairro do Rio de Janeiro ou outras cidades brasileiras. As cidades americanas, segundo ela, possuem melhor infra-estrutura, são mais acessíveis e estão mais preparadas.

A experiência americana, segundo Guimarães, talvez sirva para ilustrar como o processo desenvolveu-se em sociedades de tecnologia avançada, onde houve uma maior mobilização de grupos sociais interessados. Houve também maior pressão social para o surgimento de legislações e iniciativas visando à implementação de reformas e mudanças ambientais.

As reivindicações das pessoas com deficiência e o movimento de vida independente teve início em Berkeley, na Califórnia, onde também aconteceram muitos movimentos de vanguarda, experimentações e rupturas de grupos excluídos. Buscando o fim do paternalismo e de medidas assistencialistas de atendimento às suas necessidades, foi também nesta cidade que teve início o movimento de melhoria da acessibilidade.

Já que a cidade é, por excelência, o objeto de estudo da experiência ambiental urbana, a pesquisa da percepção em movimento de pessoas com deficiência poderia ter verificado a acessibilidade e o planejamento de cidades como Berkeley e outras, fazendo um estudo comparativo. Entretanto, este não foi o objetivo desta tese.

Estudamos e investigamos a relação das Pessoas com Deficiência com as cidades que habitam, a maneira como se locomovem e a realidade de algumas cidades brasileiras. Não pretendemos demonstrar o quadro de todo esse imenso país que é o Brasil. Talvez existam cidades onde as condições do caminhar, perceber e descrever encontrem solos mais férteis, o que deixamos apontados para os desdobramentos futuros desta tese.

CONCLUSÕES

“Não tem nome nem lugar. Repito a razão pela qual quis descrevê-la: das inúmeras cidades imagináveis, devem-se excluir aquelas em que os elementos se juntam sem um fio condutor, sem um código interno, uma perspectiva, um discurso. É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, o medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa”.

Italo Calvino. As Cidades Invisíveis. 1993: 44.

É preciso bastante inspiração para chegar a este momento de uma tese de doutorado! Principalmente quando precisamos verbalizar sensações e sentimentos que são mais difíceis de teorizar.

Fiz meu percurso urbano e acadêmico. Estruturei minhas idéias, minha problemática, as questões centrais com meu objeto de estudo que no decorrer do processo acabou se transformando na relação entre a Pessoa com Deficiência e seu ambiente sensível. Seu corpo nem sempre conseguia chegar no seu objetivo, ela encontrava muitas barreiras, mas sempre buscava se superar, na sua motricidade, na meta que desejava alcançar nesta mobilidade reduzida, nos limites que este corpo lhe impunha para caminhar e se identificar com o seu lugar na cidade.

Penso ter inovado e mostrado a novidade e a verdadeira dificuldade deste corpo, que na verdade não pertence apenas a ele. Trabalhando com as noções de deficiência e de ambiente segundo um outro ponto de vista me levou a refletir, levantar a hipótese e afirmar que a deficiência existe na verdade em função de duas circunstâncias repensadas à luz de meus próprios resultados e trabalhos nesta área. Em primeiro lugar está a idéia de que inexistia uma adequação entre as características apresentadas pelo meio e a demanda destas pessoas. A segunda situação diz respeito às dificuldades que a pessoa com deficiência encontra para se mover, se deslocar e se apropriar do lugar. Algumas destas dificuldades podem dizer respeito à própria pessoa, mas cabe também questionar que características os ambientes oferecem para que a pessoa perceba a cidade. Como os ambientes são configurados para atender a estas necessidades?

E comprovei minha hipótese! As competências motoras e a habilidade de lidar com o meio foram condicionadas pelas características físicas dos ambientes pesquisados e, mais do que as dificuldades dos corpos, foi a deficiência do ambiente que tornou-se evidente.

Saliento este aspecto para mostrar como o tratamento da deficiência tem se restringido ao que a pessoa perdeu na sua habilidade ainda sendo abordada em termos de desajustes com relação ao meio. Minha mudança consistiu em investigar o contexto ambiental e social. Às vezes, em “situações de percepção problemática”, podem existir barreiras que atrapalhem este processo, fazendo com que a mobilidade esteja comprometida, o corpo tenha dificuldades para se deslocar e se situar e a identificação seja prejudicada. Nestes casos, os ambientes não podem ser experimentados subjetivamente por estas pessoas e o local pode deixar de lhes transmitir significados e sentimentos de prazer, ou seja, não se transforma em lugar.

Como arquiteta, reconheço a importância do meio como propulsor de um comportamento atuante o que profissionalmente significa também novos paradigmas. Não preciso mais me perguntar sobre as deficiências que pesquisei, mas sobre o esforço físico, sobre o cansaço e sobre o envolvimento emocional desta pessoa e, sobretudo sobre o que a cidade lhe proporciona.

O ambiente emerge com toda força como propulsor de situações que fazem ou não da pessoa com mobilidade reduzida alguém mais ativo, mais feliz e incluído social e espacialmente. Minha reflexão nesta pesquisa foi de encontro com esta tendência ao também questionar a idéia de *affordances* para a ação de Gibson e as clássicas definições de acessibilidade. Os ambientes possuem informações que tanto podem ser recursos ou obstáculos para o movimento das pessoas. Esta contextualização confere sentido a eles que agora estão no centro do debate com informações em função das pessoas que percebem, agem e ocupam uma posição no espaço.

O diálogo que busquei estabelecer entre os autores mencionados também oferece novas perspectivas que, por mais conflitantes que possam parecer, me deram a possibilidade de pensar nesta dimensão intersensorial do ambiente urbano e na mobilidade das pessoas por nossas cidades. Certamente as abordagens da etnometodologia e, em especial, de Jean-Paul Thibaud, inauguram um novo pensar

sobre a prática da cidade. Centradas na ação, introduzem também a noção de ambiente sensível e dos afetos que esta pessoa que pesquisei demonstra ter pelo seu universo urbano, apesar das dificuldades.

Assim, a forma como tenho trabalhado a acessibilidade, evoluiu favoravelmente para ser pensada em termos de ação e a noção de deficiência pode ser reconstruída juntamente com uma mudança das situações urbanas que a pessoa encontra. Minhas considerações sobre o corpo, a percepção e o ambiente situados, podem fazer entender como os ambientes sensíveis se transformam em lugares, fazendo com que as pessoas possam se deslocar e se identificar com eles.

Colocando a deficiência como resultado do meio eu também passo a pensar nos resultados que encontrei em minha pesquisa de campo. Os percursos e ações possíveis das Pessoas com Deficiência também se inserem na perspectiva de seus ambientes sensíveis e sua percepção oferecerá uma experiência tão satisfatória, variada e articulada possível quanto forem as articulações entre a sua motricidade com a sua mobilidade e com as respostas que o meio lhe oferece para perceber o ambiente urbano no qual desejam agir.

Apesar de todas as dificuldades encontradas, foi bem interessante ver a satisfação pelo envolvimento no meu trabalho e o mergulho que os voluntários participantes dessa pesquisa fizeram nas sensações de afeto pela sua ambiência. O prazer de olhar as vitrines, a vontade de estar nos locais, a apreciação do visual alegre de uma rua, o acolhimento proporcionado pela sua cidade, estas foram as mais gratificantes respostas ao meu projeto. Mesmo assim, não posso deixar de registrar a minha tristeza e preocupação nas muitas situações em que o ambiente não apoiou ou sustentou a presença dessas pessoas.

Foi necessário assim me tornar cúmplice deste ser e deste sujeito da tese, percebendo, vivendo, me implicando e investigando com eles na minha própria

situação de pessoa com deficiência física em cadeira de rodas. Passei então a questionar minha própria experiência e também fiz meus itinerários pela cidade.

Assim, esta perspectiva inaugura uma nova etapa e me faz redirecionar meus estudos sobre as questões da deficiência e da acessibilidade, passando também a vê-las como um resultado das ações que sou capaz de realizar, como pesquisadora, deficiente e cidadã, nas cidades que pesquisei e pelas quais tenho passado ultimamente. Os ambientes que encontro realmente despertam sentimentos variados, mas para entendê-los e percebê-los desta maneira foi necessário tratá-lo de outra forma, segundo este outro ponto de vista do ambiente sensível. Como mostrei em minha metodologia, foram tiradas muitas fotos e a experiência foi documentada através de vídeos. Optei por não mostrá-las no capítulo da descrição que os participantes fizeram de seus percursos porque nenhuma imagem será capaz de descrever seus sentimentos, suas emoções e o meu afeto por todas as pessoas e todos os ambientes que comigo participaram deste momento mágico.

BIBLIOGRAFIA

- ABNT. **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. NBR 9050/2004.
- ALEXANDER, Christopher. **A City is not a Tree**. In www.rudi.net/bookshelf/classics/city/Alexander.
- AMARAL, Lígia A. **Conhecendo a deficiência: em companhia de Hércules**. São Paulo: Robe, 1995.
- _____. **Resgatando o Passado: Deficiência como Figura e Vida como Fundo**. 1987. (Dissertação de Mestrado em Psicologia Social).
- AMARAL, Rita; COELHO, Antônio Carlos. **Nem Santos nem Demônios: considerações sobre a imagem social e a auto-imagem das pessoas ditas "deficientes"**.
<http://www.aquaforte.com/antropologia/deficientes.html,2002>.
- ANDRADE, Antônio Luiz M. **A Cidade na Viagem do Olhar**. In <http://www.notivaga.com/mpa.asp?autor=Almandrade>
- ARAGALL, Francesc. <http://www.accesible.com.ar/recursos/opinion/entrevista-a-francesc-aragall/>. **Entrevista a Francesc Aragall**. Abril 22, 2005. Acesso em 1julho2005.
- ARANTES, Antonio A (Org.). **O Espaço da Diferença**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- ARAÚJO, Doralice. **Fotografia e Pesquisa Participativa** In <http://www.eicos.psycho.ufrj.br>.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. [Trad. Píer Luigi Cabra]. São Paulo: Martins Fontes, 1993. – (Col. a).
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 9050**: 2004.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. [Trad. Maria Lucia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 1994. – (Coleção Travessia do Século).
- AUGOYARD, Jean-François. **Mise en pièces du citadin**. In Jean-Paul Thibaud [Org.]. **Regards en Action : Ethnométhodologie des Espaces Publics**. 2001.
- AUMONT, Jacques. **A Imagem**. [tradução Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro]. Campinas, SP: Papyrus, 1993. (Coleção Ofício de Arte e Forma)
- ÁVILA NETO, Maria Inácia d'. **O autoritarismo e a mulher: o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Artes & Contos, 1994.
- _____. **Identidade da Psicologia Social Latino - Americana**. In Campos, Regina Helena de Freitas; GUARESCHI, Pedrinho. [Orgs.] **Paradigmas em**

- Psicologia Social: A perspectiva Latino - Americana.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ÁVILA NETO, Maria Inácia d' (Org.). **A Negação da Deficiência: A instituição da diversidade.** Rio de Janeiro : Achiamé/Socius, 1984. – (Coleção Milton Santos; 2).
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço.** In Coleção Os Pensadores. Vol. XXXVIII. São Paulo: Editor Victor Civita, 1974.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático.** [Trad. Pedrinho A. Guareschi]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BAUER, Martin W.; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Entrevista Narrativa.** In BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático.** [Trad. Pedrinho A. Guareschi]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BAVCAR, Evgen. **O corpo, espelho partido da história.** In NOVAES, Adauto (Org.). **O Homem-Máquina: a ciência manipula o corpo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BEAUD, Michel; **Arte da Tese.** [trad. Glória de Carvalho Lins]. 3ª Ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, 176p.
- BENJAMIN CONSTANT/ Instituto Benjamin Constant/MEC. Centro de Pesquisa, Documentação e Informação – Ano 10, Número 28. Rio de Janeiro: IBCENTRO, 2004.
- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas – **Volume III: Charles Baudelaire – um lírico no Auge do Capitalismo.** [Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- _____. O Narrador. In Coleção Os Pensadores. Vol XLVIII. São Paulo, 1975.
- BERMAN. Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** [Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioiatti]. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** [Trad. Floriano de Souza Fernandes]. Petrópolis: Vozes, 2002
- BINS ELY, Vera Helena Moro. **Orientar-se no espaço: condição indispensável para a acessibilidade.** In: Anais do Seminário Acessibilidade no Cotidiano [CDrom]. Rio de Janeiro: Núcleo Pro-acesso/UFRJ, 2004.

- BITTENCOURT, L. A - **Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica.** 1998 *apud* ARAÚJO, Doralice. Fotografia e Pesquisa Participativa <http://www.eicos.psycho.ufrj.br>.
- BLANCHET, Alain. **A Entrevista, à Interface do Psicológico e do Social.** [Trad. Livre de Camila Donrola e Jacyara Nasciutti]. L'entretien à l'interface du psychologie et du social. In Bulletin de Psychologie. Tome XXXVI, No. 360, 1983.
- BOARETO, Renato. **O Programa Brasileiro de Acessibilidade Urbana do Ministério das Cidades – Programa Brasil Acessível.** In Anais do XV Congresso da ANTP - Associação Nacional de Transporte Público. Goiânia, agosto de 2005.
- BRANDÃO, Carlos Antonio Leite. **O Corpo do Renascimento.** In NOVAES, Adauto (Org.). **O Homem-Máquina: a ciência manipula o corpo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis.** [Trad. Diogo Mainardi]. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMBIAGHI, Silvana. Depoimento em **Acessibilidade em São Paulo: muito a ser feito.** In http://www.amputadosvencedores.com.br/acessibilidade_sp.htm acessado em 18/04/2006.
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas; GUARESCHI, Pedrinho. [Orgs.] **Paradigmas em Psicologia Social: A perspectiva Latino - Americana.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana.** [Trad. Cecília Prada]. São Paulo: Studio Nobel, 2004, - (Coleção cidade aberta).
- CARTA DE ATENAS. Assembléia do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, 1933. In www.rc.unesp.br/igce/planejamento.
- CARVALHO, Maria Amelia de. **Percepção Somática.** In Cognitio/Estudos: Revista Eletrônica de Filosofia. Centro de Estudos do Pragmatismo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Número 1, 2004.
- CASSIRER, Ernst. **A Filosofia das Formas Simbólicas.** [Trad. Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana.** [Trad. Arlene Caetano]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. (Coleção Pensamento Crítico; v. 48).

- _____. **Problemas de Investigação em Sociologia Urbana.** [Trad. Lemos de Azevedo]. Lisboa: Editorial Presença, 1984.
- CAUVIN, Colette. 1984 a, **Etude des configurations cognitives intra-urbaines. Aspects méthodologiques.** Thèse de doctorat d'Etat, vol. I, Strasbourg, 303 p.
- _____. 1984 b, **La perception des distances en milieu intra-urbain : une première approche.** Editions du CDSH (CNRS), Synthèse et documentation, 284 p.
- _____. **Propositions pour une Approche de la Cognition Spatiale Intra-Urbaine.** In CYBERGEO No.72, 27 janeiro 1999.
- CAUVIN C., REYMOND H., 1984, **Connaissance de Strasbourg : déplacements urbains et cognition spatiale.** *Recherches Géographiques à Strasbourg*, n° spécial 25/26, pp. 109-128.
- CEMIN, Arneide. **A Escola Sociológica Francesa e suas presenças nas teorias do imaginário.** Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário – UNIR.
- CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: a arte de fazer.** [Trad. Ephraim Ferreira Alves]. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHOAY, Françoise; MERLIN, Pierre. **Dictionaire de L'Urbanisme e de L'Aménagement.** Paris : Presses Universitaire de France, 1996.
- COHEN, Regina. **Acessibilidade, Identidade e Vida Cotidiana Urbana de Pessoas com Dificuldade de Locomoção: o caso do Projeto Rio-Cidade.** Dissertação de Mestrado – PROURB/FAU/UFRJ, 1999.
- _____. **Estratégias para a Promoção dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência.** In GUIMARÃES, Samuel Pinheiro; PINHEIRO, Paulo Sérgio (Org.). **Direitos Humanos no Século XXI.** Brasília: IPRI/Fundação Alexandre Gusmão, 1998.
- _____. **A Palavra de Regina Cohen.** In. **Manual Direitos Humanos no Cotidiano.** Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Direitos Humanos, Universidade de São Paulo (USP) e UNESCO, 1998. (depoimento sobre o Artigo XIII (direito à locomoção) da “Declaração Universal dos Direitos Humanos”)
- _____ & DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira. **Segregação e Exclusão Socio-Espacial: a questão dos portadores de deficiência física.** In. Anais do VI Encontro Nacional da ANPUR, Brasília, 1995.

- _____. **Afeto e Lugar: a construção de uma experiência afetiva por Pessoas com Dificuldade de Locomoção.** In Anais do Seminário de Acessibilidade no Cotidiano. Rio de Janeiro: Núcleo Pró-Acesso/UFRJ, 2004.
- COUIC, Marie-Christine. **La dimension intersensorielle dans la représentation de l'espace urbain.** In Rencontre des doctorants des écoles d'architecture du sud de la France. Laboratoire GAMSAU : école d'Architecture de Marseille Luminy, 1995.
- COULON, Alain. **A Escola de Chicago.** [Trad. Tomás R. Bueno]. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- CROCHIK, José Leon. **Preconceito, Indivíduo e Cultura.** São Paulo : Robe Editorial, 1997, Segunda edição.
- CUNHA, Marlíria Flávia Coelho da. **A Expressão Corporal e o Deficiente Visual.** In Benjamin Constant/ Instituto Benjamin Constant/MEC. Centro de Pesquisa, Documentação e Informação – Ano 10, Número28. Rio de Janeiro: IBCENTRO, 2004.
- DA MATTA, Roberto. **A Casa & a Rua : espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** Rio de Janeiro : Ed. Guanabara Koogan, 1991.
- DANIILIDIS K., 1988, **Une approche des espaces cognitifs piétonniers : un exemple à Strasbourg.** Thèse de doctorat, Université Louis Pasteur, Strasbourg, 350 p.
- Decreto Federal 5296,** dezembro de 2004.
- DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (Org.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira.** São Paulo: Studio Nobel, Editora da UFSCar, 1996.
- DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose & RHEINGANTZ, Paulo Afonso. (Orgs.) **Projeto do Lugar: colaborações entre psicologia, arquitetura e urbanismo.** Rio de Janeiro: Contracapa Livraria Ltda, 2002.
- D'ÁVILA NETO. Maria Inácia (Org.). **A Negação da Deficiência: a instituição da Diversidade.** Rio de Janeiro: Achiamé/Socius, 1984. (Coleção Milton Santos @).
- _____. **O Autoritarismo e a Mulher: o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil.** Rio de Janeiro: Artes & Contos, 1994.
- Dicionário de Ciências Sociais.** Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação; Benedito Silva, coordenação geral; Antonio Garcia de Miranda Netto. et al. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.
- DISCHINGER, Marta; ELY, Vera Helena Moro Bins & MACHADO, Rosângela. **Desenvolvimento Universal nas Escolas: Acessibilidade na Rede Municipal de**

- Ensino de Florianópolis.** Prefeitura Municipal de Florianópolis e Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: Elbert – Gráfica Editora, 2004.
- DUARTE, Cristiane Rose S. e COHEN, Regina. **Estratégias para a Inclusão de Pessoas Portadoras de Deficiência nos Espaços de Ensino e Pesquisa.** Relatório de Pesquisa Cientistas do Nosso Estado, FAPERJ, 2004.
- _____. **Arquitetura e Desenho Urbano Inclusivos: Estratégias para a Inclusão de Pessoas com Deficiências nos Espaços Públicos.** Relatório de Pesquisa CNPq, 2005.
- _____. **O Ensino da Arquitetura Inclusiva como Ferramenta para a Melhoria da Qualidade de Vida para Todos.** In: Marques, S. e Lara, F. **Projetar: Desafios e Conquistas da Pesquisa e do Ensino de Projeto.** Rio de Janeiro: Editora Virtual Científica, 2003. pp-159-172
- _____. **People with Mobility Difficulty and the Space Experience in the Cities.** In: IAPS's 2002 Conference Proceedings. A Coruña, Spain, 2002
- _____. **Metodologia para avaliação de acessibilidade em escolas de ensino fundamental.** Relatório de Pesquisa enviado à Faperj. 80p. Núcleo Pro-acesso/UFRJ. Rio de Janeiro, 2004 (a)
- _____. **Acessibilidade aos Espaços de Ensino e Pesquisa: Desenho Universal na UFRJ - Possível ou Utopico?.** In: Anais do NUTAU 2004, São Paulo. NUTAU/USP, 2004 (b)
- _____. **Pesquisa e Projeto de Espaços Públicos, Rebatimentos e Possibilidades de Inclusão da Diversidade Física no Planejamento das Cidades.** In: Anais do Projetar 2005 – II Seminário sobre ensino e pesquisa em projeto de arquitetura. PROARQ/FAU/UFRJ. Rio de Janeiro, 2005
- DUARTE, Cristiane Rose S. e ANDRADE, Luciana. **A Arquitetura como agente de construção da cidadania.** In: Seminário Internacional de Desenvolvimento social: Desafios e Estratégias, UNESCO/UFRJ - EICOS. Rio de Janeiro: 1994. Caderno de Resumos.
- DURAND, Gilbert. **O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem.** [trad. Renée Eve Lévié. – 2a. Ed. – Rio de Janeiro : DIFEL, 2001.
- DUVIGNAUD, Jean. **Lieux et Non Lieu.** Paris : Éditions Galilée, 1977.
- EAGLETON, Terry. **A Ideologia da Estética.** [Trad. Mauro Sá Rego Costa]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- ETHINGTON, Philip J. **The Intellectual Construction of “Social Distance”: Toward a Recovery of Georg Simmel’s Social Geometry.** CYBERGEO 1997. No. 30, 16

- septembre 1997. In Annual meeting of the Social Science History Association, Chicago 18 November 1995.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. [Coord. da Trad. Izabel Magalhães]. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FEATHERSTONE, Mike. **O Flâneur, a Cidade e a Vida Pública Virtual**. In ARANTES, Antonio A (Org.). *O espaço da Diferença*. Campinas, SP: Papius, 2000.
- FEDIDA, Pierre. **A Negação da Deficiência**. In ÁVILA NETO, Maria Inácia d' (Org.). **A Negação da Deficiência: A instituição da diversidade**. Rio de Janeiro: Achiamé/Socius, 1984. – (Coleção Milton Santos; 2) .
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. (2ª. Ed.). Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Júlio R. **Produção científica em educação especial**. *Temas em Educação Especial*, São Carlos, vol. 1, 1990. pp.97-99.
- FISCHER, G.N. **Psicologia Social do Ambiente**. Instituto Piaget – Sociedade Industrial Gráfica Ltda. Lisboa: 1994.
- FISCHER, Claude S. **The Urban Experience**. Boston: Bela Kalman, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. [Trad. Raquel Ramalhete]. Petrópolis, Vozes, 1987.
- FROSSARD, Isabelle. **Représentation Sociale de l'Espace Urbain**. In _____. *Pour le Compte de l'Association Internationale de Micropsychologie*. Paris: édition Victor Schwab, 1998.
- FUNDAÇÃO PREFEITO FARIA LIMA – CEPAM. **Município acessível ao cidadão**, coordenado por Adriana Romeiro de Almeida Prado. São Paulo, 2001.
- GIBSON, James J. **The Ecological Approach to Visual Perception**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers, Inc., 1986. (Originalmente publicado em 1979).
- GIRARDET, Herbert. **Cities: New directions for sustainable urban living**. London: Gaia Books Limited, 1992.
- GLEESON, Brendam. **Justice and the Disabling City**. In: JACOBS, Jane H. e FINCHR, Ruth (Org.). **Cities of Difference**. New York: the Guilford Press, 1998.
- GODOY, Paula. **O Corpo, a Potência e os Afetos segundo Spinoza**. In *Jornal Existencial On Line*. Sociedade de Análise Existencial e Psicomaiêutica. Edição Especial. Caderno Filosofia.

- GORELIK, Adrián. **Imaginarios urbanos e imaginación urbana: Para un recorrido por los lugares comunes de los estudios culturales urbanos.** In EURE (Santiago) v.28 n.83 Santiago, 2002.
- GROSJEAN, Michèle ; THIBAUD, Jean-Paul [Org.]. **L'Espace Urbain em Méthodes.** Marseille: Éditions Parenthèses, 2001 [Collection Eupalinos – série Architecture et Urbanisme].
- GUATTARI, Felix. **Caosmose: um novo paradigma estético.** [Trad. Ana Lucia de Oliveira e Lucia Claudia Leão]. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- GUIMARÃES, Marcelo Pinto. **Behavioral Factors in Barrier-Free Design.** Dissertação de Mestrado em Arquitetura. State University of New York at Buffalo, 1990.
- GUPTA, Akhil & FERGUSON, James. **Mais Além da “Cultura”: espaço, identidade e política da diferença.** In ARANTES, Antonio A (Org.). **O espaço da Diferença.** Campinas, SP: Papirus, 2000.
- HALL, Edward T. **A Linguagem Silenciosa.** [tradução Manuela Paraíso]. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1994 [Antropos].
- _____. **A Dimensão Oculta.** [Trad. Sônia Coutinho]. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1966.
- HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** [trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves]. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- _____. **The Urban Experience.** Oxford: Blackwell, 1992.
- _____. **A Justiça Social e A Cidade.** [Trad. Armando Corrêa da Silva]. São Paulo: Ed. Hucitec, 1980.
- HASELAGER, W.F.G. & GONZALEZ, M.E.Q. **A identidade pessoal e a Teoria da Cognição Situada e Incorporada.** In M.C. Broens, C.B. Milidoni, (Eds.). **Sujeito e Identidade pessoal: Estudos de filosofia da mente.** (pp.95-111). São Paulo, Cultura Acadêmica, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. **Batir, Habiter, Pensar.** In **Essais et Conférences.** Gallimard. Paris, 1980.
- _____. **Le Chemin de Campagne.** Francfort-sur-le-Main: Vittorio Klostermann, 1965.
- _____. **Conferências e Escritos Filosóficos.** [Trad Ernildo Steins]. In **Coleção Os Pensadores, Vol. XLV.** São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1973.

- HILLMAN, James. **Cidade & Alma**. [Trad. Gustavo Barcellos e Lúcia Rosemberg]. São Paulo: Studio Nobel, 1993. (Cidade Aberta).
- HUNTER, David E.; WHITTEN, Phillip. **Anthropology as a Point of View**. In HUNTER, David E.; WHITTEN, Phillip. *Anthropology: Contemporary Perspectives*. Boston: Little, Brown & Co, 1976.
- Informa 5**. setembro 2005. www.planosdiretores.com.br.
- IBAM. **Quando a Rua vira Casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; VOGEL (Coord..). Rio de Janeiro: IBAM/FINEP, 1981.
- IBGE. **Censo Demográfico Brasileiro 2000**.
- INTRATOR, Simone. **De volta à criação musical**. Entrevista Os Paralamas do Sucesso. In Revista de Domingo O Globo. Ano 2, N.66, 30 DE OUTUBRO DE 2005.
- IPANEMA. In www.almacarioca.com.br/ipanema.htm .
- ITTELSON, William H. et al. **An Introduction to Environmental Psychology**. New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1974.
- JACOBS, Jane. **A Morte e a Vida das Grandes Cidades**. [Trad. Carlos S. Mendes Rosa]. São Paulo: Martins Fontes, 2000. – (Coleção a).
- _____. **The Death and Life of Great American Cities: the failure of town planning**. Pelican: Middlesex, 1974.
- _____. e FINCHER, Ruth (Org.). **Cities of Difference** New York : The Guilford Press, 1998.
- JAPIASSU, Hilton. **A Epistemologia Histórica de Gaston Bachelard**. In Japiassu, Hilton. *Introdução ao Pensamento Epistemológico*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Ed., 7ª. Ed.: s/d
- JEUDY, Henri-Pierre. **O Corpo como objeto de arte**. [Trad. Tereza Lourenço]. – 3ª. Ed. – São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- JODELET, Denise. **A Cidade e a Memória**. In DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose & RHEINGANTZ, Paulo Afonso. (Orgs.) **Projeto do Lugar: colaborações entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria Ltda, 2002.
- KAFER, Alison. **Desejo amputado, desejo resistente - mulheres amputadas e a comunidade de devotee**. (tradução de Rita Amaral) In: Os Urbanitas - Revista de Antropologia Urbana, Edição Aguaforte Assessoria Web, ano 1, vol. 1, julho de 2004. Disponível na Internet no URL: www.osurbanitas.org

- KOHLSDORF, Maria Elaine. **Brasília em Três Escalas de Percepção**. In DEL RIO & OLIVEIRA, (Org.). *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. [ed. Organizada por Lisa Ullmann]; [trad. Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto]. São Paulo: Summus, 1978.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. 13 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. [Coleção Antropologia Social].
- LE BLANC, Guillaume. **Les créations corporelles : une lecture de Merleau-Ponty**. *Methodos*, 4 (2004), Penser le corps. <http://methodos.revues.org/document129.html>.
- Lei Federal Brasileira 10257/2001. **O Estatuto da Cidade**.
- LERNER, Jaime. **Acupuntura Urbana**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LEFEBVRE, Henri. **La Production de l'Espace**. Librairie de l'architecture et de la ville, Centre national du livre et Direction de l'architecture et du patrimoine. Paris : Ed. Anthropos, 2000, 4^a édition.
- _____. **O Direito à Cidade**. [Trad. Rubens Eduardo Frias]. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.
- _____. **Introduction à la Psycho-Sociologie de la Vie Quotidienne**. Encyclopédie de la Psychologie. Éditions Fernad Nathan, 1960, p.102-107.
- LIFCHEZ, Raymond. **Rethinking Architecture : Design Students and Physically Disabled People**. California: University of California Press, 1987.
- LIFCHEZ, Raymond; WINSLOW, Barbara. **Design for Independent Living: The Environment and Physically Disabled People**. University of California Press: Berkeley and Los Angeles, 1979.
- LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. [trad. Maria Cristina Tavares Afonso]. Lisboa: Edições 70, 1990.
- MACIEL, Tania M. de Freitas Barros; **Contribuições da Ecologia Humana para a Psicologia Social Moderna: perspectivas para uma ecologia social**. In Arquivos Brasileiros de Psicologia, Sociedade e Ecologia, Vol. 50 – No 4. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia UFRJ, Imago, CNPq, 1998.
- _____. **Paradigmas e Desafios da Ecologia Social: aplicações das teorias e das práticas de um projeto de desenvolvimento local**. In Campos, Regina Helena de Freitas; GUARESCHI, Pedrinho. [Orgs.] *Paradigmas em Psicologia Social: A perspectiva Latino-Americana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Rua, símbolo e suporte da experiência urbana.** [online]. in: NAU-Núcleo de Antropologia Urbana da USP Disponível via WWW no URL <http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html>. Capturado em 21/11/2003.
- MARIANI-ROUSSET, Sophie. **La méthode des parcours dans les lieux d'exposition.** In GROSJEAN, Michèle ; THIBAUD, Jean-Paul [Org.]. **L'Espace Urbain em Méthodes.** Marseille: Éditions Parenthèses, 2001 [Collection Eupalinos – série Architecture et Urbanisme].
- MARQUES, Carlos Alberto. **A Estetização do Espaço: perspectivas de Inserção ou de Exclusão da Pessoa Portadora de Deficiência.** Núcleo de Educação Especial – NESP. <http://www.nesp.ufjf.br/estet.htm> - acessado em 13/07/02.
- MAZZONI, Albero Angel. **Deficiência x Participação: Um desafio para as Universidades.** Tese de Doutorado, Florianópolis, UFSC, 2003.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Ministério das Cidades. Secretaria Nacional de Transporte e da Mobilidade Urbana. Instituto Polis. Mobilidade Urbana. 2005.
- MOLES, Abraham A. ; ROHMER Élisabeth. **Psychologie de l'espace.** In RAGON, Michel [directeur]. Collection « Synhèses Contemporaines ». Belgique : Casterman, 1978.
- MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978
- NASCIUTTI, Jacyara C. Rochael. **Reflexões sobre o espaço da Psicossociologia.** In Documenta No. 7, Programa EICOS/Cátedra Unesco de Desenvolvimento Durável, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.
- NERI, Marcelo et al. **Retratos da Deficiência no Brasil.** Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2003.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: Paysage, Ambiance, Architecture.** Bruxelles: Pierre Mardaga Ed., 1981.
- NORIEGA, P. **Teorias de Percepção Visual e Percepção do Movimento.** (apontamentos de matéria do módulo sobre Percepção). Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.
- NOVAES, Adauto (Org.). **O Homem-Máquina: a ciência manipula o corpo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. **A Ciência do Corpo.** In NOVAES, Adauto (Org.). **O Homem-Máquina: a ciência manipula o corpo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

- OLIVEIRA, Flávio I. da S. & RODRIGUES, Sérgio T. (2005). **Críticas Gibsonianas à perspectiva representacionista da percepção visual**. Ciências & Cognição; Ano 02, Vol.06, nov/2005. Disponível em <http://www.cienciasecognicao.org/>
- OSÓRIO, Andréa. **A Geografia Corporal dos Espaços Abertos: reflexões sobre o corpo carioca**. In: OS URBANITAS - Revista de Antropologia Urbana Ano 2, vol.2, n.1. Disponível via www.osurbanitas.org
- PARK, Robert Ezra. **A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano**. In VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O Fenômeno Urbano**. 4ª. Edição. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979.
- PASSINI, R. **Wayfinding in Architecture**. Van Nostrand Reinhold, New York, 1984.
- PAULA, Kátia Cristina Lopes de. **A Arquitetura além da Visão: uma Reflexão sobre a Qualidade do Ambiente Construído a partir da Percepção de Pessoas Cegas**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PROARQ/FAU/UFRJ, 2003.
- PAULA, Kátia Cistina Lopes de; SANTANA, Ethel Pinheiro; DUARTE, Cristiane Rose. **Estudos Cinestésicos: uma experiência projetual em torno do “exercício experimental da liberdade”**. In Anais do II Seminário sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura (Projetar 2005).
- PAUL-LÉVY, Françoise; SEGAUD, Marion. **Anthropologie de l'espace**. Centre de Création Industrielle, Centre Georges Pompidou. Paris, 1983.
- PENNA, Antônio Gomes. **Percepção e Realidade: introdução ao estudo da atividade perceptiva**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993
- PETITDEMANGE, Guy. **Avant le monumental, les passages: Walter Benjamin**. In BAUDRILLARD, Jean. *Citoyenneté et Urbanité*. Paris : Esprit, 1991.
- PETITTEAU, Jean-Yves; PASQUIER, Élisabeth. **La méthode des itinéraires: récits e parcours**. In GROSJEAN, Michèle ; THIBAUD, Jean-Paul [Org.]. *L'Espace Urbain em Méthodes*. Marseille: Éditions Parenthèses, 2001 [Collection Eupalinos – série Architecture et Urbanisme].
- PROSHANSKY, Harold M. ITTELSON, William H. ; Et all; **An Introduction to Environmental Psychology**. New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1974.
- RAPOPORT, Amos. **Aspectos Humanos de la Forma Urbana: hacia una confrontación de las Ciencias Sociales com el diseño de la forma urbana**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, S.A., 1978.
- RENIER, Alain [Direction]. **Espace, représentation et sémiotique de l'architecture**. Colloque “Espace et Représentation”. Collection “Penser l'Espace”. Les Editions de La Villette: 2ª edição, 1989.

- RESENDE, Ana Paula Crosara de. **Todos na Cidade: o direito à acessibilidade das pessoas com deficiência em Uberlândia**. Uberlândia: Edufu, 2004.
- ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. [Trad. Eduardo Brandão]. São Paulo: Martins Fontes, 2001. – (Coleção a).
- SANOFF, Henry. **Visual Research Methods in Design**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991.
- SANSOT, Pierre. **Poetique de la Ville**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1994.
- SANTANA, Ethel Pinheiro. **A Cidade no Fragmento: Lugar e Poiesis no Largo da Carioca**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura – PROARQ/FAU/UFRJ, 2003.
- SANTOS, Carlos Néelson Ferreira dos. **Espaço e Poder: contra as tendências mais fáceis**. In Cadernos do IBAM, 1979.
- _____; VOGEL, Arno (Org.). **Quando a Rua vira Casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. Rio de Janeiro: IBAM/FINEP, 1981.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2002. – (Coleção Milton Santos; 2).
- SCHILDER, Paul. **A Imagem do Corpo: as energias construtivas da psique**. [Trad. Rosane Wertman]. – 3ª. Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999 (Psicologia e Pedagogia).
- SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. [Trad. Marcos Aarão Reis] Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. [Trad. Lygia Araújo Watanabe]. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SCHUTZ, Alfred. **Le chercheur et le quotidien**, traduit de l'américain par A.N. Noschis-Gilliéron, Paris, Méridiens-Klincksieck, 1987.
- SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Col: Convenio Andres Bello, 2001.
- SIMMEL, Georg. **Sociologie: etudes sur les formes de la socialization**. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- _____. **The Metropolis and Mental Life**. In WOLFF, Kurt. The Sociology of Georg Simmel. New York: Free Press, 1950.
- SOUZA, Mariane L. de; GOMES, William B.. **Aspectos históricos e contemporâneos na investigação do self**.
<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a09/souzagomes01.pdf>

- STIKER, Henri-Jacques. **Corps infirmes et sociétés.** – Paris: Éditions Aubier Montaigne, 1982.
- THIBAUD , J-P. **La méthode des parcours commentés.** In GROSJEAN, Michèle ; THIBAUD, Jean-Paul [Org.]. **L’Espace Urbain em Méthodes.** Marseille: Éditions Parenthèses, 2001 [Collection Eupalinos – série Architecture et Urbanisme].
- _____. **Mouvements et Perception des Ambiances Souterraines.** Les Annales de la Recherche Urbaine. Paris. 71, juin, 1996.
- THIBAUD, Jean-Paul [Org.]. **Regards en Action: ethnométhodologie des espaces publics.** Marseille: Éditions Parenthèses, 2001 [Collection Eupalinos – série Architecture et Urbanisme].
- THIBAUD, Jean-Paul. **Une approche pragmatique des ambiances urbaines.** In THIBAUD, Jean-Paul ; AMPHOUX, Pascal ; CHELKOFF, Grégoire [Org.]. **Ambiances en Débats.** À la croisée, 2004.
- THIBAUD, Jean-Paul ; AMPHOUX, Pascal ; CHELKOFF, Grégoire [Org.]. **Ambiances en Débats.** À la croisée, 2004.
- THIBAUD , J-P. e CHELKOFF, G. **L’espace Public, Modes Sensibles.** Les Annales de la Recherche Urbaine. Paris, 57-58, 1993
- THIBAUD, Jean-Paul. **Visions Pratiques em Milieu Urbain.** In THIBAUD, Jean-Paul [Org.]. **Regards en Action: ethnométhodologie des espaces publics.** Marseille: Éditions Parenthèses, 2001 [Collection Eupalinos – série Architecture et Urbanisme].
- THIBAUD , J-P. e CHELKOFF, G. **Ambiances sous la ville.** Grenoble, Cresson, Plan Urbain, 1997
- THOMAS, Rachel. **Un Piéton dans L’espace Public.** In THIBAUD, Jean-Paul ; AMPHOUX, Pascal ; CHELKOFF, Grégoire [Org.]. **Ambiances en Débats.** À la croisée, 2004.
- _____. **Ambiances publiques, mobilité, sociabilité. Approche interdisciplinaire de l’accessibilité piétonnière des villes.** Thèse de Doctorat en sciences pour l’ingénieur, Filière doctorale Ambiances Architecturales et Urbaines : Université de Nantes, Ecole Polytechnique, Laboratoire CRESSON.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** [Trad. Livia de Oliveira]. São Paulo: Difel, 1983.
- _____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** [Trad. Livia de Oliveira]. São Paulo: Difel, 1980.

- VASH, Carolyn L. **Enfrentando a Deficiência: a manifestação, a psicologia, a reabilitação.** [Trad. Geraldo José de Paiva et al.] São Paulo: Pioneira, Editora da Universidade de São Paulo, 1988. (Coleção Novos Ubrais).
- VELHO, Gilberto (Org.). **Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social.** 7^a ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999
- VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979.
- VENEU, Marcos Guedes. **O Flâneur e a Vertigem: metrópole e subjetividade na obra de João do Rio.** In Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 3, n.6, 1990, p.229-243.
- VOORDT, Theo van der; WEGEN, Herman van. **Architecture in Use: an introduction to the programming, design and evaluation of buildings.** Netherlands: Elsevier, Architectural Press, 2005.
- WANDERLEY, Mariangela Belfiore. **Refletindo sobre a Noção de Exclusão.** In SAWAIA, Bader. [Org.] **As Artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- WEISS, Meira. **The Chosen Body: the politics of the body in the Israeli society.** Califórnia: Stanford University Press, 2002.
- WEREBE, Maria José Garcia. **Corpo e Sexo: Imagem Corporal e Identidade Sexual.** In ÁVILA NETO, Maria Inácia d' (Org.). **A Negação da Deficiência: A instituição da diversidade.** Rio de Janeiro : Achiamé/Socius, 1984. – (Coleção Milton Santos; 2) .
- WIEVIORKA, Michel ; OHANA, Jocelyne (Orgs.). **La Différence Culturelle : une reformulation des débats.** Colloque de Cerisy. Paris : Éditions Balland, 2001.
- WILLET, Patrick. **Access Requirements & Spatial Awareness: how my role in the environment has changed.** In WALKER, Andrew. **Universal Access and Built Environment or From Glacier to Garden Gate.** Londres: Architectural Association, 1994.
- ZEISEL, John. **Inquiry By Design: Tools for Environment-Behavior.** Research. Califórnia: Brooks/Cole Publishing Company, 1981.

Sites

<http://www.eicos.psycho.ufrj.br>. O Vídeo na Pesquisa.

<http://www.nce.ufrj.br/http://www.nce.ufrj.br/> Universidade Federal do Rio de Janeiro

Publicado em: 18/6/2001

<http://home.earthlink.net/~hsbecker/calvino.html>. Italo Calvino as Urbanologist
acessado 27/02/2004.

http: www.acasicos.com.br/edipo.html. O Mito de Édipo – acessado em 30/04/2005.

Ministério das Cidades. <http://www.cidades.gov.br>.

<http://www.planosdiretores.com.br> . Informa 5, setembro 2005.

LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CIF – Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde

CREA – Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia

NBR – Norma Brasileira

OMS – Organização Mundial de Saúde

SEMOB – Secretaria Nacional de Transporte e Mobilidade Urbana

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Pessoas com Deficiência no Mundo

Gráfico 2: Pessoas com Deficiência no Brasil

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Proporção da população com uma das deficiências, segundo as grandes regiões.

Tabela 2: Caracterização das pessoas com deficiência pesquisadas

Tabelas 3 a 11: Caracterização das pessoas e dos percursos pesquisados

Tabela 12: Pessoas com Deficiência no Rio de Janeiro

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF/OMS)

Quadro 2: Caracterização das Deficiências – Decreto Federal 5296 de 2004.

Quadro 3: Restrições à percepção, compreensão e ação.

LISTA DE FIGURAS

Fig 1: O corpo www.geminaliteratura.com.br/almandrade

Fig 2: O corpo deficiente em movimento - Henri-Jacques Stiker

Fig 3: Berkeley - CA - Travessia de Rua - www.transitorienteddevelopment.dot.ca.gov

Fig 4: Rampa no Metrô de Buffalo – NY

Fonte da autora

Fig 5: San Antonio – EUA

Fig 6: Parque em Montreal – Canadá

Fonte: Márcia Kauffmann

Fig 7: Travessia na Place de L'Opera – Paris – França

Fig 8: Esquina com rampa em Paris - França.

Fig 9: Rua de Pedestres em Santiago Chile

Fig 10: Andrea Vesalius - De Humani Corporis Fabrica

Fig 11: mulher deficiente em cadeira de rodas. - Fonte: site Corbis set 2005

Fig 12: homem deficiente em cadeira de rodas. - Fonte: Raymond Lifchez, 1979.

Fig 13: Corpo em Metrópolis

Fig 14: Corpo Deficiente no Espaço. - Fonte: Raymond Lifchez, 1979.

Fig 15: Pessoa Idosa no Espaço. - Fonte: site Corbis.

Fig 16: Deficiente caminhando. - Fonte: Raymond Lifchez, 1979.

Fig 17: Amputado caminhando. - Fonte: site Corbis.

Fig 18: Adão e Eva - Fonte: wikipedia

Fig 19: Doríforo de Policleto - Mito da beleza clássica de corpo.

Fig 20: Édipo - www.fflch.usp.br/dh/heros/personas/ edipo-ensaios-visaoidades

Fig 21: Leonardo da Vinci – corpo inscrito em um espaço.

Fig 22: Miguelangelo. - Corpos em tensão.

Fig 23: Modulor de Le Corbusier. - Proporção, equilíbrio e harmonia do corpo.

Fig 24: Elevador para a Estação do Metro na Av Paulista em SP

Fig 25 : Vitória – ES - Calçada Cidadã

Fig. 26: Diferentes ângulos de visão.

Fig 27 e 28: Diferentes posturas corporais